

2.º CICLO DE ESTUDO

Mestrado em Sociologia

# O Cerco é a minha casa! Apropriações e identidades face ao espaço habitado

Sofia Alexandra Ribeiro de Sousa

# M

2018



**Sofia Alexandra Ribeiro de Sousa**

**O Cerco é a minha casa! Apropriações e identidades face ao  
espaço habitado**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientada pela Professora  
Doutora Paula Maria Guerra Tavares

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2018



# O Cerco é a minha casa! Apropriações e identidades face ao espaço habitado

Sofia Alexandra Ribeiro de Sousa

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientada pela  
Professora Doutora Paula Maria Guerra Tavares

## Membros do Júri

Professor Doutor José Virgílio Borges Pereira  
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professora Doutora Teresa Maria Vieira de Sá Marques  
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professora Doutora Paula Maria Guerra Tavares  
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Classificação obtida: 18 valores

*Conhecer o outro implica reconhecer  
aquilo que nós não somos...*



# Sumário

Agradecimentos.....	1
Resumo.....	2
Abstract .....	3
Índice de Figuras .....	4
Índice de Tabelas.....	5
Índice de Gráficos .....	6
Lista de abreviaturas .....	7
Introdução .....	8
PARTE I: DA CIDADE AO BAIRRO .....	10
Capítulo 1 As transformações na cidade existente.....	10
Capítulo 2 Políticas habitacionais: o caso portuense.....	16
2.1. O Estado Novo e a habitação .....	17
2.2 A habitação social nos centros e nas periferias .....	19
2.3 Planos de intervenção urbana.....	24
Capítulo 3 Processos portuenses de exclusão e marginalização urbana.....	29
3.1 Impactos nas identidades e trajetórias de vida .....	33
3.1.1. Cidade, bairros e mulheres .....	35
PARTE II: DO BAIRRO ÀS VIDAS .....	43
Capítulo 4 Recorte e aproximação ao bairro .....	43
4.1 Um Bairro mediático: considerações acerca dos discursos mediáticos sobre o Bairro do Cerco do Porto.....	45
4.2 A importância da cartografia simbólica nas ciências sociais: o Bairro do Cerco como objeto .....	50
Capítulo 5 Olhares, processos e ferramentas.....	67
PARTE III: DAS VIDAS NA CIDADE E NO BAIRRO.....	74
Capítulo 6 Bairro de vidas.....	74
6.1. O que se viu.....	74
6.2. O que se ouviu.....	85
Considerações finais.....	107
Referências de livros e artigos .....	110
Referências estatísticas, relatórios e comunicações .....	117
Referências de jornais .....	119
Referências de sites, médias e blogues.....	124

Anexos.....	125
Anexo 1: Gráfico com valores para a população residente (total), de acordo com as freguesias com base nos Censos de 2011. ....	126
Anexo 2: Mapa com informação da BGRI relativa aos alojamentos e a sua evolução no Grande Porto em 1991, 2001 e 2011.....	127
Anexo 3: Categorias e subcategorias de análise para os discursos mediáticos .....	128
Anexo 4 Legenda para a Figura 6 e 7.....	129
Anexo 5: Cronograma de pesquisa.....	131
Anexo 6: Categorias e dimensões para os registos de Observação direta .....	132
Anexo 7: Guiões de entrevistas semiestruturadas ao nível das biografias/histórias de vida. ....	133
Anexo 8: Mapa com os grupos etários observados .....	136
Anexo 9: Tabela relativa aos comportamentos observados para o sexo masculino .....	137
Anexo 10: Mapa com as atitudes observadas.....	138
Anexo 11: Mapa síntese referente aos polos de venda e/ou consumo de SPA .....	139
Anexo 12: Categorias e subcategorias de análise para as entrevistas .....	140
Anexo 13: Mapa com os estados de conservação no bairro do Cerco do Porto.....	142



## **Declaração de honra**

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 2018/12/10

Sofia Sousa

## Agradecimentos

*Recomeça...  
Se puderes,  
Sem angústia e sem pressa.  
E os passos que deres,  
Nesse caminho duro  
Do futuro,  
Dá-os e liberdade.  
Enquanto não alcances  
Não descanses.  
De nenhum fruto queiras só metade.*

*E nunca saciado,  
Vai colhendo  
Ilusões sucessivas no pomar  
E vendo  
Acordado,  
O logro da aventura.  
És homem, não te esqueças!  
Só é tua a loucura  
Onde, com lucidez, te reconheças.  
(Miguel Torga, Diário XIII)*

Nesta fase não posso deixar de agradecer aos meus pais e aos meus avós. Todas as palavras do mundo não seriam suficientes para expressar o meu sentimento de gratidão, são o meu pilar e sem os vossos sacrifícios, lutas e palavras de encorajamento, este processo teria sido muito difícil. Quero também agradecer especialmente ao Rui, pelas conversas sem fim, pelo apoio e pelas palavras que me animavam em dias complicados, obrigado pelo companheirismo e por tudo o resto. Ainda um agradecimento em particular à Professora Doutora Paula Guerra, minha orientadora, pelos conselhos e incentivos que sempre estiveram presentes e que se revelaram tão importantes. Por fim, a todos aqueles que de certo modo contribuíram e que estiveram presentes durante este processo, um agradecimento especial.

## **Resumo**

O tecido urbano e social é repleto de nuances, quer seja ao nível da configuração espacial, quer ao nível das suas representações e apropriações. Deste modo, viver, habitar e usufruir de um espaço social urbano, alvo de inúmeros fatores de segregação e exclusão social, implica um impacto nas trajetórias, rumos e identidades pessoais e coletivas. Um território corresponde às suas características morfológicas, mas também às suas populações, uma vez que os seus imaginários, ligações estabelecidas com os espaços e projetos, em conjunto, contribuem inclusivamente para uma definição de um espaço. Não podemos analisar determinado local sem os indivíduos, nem os indivíduos sem ter em consideração o local. Neste âmbito, bairros sociais periféricos apresentam condições particularmente específicas, denotando-se aspetos singulares e identificativos de modos de vivência e de sentimentos face a processos de exclusão social e urbana. Assim, esta Dissertação prende-se com uma análise que se focalizou espacialmente no bairro do Cerco do Porto – situado na freguesia de Campanhã – devido aos discursos negativos relativos ao mesmo. Neste contexto procuramos compreender e perceber qual a extensão da influência (ou não) dos processos de exclusão social nas identidades, trajetórias e histórias de vida das mulheres desse mesmo bairro, sendo que para tal temos como ponto de partida uma metodologia qualitativa, com o objetivo de estabelecer uma caracterização e mapeamento deste segmento populacional (as mulheres), como estas se auto representam e são representadas por outros, dentro de um espaço alvo de múltiplas formas de exclusão e segregação. A resolução da exclusão apenas será possível se for feito um processo de auscultação das necessidades e discursos, daqueles que realmente a vivem e sentem diariamente.

**Palavras chave:** urbano, exclusão social, identidades, bairro, mulheres.

## **Abstract**

The urban and social tissue is full of nuances, both at the level of spatial configuration and at the level of representations and appropriations. In this way, living and enjoying an urban social space, which is the target of numerous factors of segregation and social exclusion, implies an impact on the trajectories, directions, personal and collective identities. A territory corresponds to its morphological characteristics, but also to its populations since it's their imaginary, established links with spaces and projects, together, that also contribute to a definition of a space. We cannot analyse a place without the individuals, nor the individuals without taking into account the place. In this context, peripheral social districts present particularly specific conditions, denoting themselves singular and identifying aspects of ways of living and feelings in the face of processes of social and urban exclusion. Thus, this dissertation deals with an analysis that focused spatially on the neighbourhood Cerco of Oporto - located in the parish of Campanhã - due to the negative discourses related to it. In this context, we seek to understand the extent of the influence (or not) of the processes of social exclusion in the identities, trajectories and life histories of the women in the same neighbourhood, and for that we have as a starting point a qualitative methodology, with the objective to establish a characterization of this population segment (women), how they represent themselves and also how they are represented by others, within a target area of multiple forms of exclusion and segregation. The resolution of exclusion will only be possible if a process of listening to the needs and speeches of those who live and feel it daily is made.

**Key Words:** urban, social exclusion, identities, neighbourhood, women.

## Índice de Figuras

Figura 1 Modelo teórico-concetual .....	11
Figura 2 Vista do Bairro, a partir da Rua do Cerco.....	16
Figura 3 População residente, sua densidade e sua evolução no Grande Porto (1991, 2001 e 2011) .....	22
Figura 4 Algumas dimensões relevantes sobre o papel da mulher.....	40
Figura 5 Vista do Bairro do Cerco, a partir da Rua Peso da Régua .....	43
Figura 6 Bairros, segundo o período de fundação no Grande Porto, em 2018.....	56
Figura 7 Bairros, segundo a Tipologia no Grande Porto, em 2018.....	60
Figura 8 Breve exemplo da estandardização visual (Augusto, 1998), no Bairro do Cerco do Porto .....	62
Figura 9 Síntese analítica da investigação.....	69
Figura 10 As representações de género e os espaços de observação no Bairro do Cerco (Porto), em 2018.....	77
Figura 11 Síntese das representações dos sentimentos de segurança, no Bairro do Cerco .....	84
Figura 12 Visão dos portões e do estado de degradação, no Bairro do Cerco do Porto.....	99
Figura 13 Estado de conservação e de limpeza do Bairro do Cerco do Porto em 2018.....	100

## Índice de Tabelas

Tabela 1 Bairros de Casas Económicas construídos no Porto.....	20
Tabela 2 Número de Notícias do Jornal Público (2012 a 2017) de acordo com a sua extensão .	46
Tabela 3 Interações sociais do género feminino segundo os locais da sua ocorrência, no Bairro do Cerco em 2018 .....	80
Tabela 4 Referências a sentimentos de auto e hétero exclusão no e do Bairro do Cerco (Número) .....	88
Tabela 5 Referências às pertenças e afetos face ao Bairro (Número) .....	96

## Índice de Gráficos

Gráfico 1 Comparação da população residente em valores absolutos, com base nos dados dos Censos de 2011 .....	21
Gráfico 2 Análise das notícias sobre o Bairro considerando a sua extensão e as categorias de análise (Número).....	47
Gráfico 3 Frequência das categorias de análise de acordo com o ano de edição do Jornal Público (Número).....	48
Gráfico 4 Interações observadas, de acordo com o sexo género feminino, no Bairro do Cerco do Porto, em 2018 .....	79
Gráfico 5 Interações sociais do género feminino no Bairro do Cerco do Porto, em 2018.....	81

## **Lista de abreviaturas**

BGRI – Base Geográfica de Referenciação de Informação

C.A.T.L – Centro de Atividades de Tempos Livres

C.H – Conjunto Habitacional

CLS – Contrato Local de Segurança

CRUARB – Comissariado para a Renovação Urbana das áreas Ribeira/Barredo

IBC – Iniciativa Bairros Críticos

IEFP – Instituto do Emprego e Formação Profissional

PEH – Plano Estratégico de Habitação

RMG – Rendimento Mínimo Garantido

RSI – Rendimento Social de Inserção

SAAL – Serviço de Apoio Ambulatório Local

SPA – Substâncias Psicoativas



## Introdução

Em termos históricos vários planos de intervenção em territórios desfavorecidos - concretamente em bairros sociais - foram implementados, mostrando desde logo a carência destes territórios, e ainda as necessidades sociais inerentes aos mesmos. As diversas fragmentações sociais e territoriais foram agravadas pelas conjunturas económicas que se fizeram sentir no país, no que concerne o aumento dos níveis de desemprego e da precariedade laboral, uma existência significativa de baixos níveis de escolaridade e por conseguinte, altas taxas de abandono escolar. Todos estes eixos são tanto ou mais evidentes quando analisamos o contexto da habitação social, levando a uma perpétua imagem depreciativa destes territórios de condição periférica. Projetos de intervenção como a *Iniciativa Bairros Críticos* (2005) refletem estes mesmos pontos, nomeadamente ao nível da intervenção estatal em locais profundamente marcados por estas conjunturas, em situação de exclusão social e de marginalização urbana. A presente Dissertação e conseguinte análise sociológica ancorou-se nestes eixos, partindo posteriormente e especificando o nosso objetivo de estudo num segmento populacional, alvo de múltiplas vulnerabilidades, com a intenção de compreender e perceber as identidades sociais, através dos discursos e práticas decorrentes e recorrentes numa trama de sucessivas exclusões sociais. Surge então a freguesia de Campanhã, mais precisamente o bairro do Cerco do Porto, espaço social problemático e problematizado, assim, foi de nosso interesse estabelecer relações inerentes às identidades sociais de mulheres desse mesmo bairro, vítimas ou alvos de processos de exclusão e de estigma.

Além da vivência em habitações de carácter social, interrogamo-nos sobre quais seriam os outros fatores que poderiam ser apontados como causas diretas ou indiretas de influência nas trajetórias, identidades e histórias destas mulheres do bairro do Cerco, mas inclusive como estas se repercutem (ou não) no futuro. Para tal, a análise metodológica é de pendor qualitativo, adequada para a exploração de fenómenos deste género e, em termos de técnicas, a observação direta de carácter etnográfico para análise dos espaços públicos e habitacionais, e a entrevista semiestruturada ao nível das histórias de vida aplicada às mulheres do bairro do Cerco do Porto.

Esta Dissertação procurou compreender *De que forma é que a vivência no Bairro do Cerco do Porto influencia as histórias de vida e os sentimentos de pertença inerentes à*

*população, nomeadamente por parte das mulheres desse mesmo Bairro, e para tal precedem objetivos gerais e específicos de análise aos processos de exclusão social vivenciados pelas mulheres deste bairro, e ainda um entendimento dos modos de construção identitária e suas práticas e trajetórias de vida. Assim, esta investigação estará presente nos seguintes eixos de análise sociológica:*

- *Capítulo 1. A transformação na cidade existente* destina-se a um enquadramento subjacente à importância da cidade, bem como uma apresentação dos fundamentos da pesquisa;
- *Capítulo 2. Políticas habitacionais: o caso portuense* propõe uma viagem pelas intervenções e estudos feitos na área da habitação, desde o seu caráter históricos com a intervenção do Estado Novo, a políticas mais recentes de intervenção urbana;
- *Capítulo 3. Processos portuenses de exclusão e marginalização urbana* associado a uma análise destes mesmos processos de exclusão, estigma e marginalização urbana, testando possíveis impactos dos mesmos nas trajetórias e nas identidades pessoais e coletivas, sendo que ainda é feita uma reflexão sobre o papel que as mulheres desempenham nas sociedades atualmente;
- *Capítulo 4. Recorte e aproximação ao bairro* referente a uma primeira viagem metodológica face ao nosso objeto de estudo, nomeadamente ao nível dos discursos mediáticos e uso da Cartografia Temática;
- *Capítulo 5. Olhares, processos e ferramentas* expõe as opções teórico-metodológicas, e ainda entraves, constrangimentos e dificuldades que tenham surgido ao longo do processo de investigação, mas também a superação ou não destas;
- *Capítulo 6. Bairro de vidas* no qual aprofundamos analiticamente os resultados obtidos através daquilo que vimos no decorrer das Observações, mas igualmente aquilo que ouvimos – o *busílis* da nossa Dissertação – ou seja, os discursos das mulheres do Cerco do Porto.

Com este trabalho pretendemos contribuir não só para os estudos de processos de construção identitária individual e coletiva, mas também fornecer algumas considerações e contributos relativos à habitação social no Grande Porto, possibilitando a comparação entre vários bairros sociais, permitindo e facilitando a intervenção nestes contextos.

## PARTE I: DA CIDADE AO BAIRRO

### Capítulo 1 As transformações na cidade existente

*Sim, é talvez tudo uma ilusão...E a Cidade a maior ilusão!*  
(Eça de Queirós)

A elaboração de um projeto de investigação sobre a cidade do Porto e, mais especificamente, uma tipologia de análise que incide nas questões habitacionais e todos os seus problemas, torna-se complexo dada a imensidade de conceitos, teorias, problemáticas e variantes. Com o desenvolvimento e os movimentos que, cada vez mais, caracterizam a cidade do Porto, torna-se fulcral nesta fase de investigação a reflexão sobre todas as questões e temas que abordem a cidade e a evolução da mesma, sendo que posteriormente será feito um processo de estreitamento de acordo com a problemática da habitação social no Porto.

Deste modo procurou-se adotar uma estratégia de análise multidisciplinar, elencando as visões sobre a evolução da cidade consoante as diversas disciplinas como a História, Geografia e a Sociologia, no que concerne as representações, simbologias, sentimentos e/ou significados inerentes à população que compõe o tecido urbano portuense. Citando François Ascher (1998), o rumo da investigação deverá ser pautado por “considerar a cidade como complexa e não só como complicada” (Ascher, 1998, p.141)<sup>1</sup>.

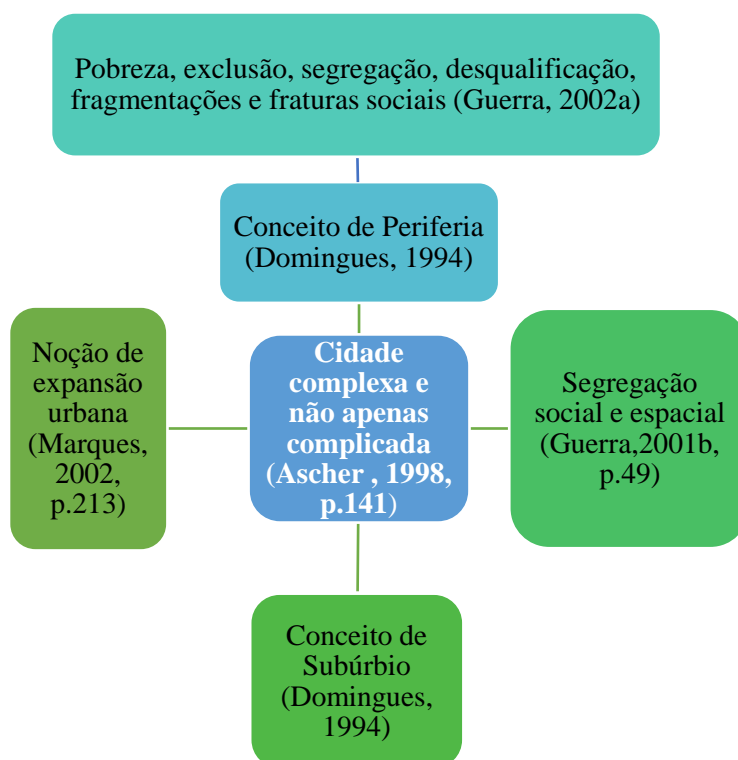
No século XIX, marco temporal relevante, devido ao fenómeno de industrialização e processos de urbanização, sucedem comportamentos de desenvolvimento desenfreado e súbito das cidades que proporcionaram uma transformação profunda na forma de organização das mesmas, bem como na sua distribuição habitacional. Uma vez que o processo de transformação da cidade não foi estanque numa janela temporal, os processos de transformação e recomposição apresentam dimensões que são fundamentais para uma análise aprofundada e detalhada, tais como a emergência de tendências segregadoras – que serão abordadas numa fase mais

---

<sup>1</sup> Postulando que “funcione tendo na base lógicas e racionalidades múltiplas eventualmente contraditórias; que forme um sistema aberto; que os seus equilíbrios são instáveis; que variações ligeiras podem engendrar mudanças consideráveis; que evoluções são geralmente irreversíveis” (Ascher, 1998, p.141).

avançada deste trabalho – cada vez mais evidentes num nível macrosociológico que é a estrutura espacial do tecido urbano, dando origem a um lugar pouco coeso em termos sociais, “[...] A primeira das dimensões/eixos de análise de recomposição social e espacial do tecido urbano centra-se no que muitos apelidam de fragmentação acelerada das formas urbanas” (Guerra, 2002a, p.10). Ainda a este respeito não podemos deixar de lado os contributos de Teresa Sá Marques (2002) que se interligam de certo modo com os contributos ainda agora mencionados de Guerra (2002<sup>a</sup>), no sentido em que a autora menciona o crescimento das cidades de acordo com um planeamento municipal de certo modo descontrolado, sendo de ressaltar a noção de expansão urbana que acarreta em si mesma uma espécie de concentração descentralizada do edificado (Marques, 2002), assim, neste campo, remetemos a nossa conexão com os aglomerados de habitações sociais. Logo, ao longo do processo de urbanização, a cidade torna-se num palco de apropriações diferenciadas e distintas que decorrem dos múltiplos agentes sociais que nela têm vindo a atuar, originando uma multiplicidade de expressões simbólicas e sociais.

**Figura 1 Modelo teórico-concetual**



Fonte: Elaboração própria.

A formação de uma cidade implica necessariamente uma dimensão simbólica baseada numa dupla hermenêutica entre aquilo que é a vida social e as experiências quotidianas pois, o simbolismo urbano representa um ponto de referência estrutural e, por outro lado as atividades e práticas produzem e reproduzem a forma urbana, logo, o facto de as cidades se terem expandido trazem consigo mudanças e alterações, vejamos “(...) Os espaços de residência alargaram-se (...). O tecido urbano perdeu continuidade e ficou mais fragmentado (...)” (Marques, 1999, p.21). Esta mesma produção e reprodução das formas urbanas, podem ser analisadas segundo dois aspetos, sendo aqui que emerge a distinção entre centro e periferia/subúrbio.

Remetendo a análise para Álvaro Domingues (1994), este afirma que os conceitos de periferia e subúrbio estão cada vez mais banalizados, dificultando encontrar uma definição clara ou representativa daquilo que eles são na sua íntegra, contudo, é sabido que estes são usados com uma conotação negativa por oposição a um centro, entrando aqui a questão da imagem criada externamente. O mesmo ainda afirma que “É o grau de afastamento a um centro que clarifica a posição periférica (física, social, morfológica, etc) e esta é-o tanto mais quanto maior é a visibilidade, o poder e a clareza dos atributos da condição central” (Domingues, 1994, p.5). No que toca à periferia esta também pode ser definida e entendida, não só pela densidade e intensidade do relacionamento a nível local, mas pela dependência face às áreas centrais e aos locais de destino dos habitantes pendulares, enquanto o subúrbio se transforma numa variante da condição periférica descrita previamente, que pode ser contextualizado num padrão de urbanização que atingiu uma escala alargada,

*A cidade compacta, de limites precisos, estilhaça-se num conjunto de fragmentos distintos onde os efeitos de coesão, continuidade e de legitimidade urbanística, dão lugar a formações territoriais urbanas complexas, territorialmente descontínuas e ocupando territórios cada vez mais alargados* (Domingues, 1994, p.6).

Com as políticas mais recentes de agregação de freguesias, a elasticidade territorial que é defendida, passa a ser vista como a única forma de evitar uma excessiva fragmentação de áreas administrativas dentro de uma metrópole, funcionalmente mais coesa e vasta em termos territoriais. A teoria do ciclo de vida das cidades representa um modelo formal do tipo histórico-descritivo utilizado para caracterizar as dinâmicas de

crescimento existentes, estando dividida em etapas, nomeadamente a urbanização, a suburbanização, desurbanização e re-urbanização. Assim,

*O modelo baseia-se apenas nos valores de população residente e define a cidade como uma aglomeração dividida em suas sub-áreas; o centro [...] e a área periférica [...], contígua ao centro e lugar de origem dos movimentos pendulares (Domingues, 1994, p.11).*

Para o efeito entende-se o conceito de desurbanização como uma perda de população e do emprego no conjunto de aglomerações urbanas, porventura a re-urbanização consiste numa retoma do centro, acompanhado de processos de requalificação urbana dos centros históricos e de áreas semiperiféricas. Após esta breve contextualização da cidade, foi-nos possível avançar para a delimitação do nosso objeto de estudo, o Bairro do Cerco do Porto e, ainda de forma mais aprofundada, para um estudo sobre o papel das mulheres neste espaço. Numa fase inicial foi elaborada a questão de partida que vai guiar a investigação, nomeadamente: *De que forma é que a vivência no Bairro do Cerco do Porto influencia as histórias de vida e os sentimentos de pertença inerentes à população, nomeadamente por parte das mulheres desse mesmo Bairro?*

Com a elaboração e definição da questão de partida e tendo como referencial uma pesquisa bibliográfica, procedeu-se à criação de objetivos gerais e específicos de análise. Quanto aos objetivos gerais, os mesmos são:

1. Demonstrar as vivências quotidianas das mulheres no Bairro do Cerco como um processo estrutural de vivência num contexto de exclusão e de estigma imposto por imperativos económicos e políticos.
2. Patentear nas histórias destas mulheres, percursos e formas de vida de enfrentamento de segregação, estigmas e exclusão.
3. Analisar a importância económica, social e cultural da vivência num bairro de habitação social por parte das mulheres, e a sua tradução em identidades particulares.

De forma a aprofundar e delimitar ainda mais a nossa análise e o foco desta investigação, serão de seguida apresentados os objetivos de pesquisa específicos:

1. Compreender de que forma os discursos mediáticos influenciam o processo de vivência no Bairro do Cerco do Porto, dando origem a cenários e sentimentos de exclusão.
2. Analisar até que ponto as conjunturas económicas, políticas e sociais determinam o gosto pelo Bairro, dando origem a alterações no processo estrutural de vivência dos indivíduos bem como mudanças nos modos de usufruição e apropriação do espaço social habitado.
3. Perceber em que medida as histórias, percursos e modos de vida das mulheres do Bairro do Cerco do Porto podem ser afetadas por sentimentos e discursos de segregação, estigmatização e exclusão por meio de forças exteriores ao Bairro.
4. Compreender os moldes em que a vivência numa periferia da Cidade do Porto pode afetar os sentimentos de pertença a um determinado espaço social e físico e, por conseguinte, até que ponto a vivência numa periferia é um meio criador de uma certa identidade particular e coletiva.

Além destas considerações sobre a cidade, devemos apresentar alguns eixos teóricos que se relevam interessantes nesta fase inicial, principalmente no que toca a intervenção social da população das periferias, mais concretamente, população que habite em contextos territoriais desfavorecidos como os bairros sociais. Dentro deste temos os “[...] danos colaterais” (Santos, 2015, p.2). Quer a abordagem seja feita pela localização geográfica dos bairros, quer pela sua população, de todo o modo não nos podemos esquecer da trama das identidades, quer sejam elas ao nível pessoal, do indivíduo, da sua personalidade, quer pela identidade territorial. O que aqui se constata é que uma identidade territorial com ideias pejorativas a ele associados afeta o esquema funcional e os seus indivíduos, muitas vezes este tipo de noções faz com que os seus residentes se resignem, não contestem ou tentem intervir sobre tal, pelo contrário, acabam por aceitar e interiorizar – ainda que de forma inconsciente por vezes – estes estigmas e representações simbólicas negativas. Então, até que ponto é que as mulheres do bairro do Cerco do Porto interiorizaram e deixaram ser moldadas por estas mesmas representações negativas as suas identidades? De que modo é que estas mulheres se resignaram com tais sentimentos? Será que tentam contrariar tais opiniões?

*Grande parte dos habitantes destes bairros vive, de forma intensa, este movimento paradoxal de integração/exclusão. Se por um lado, aspiram a um modo de vida diferenciado, não excludente e socialmente normalizado, por outro lado, por força, muitas vezes, dos olhares exteriores ao bairro que traduzem a distância que os outros preferem manter, encerram-se dentro do bairro face à sociedade mais alargada, mantendo comportamentos auto-defensivos e auto-justificatórios da sua própria condição, conduzindo a uma homeostase funcional e não a um processo de mudança social. (Santos, 2015, p.2)*

Quebrar estas correntes simbólicas que afetam os processos identitários e de pertença nem sempre é fácil, porém no capítulo três deste projeto de investigação iremos ver um exemplo positivo desta rutura simbólica, através da análise de um *Podcast* do Género do Jornal Público (2018), com o objetivo de compreender – dado a apresentação desta temática teórica – até que ponto as mulheres do Cerco do Porto promulgam esta aceitação das simbologias negativas ou se pelo contrário, procuram romper com as mesmas. Estas são algumas das questões que iremos abordar no decorrer da elaboração deste projeto de investigação.



## Capítulo 2 Políticas habitacionais: o caso portuense

*Cidade, rumor e vaivém sem paz das ruas*

(Sophia de Mello Breyner)

O Bairro do Cerco do Porto emergiu no século XX na cidade do Porto, como um bairro social destinado a albergar a população oriunda das ilhas insalubres. Desde a sua inauguração até aos dias de hoje que o mesmo é tido como um bairro problemático, assumindo-se como um espaço de medo, incertezas e território de drogas onde impera o estigma, a pobreza e a exclusão social. As representações do bairro são tão mais evidentes quanto se assume o mesmo como um dos bairros sociais que mais população alberga no total dos bairros sociais do porto. Atendendo à década de 1990 do século XX, o Cerco tem vindo a ser alvo de intervenção por parte das políticas públicas com vista à requalificação urbana. Porém, este continua a ser alvo de representações negativas e de estereótipos (Guerra, 2002a).

**Figura 2** Vista do Bairro, a partir da Rua do Cerco



Fonte: Sofia Sousa, 2018.

## 2.1. O Estado Novo e a habitação

Neste subcapítulo procurou-se perceber qual foi o papel desempenhado pelo Estado no âmbito da habitação, sendo que na segunda metade do século XX se assiste à emergência de condições que se verificaram essenciais para a intervenção do Estado, na medida em que são criadas uma série de iniciativas públicas que visavam uma concretização e materialização de estratégias relacionadas com a questão social e habitacional (Queirós, 2014)<sup>2</sup>.

No âmbito das mudanças sociais não podemos descurar o papel que os movimentos sociais desempenharam na cidade, pois na segunda metade do século XX deu-se a emergência de condições essenciais para a intervenção do Estado, isto é, começou-se a assistir a uma relação entre o Estado e a habitação, no sentido que foram criadas e desenvolvidas inúmeras iniciativas públicas que visavam, neste caso, a concretização das ditas estratégias relacionadas com questões sociais e habitacionais, como é verificável historicamente, com a criação em 1944 do Estatuto de Assistência Social e, posteriormente em 1945 surgiu o Instituto de Apoio à Família (Queirós, 2014, p.11). Porém, em teor histórico, abordando o tópico da habitação, é de notar que este não se restringe a tipologias específicas de habitação social como seria o caso dos Bairros Sociais, mas inclusive Ilhas e casas subarrendadas, o que leva à criação de uma Comissão de Moradores, transformadas em Associações de Moradores (Vidal, 2016, p.8).

Ao falar em Estado e a relação do mesmo com as políticas habitacionais, devemos mencionar o surgimento do SAAL – Serviço de Apoio Ambulatório Local. Seguindo esta lógica de pensamento, Virgílio Borges Pereira (2011) é um dos autores que aborda os efeitos da habitação social e o impacto desta na cidade do Porto, principalmente na ótica das Ilhas que, ainda hoje são parcas, no que toca a intervenção estatal, “[...] continuarão a intensificar-se sem que existam alternativas viáveis de alojamento para o operariado, permanecendo, assim, sem resposta um conjunto vasto de problemas sociais da cidade” (Pereira, 2011, p.549).

---

<sup>2</sup> Esta concretização passava por uma “[...] intervenção mais consistente do Estado tendo em vista a dinamização da oferta de habitação para grupos sociais incapazes de garantir, através do mercado ou das relativamente limitadas e socialmente seletivas iniciativas públicas” (Queirós, 2014, p.9).

As iniciativas de intervenção ganham forma no contexto político com o Plano Regulador da Cidade que deu lugar, em 1956, ao Plano de Melhoramentos para a Cidade do Porto, tendo como objetivo principal a higienização da cidade<sup>3</sup>. O que se verifica é que, desde 1956, não se alcançou a referida limpeza e higienização da cidade e, com o enfoque e preocupação nas questões habitacionais, surgiram outros planos, tal é o caso do Plano Integrado de Urbanização (Queirós, 2014, p.19).

Ainda sobre a temática relativa ao Estado Novo, importa mencionar que houve uma recusa da habitação coletiva, já que o regime assumia a defesa da casa portuguesa: um modo de habitar muito específico e relacionado com o período ditatorial. O programa de construção de casas económicas acaba por ser bastante limitado, em parte porque também existia um número elevado de indivíduos que não tinham acesso às moradias<sup>4</sup> pois,

*[...] O que se verifica é que o Programa de Casas Económicas não só se apresenta limitado nas suas ambições construtivas, como se estruturava em torno de princípios de seletividade social que inevitavelmente o afastavam das necessidades da esmagadora maioria das famílias portuenses mal alojadas (Queirós, 2011, p.21).*

Deste modo, a problemática da diferenciação habitacional manifestava-se em vários campos e não apenas na forma como os moradores se opunham ao bairro dentro da cidade, mas também na forma como os residentes se posicionavam face aos bairros da Câmara, algo que em parte estaria relacionado com as divisões sociais internas, estrutura e a configuração do espaço habitacional. Com a revolução de 25 de Abril de 1974, João Baía (2011, p.114), refere que os quotidianos presentes eram de pobreza e de incerteza, dado que as questões de habitabilidade eram bastante precárias<sup>5</sup>, o que fez com que muitos bairros mostrassem vontade em aderir ao Projeto SAAL, uma vez que o objetivo passava pela promoção da construção de casas, “[...] O SAAL, política de intervenção habitacional distinta de tudo o que se havia feito até então no país, seria dotado de pessoal próprio organizado e a intervenção seria realizada com equipas locais [...]” (Machado, 2012, p.103). Contudo, o problema desta tipologia de intervenção foi a escassez de

---

<sup>3</sup> Esta questão da higienização da cidade consistia na construção de no mínimo 6 mil habitações destinadas a famílias oriundas de ilhas ou bairros insalubres (Queirós, 2014, p.18).

<sup>4</sup> É de notar que o conceito de “moradia” remete para a típica “casa portuguesa” térrea (Queirós in Monteiro, 2011, p.20-21).

<sup>5</sup> “[...] A sobrelotação das casas, a falta de luz e a fome foram outros problemas apontados [...]” (Baía in Monteiro, 2011, p.109).

recursos, fazendo com que fosse necessário a criação de critérios de seleção rigorosos para as intervenções.

Então, podemos aferir que apesar de durante o período de Estado Novo várias habitações sociais e bairros camarários terem sido construídos, os mesmos revelavam problemas que se refletiam no quotidiano e na população em si. Ainda hoje estes problemas continuam a persistir e a ser alvo de preocupação e de intervenção pelos meios de governança atuais locais (e não só), algo que também influenciou a escolha deste objeto de estudo como já mencionado no capítulo anterior. A habitação social permanece no centro das políticas habitacionais e é o epicentro das preocupações estatais.

## **2.2 A habitação social nos centros e nas periferias**

Após esta contextualização histórica, ainda que breve, no âmbito das políticas, programas e medidas de intervenção na problemática da habitação, podemos assim avançar com a nossa análise e entrar no campo dos bairros sociais e outros tipos de habitação para, seguidamente abordar alguns dos planos de intervenção na cidade do Porto mais recentemente, tendo em mente o objetivo de perceber as suas especificidades, tipologias e designações e, para tal, importa compreender o papel histórico que os bairros sociais desempenham e desempenharam – ao longo das décadas – na cidade do Porto, recorrendo aos contributos de Fátima Matos (1994).

Então, é possível desde logo incidir a análise na problemática do aumento exponencial da população, o que dificultou o acesso à habitação por parte de camadas sociais mais baixas, favorecendo estratos mais altos<sup>6</sup>. A esmagadora maioria das condições habitacionais oferecidas na época da construção dos bairros eram consideradas degradantes, havendo falta de salubridade e higiene e, estes problemas apenas foram tidos em conta quando, mais recentemente, da criação do CRUAR<sup>7</sup>.

A Primeira Guerra Mundial trouxe consigo uma nova crise habitacional em Lisboa e no Porto, uma vez que no caso portuense esta intensifica a superlotação de edifícios nas

---

<sup>6</sup> “[...] Este aumento contínuo da população, associado a uma política orientada para os interesses da burguesia, originou uma subida vertiginosa do custo da habitação, devido à especulação de terrenos e imóveis, o que tornou a oferta de alojamentos inacessível aos estratos sociais mais baixos [...]” (Matos, 1994, p. 677).

<sup>7</sup> Comissariado para a Renovação Urbana da Áreas de Ribeira/Barredo.

freguesias centrais, continuando a existir Ilhas localizadas em freguesias periféricas tidas como áreas de habitação privilegiadas para classes sociais mais pobres. É em 1926, com o Estado Novo e a sua implantação que o problema da habitação das classes insolventes é novamente tido em linha de conta (Matos, 1994:686) – como já foi abordado anteriormente logo, entre 1935 e 1950 são construídos doze bairros de casas económicas como se pode verificar na tabela seguinte.

**Tabela 1 Bairros de Casas Económicas construídos no Porto**

Bairro	Freguesia	Data de atribuição	Número de habitações
Ilhéu	Campanhã	1935	54
Condominhas	Lordelo do Ouro	1937	102
Amial (1ª fase)	Paranhos	1938	304
Azenha	Paranhos	1939	114
Paranhos	Paranhos	1939	180
Ramalde	Ramalde	1939	148
Costa Cabral	Campanhã	1940	240
S. Roque da Lameira	Campanhã	1942	334
Gomes da Costa	Lordelo do Ouro	1950	186

Fonte: Adaptação feita pela própria, da obra “Os bairros sociais no espaço urbano do Porto: 1901-1956” (Matos, 1994, p.687).

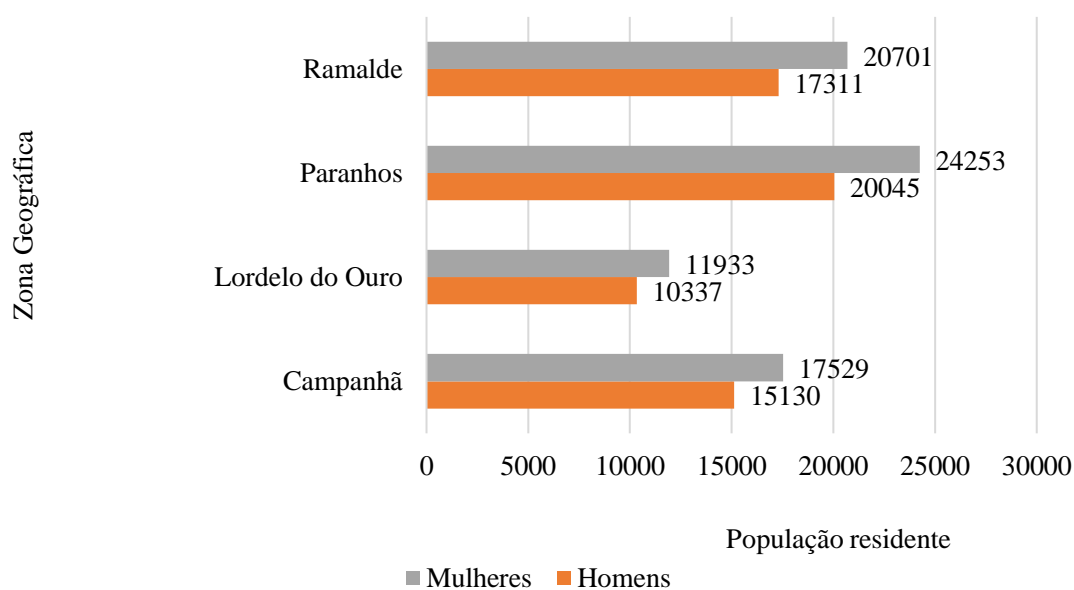
Ao manter em mente a intensificação populacional que Matos (1994) aborda, Lisboa e Porto sempre foram os maiores centros urbanos e, com o tempo, foram acentuadas certas clivagens e uma bipolarização das cidades, como é o caso de Matosinhos e Gaia que em 1960 cresceram de forma exponencial. Então, face à dinâmica populacional podemos referir três fases, uma *passagem da população dos centros para as periferias* – algo que se vai interligar com a temática abordada de seguida -, a uma *visão de fenómenos de hiperconcentração territorial próprios de uma cidade pré-industrial* e, por fim, assiste-se a uma *periferização populacional da cidade* – algo ainda hoje verificável<sup>8</sup>. A característica do alargamento das periferias leva à necessidade de reequacionar as formas de ordenamento da cidade, repensar as centralidades urbanas e, ainda, redimensionar um melhor enquadramento do cidadão (Rodrigues, 2001).

<sup>8</sup> No domínio municipal interno, a tendência de alargamento para a periferia vai também ganhando contornos da relação entre o centro urbano e a área metropolitana” (Rodrigues, 2001, p.14).

Estes bairros sociais supra-representados, aliados a outros, adotaram uma localização específica dentro das políticas habitacionais do Estado Novo, conduzindo a fenómenos como a segregação espacial da habitação social, devido ao facto de esta modalidade habitacional se concentrar em zonas periféricas e destinadas para classes sociais mais baixas logo, a degradação e segregação das áreas habitacionais aparecem como um dos aspetos fundamentais na análise das principais modificações de que o Porto foi alvo desde finais do século XIX (Matos, 1994, p.694).

Posto isto, podemos aludir à informação referente aos Censos de 2011<sup>9</sup>, em que foi realizada uma abordagem analítica face a diversas variáveis, tendo como ponto de partida os valores para a freguesia de Campanhã – onde se localiza o nosso objeto de estudo – com as restantes freguesias que possuem o maior número de habitações de carácter social tentando perceber como foi a evolução destas mesmas freguesias desde 1991, passando por 2001 e em 2011, como será indicado no mapa mais á frente apresentado.

**Gráfico 1 Comparação da população residente em valores absolutos, com base nos dados dos Censos de 2011**

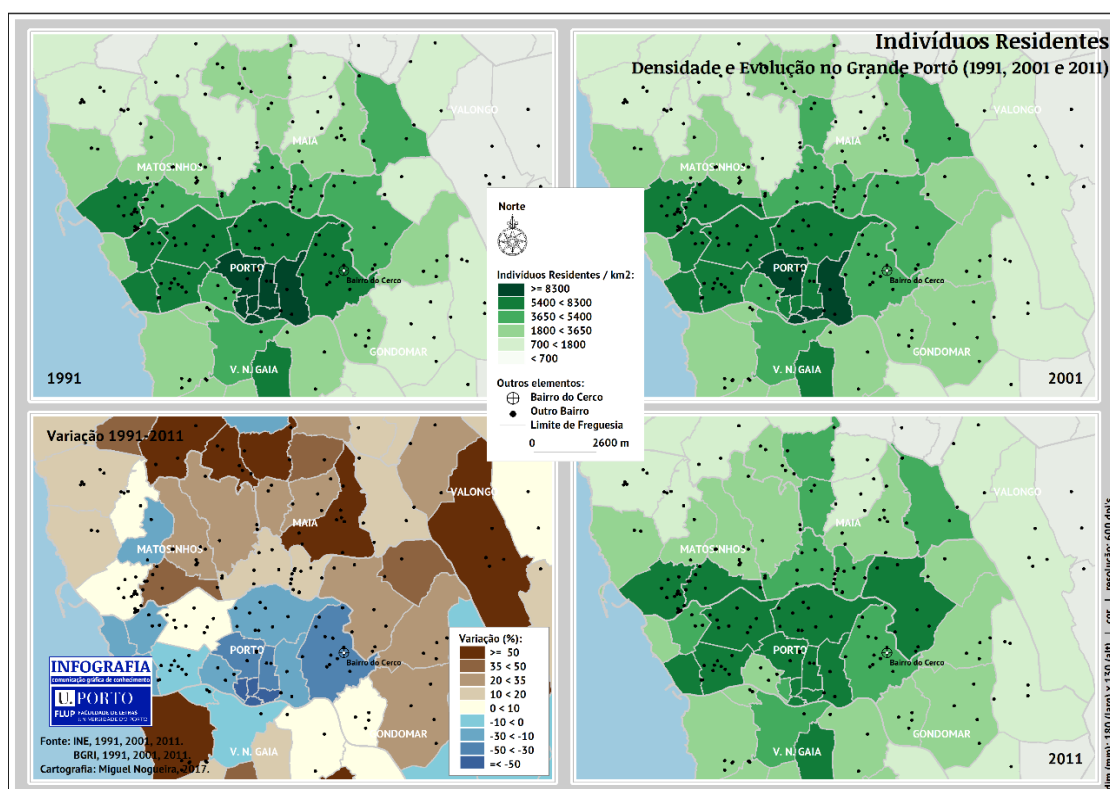


Fonte: Censos 2011, INE

<sup>9</sup> Ir para o Anexo 1 para visualizar os valores para a população residente (total), de acordo com as freguesias com base nos Censos de 2011.

Mantendo em consideração a freguesia de Campanhã, como ponto de referência em termos de população residente à data dos Censos, a nossa análise centrou-se na variável género, cruzando-a e compreendendo o seu comportamento de acordo com as freguesias de Lordelo do Ouro, Paranhos e Ramalde<sup>10</sup>, sendo que verificamos que o sexo masculino apresenta os valores mais elevados em Ramalde (20701) seguido de Paranhos (24253), podendo assim ser possível constatar que em todas as freguesias seleccionadas existe uma predominância de género. Contudo, é de ressaltar que estes mesmos valores são direccionados para a freguesia como um todo e não apenas para os Bairros Sociais – sendo importantes para um enquadramento demográfico. O Mapa seguinte apresentado procura demonstrar, em termos gerais, como se processa a localização dos Bairros Sociais, de acordo com a Freguesia a que pertencem, e ainda quais as variações em termos de indivíduos residentes nessas mesmas Freguesias em 1991, 2001 e 2011.

**Figura 3 População residente, sua densidade e sua evolução no Grande Porto (1991, 2001 e 2011)**



Fonte: INE, 1991, 2001, 2011; BGRI, 1991, 2001, 2011.

<sup>10</sup> Estas freguesias foram seleccionadas de acordo com a informação disponibilizada na tabela anteriormente apresentada, adaptada da obra de Fátima Matos (1994), uma vez que a tabela apenas aborda o número de habitações de carácter social por freguesia, consideramos pertinente aprofundar a nossa análise tentando perceber como estas mesmas freguesias evoluíram, aliada a uma informação complementar, relativa aos valores presentes nos Censos em 2011 para a variável género, afunilando a nossa investigação.

Com a elaboração deste mapa, em que sobrepomos os bairros sociais existentes no Grande Porto com os dados relativos aos indivíduos residentes de acordo com a BGRI<sup>11</sup> sendo que ainda temos representados os Bairros Sociais dentro do contexto do Grande Porto<sup>12</sup>, com o objetivo de compreender as alterações em 1991, 2001 e 2011. Assim sendo, podemos aferir que desde 1991 até 2011 o número de indivíduos residentes tem vindo a diminuir principalmente nas freguesias consideradas como a zona histórica do Porto, tais como Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Vitória, Bonfim entre outras, sendo que à data de 1991 apresentavam valores superiores ou iguais a 8300 indivíduos por km<sup>2</sup> contrastando com um valor que varia entre os 3650 e os 5400. Logo, quanto mais afastado do centro da cidade, verifica-se um aumento dos indivíduos residentes, informação esta que atesta as questões abordadas anteriormente inerentes à periferização populacional, sendo de mencionar zonas territoriais como a Maia e Gondomar por exemplo, que foram alvo de uma expansão em termos de alojamentos<sup>13</sup> principalmente desde 1991 para 2001, mantendo-se praticamente o mesmo valor em 2011 e, por conseguinte, deu-se um aumento do número de indivíduos residentes.

Ao abrigo desta temática referida anteriormente, torna-se necessário refletir sobre o Planeamento estratégico das cidades, ou seja, as formas de organização do espaço e de ação coletiva (Guerra, 2000a). Com as alterações das formas urbanas começam a surgir os efeitos delas advenientes, não apenas no que concerne o crescimento rápido e espontâneo, mas inclusive as repercussões que este mesmo crescimento teve – e ainda tem – nas formas de lazer urbano.

Remetendo para o primeiro capítulo deste Projeto de Investigação em que é mencionado François Ascher (1998), a complexidade e crescimento urbano tem vindo a fazer com que emergjam novas problemáticas e mudanças relevantes para a operatividade do planeador e gestor urbano (Guerra, 2000a, p.3-8). Trata-se de uma descentralização das competências urbanísticas que originam uma transferência das competências dos governos centrais para os regionais e locais,<sup>14</sup> descentralização que origina o surgimento

---

<sup>11</sup> Base Geográfica de Referência de Informação.

<sup>12</sup> Informação analisada mais detalhadamente no subcapítulo 4.2.

<sup>13</sup> Ver Anexo 2, mapa com informação da BGRI relativa aos alojamentos e a sua evolução no Grande Porto em 1991, 2001 e 2011.

<sup>14</sup> “[...] Esta situação favoreceu a adaptação da legislação urbanística às particularidades de cada região, substituindo a planificação normativa e centralizada e gerando novos conflitos entre os níveis de intervenção – municipais, regionais e centrais [...]” (Guerra, 2000a, p.38).



de novos agentes que ganham importância no campo do processo de planeamento. Os bairros sociais podem ainda ser vistos, segundo Carlos Nunes (2001, p.121), enquanto organização, ou seja, o que o autor pretende aferir é que dentro de cada bairro existem formas e condições objetivas que dão corpo a certas situações e a modos de resolução e de problemas.

### **2.3 Planos de intervenção urbana**

Naquilo que toca aos Planos de intervenção urbana e dado que o nosso objeto de estudo se situa na Freguesia de Campanhã, não podemos deixar de destacar e fazer referência ao Projeto URBAN para o Vale de Campanhã, uma vez que este é um projeto que se propõe a uma requalificação das zonas urbanas consideradas como socialmente carenciadas, económica e urbanisticamente (Guerra, 2002, p.76). Deste modo, o Projeto acima referido assenta numa mobilização e participação dos indivíduos desses ditos territórios desfavorecidos e carenciados, sendo que o objetivo é o de promover estratégias de desenvolvimento que, por sua vez, levariam à emergência de projetos identitários (Guerra, 2002, p.77).

O URBAN estaria direcionado não apenas para o Vale de Campanhã mas, inclusive, para outras áreas tais como S. Pedro da Cova em Gondomar, Casal Ventoso em Lisboa, Venda Nova/ Damaia de Baixo na Amadora, Odivelas em Loures e Outorela/ Portela em Oeiras, estas áreas seriam tidas como sub programas correspondentes ao Programa URBAN, é ainda de salientar que esta iniciativa foi efetivada pela Comissão Europeia (Guerra, 2002, p.76). O URBAN cimentava-se numa série de objetivos e eixos de atuação entre os quais destacamos a dinamização local, a dinamização de equipamentos polivalentes e inovadores, a requalificação urbana e ambiental e gestão, a comunicação e visibilidade local, tais eixos foram selecionados por irem de encontro ao que se verificou no Bairro do Cerco em termos de potencialidades de equipamentos, bem como aos equipamentos já criados e institucionalizados, mas também por corresponderem a um objetivo levado a cabo com a elaboração desta Dissertação, nomeadamente a possibilidade de alerta e incentivo para a visibilidade deste território (Guerra, 2002, p.77).

O Vale de Campanhã beneficiou do URBAN I e ainda de outra iniciativa Comunitária, o URBAN II (2000-2006) com os mesmos parâmetros e eixos de atuação e devido à complexidade do território e outras carências que se mantinham e que não foram extintas com a primeira intervenção deste projeto.

Apesar da importância de iniciativas e intervenções deste calibre, a zona de Campanhã volvidos vinte e três anos desde o início da concretização do URBAN- Vale de Campanhã continua como sendo um território caracterizado por fenómenos de exclusão social, desqualificação social, indivíduos com fracos meios de inserção e participação na sociedade portuguesa aos mais diversos níveis, o que nos leva a questionar o que estará em falta, neste contexto sócio espacial, em termos de incitavas, resultados e concretizações pelo que nos questionamos relativamente ao papel dos Bairros Sociais dentro dessa zona geográfica – Campanhã – no que concerne os impactos neles vividos ou repercussões sentidas. O URBAN I e II foram marcados por um tipo de iniciativa e intervenção abrangente, isto é, referente à zona de Campanhã devido à sua condição periférica comparativamente ao centro da Cidade do Porto, porém questionamos a existência de projetos direcionados para a problemática da habitação, algo que é nuclear nessa freguesia, e para isso foi feita uma pesquisa e decidimos realçar o papel da Iniciativa Bairros Críticos (IBC), dado o nosso principal interesse neste Projeto ser inerente à habitação social.

A Iniciativa Bairros Críticos foi um Programa Nacional – iniciado no ano de 2005 (Silva e Menezes, 2015, p.3) - criado pela Secretaria de Estado de Ordenamento do Território e das Cidades, logo foi pensado para a políticas de cidades e tinha como principal objetivo o desenvolvimento e criação de ações sócio espaciais e territoriais integradas que adotassem no fundo, um sistema de governança assente em parcerias locais e institucionais (ENDLPT, 2013)<sup>15</sup>. No fundo, o que distingue o IBC do URBAN é a convergência horizontal das instituições que pertencem ao Estado, nomeadamente os ministérios e autarquias, e neste processo de deliberação e cooperação as populações locais teriam um papel de relevo que deveria ou poderia conduzir a parcerias com múltiplas entidades (ENDLPT, 2013) entre outros aspetos.

---

<sup>15</sup> Entenda-se por ENDLPT o Encontro Nacional de Desenvolvimento Local em Portugal realizado em Lisboa no Centro ISMAILI em 2013.

Naquilo que diz respeito aos eixos de intervenção, tal como foram apresentados para o Projeto URBAN, podemos destacar neste sentido a requalificação do Bairro (edifícios, espaço público e acessos); arte desconcentrada (espaço de experimentação artística); a formação profissional em contextos de exclusão; uma plataforma integrada de apoio social; ainda a criação de uma rede de participação, cidadania e governabilidade e, por fim, o estar bem em rede (ENDLPT, 2013). Através destes eixos de intervenção podemos encarar esta iniciativa como um instrumento valioso não só de enquadramento analítico para este subcapítulo, mas também como uma forma de sustentação para aquilo que se observou no Bairro do Cerco e aquilo que se ouviu, informação essa que será analisada posteriormente, no decorrer da apresentação dos resultados obtidos.

A IBC defende que o consenso em termos de temáticas de atuação, como no que diz respeito aos recursos disponibilizados, é o que vai possibilitar a intervenção nos territórios e, ao ser uma iniciativa focalizada exige um trabalho e cooperação contínua não só entre as entidades responsáveis pela intervenção propriamente dita, mas como das pessoas envolvidas, isto é, os beneficiários,

*Trata-se, por isso, de uma iniciativa cuja finalidade se prende com a necessidade de estimular e desenvolver iniciativas inovadoras, especialmente, no que concerne a metodologias de intervenção e instrumentos passíveis de incorporar na política de cidades mudanças de diferentes dimensões.* (Silva, 2012, p.18).

Esta iniciativa emergiu principalmente associada aos bairros sociais de Lisboa, sendo que no Porto apenas foi feito protocolo de parceria com o Bairro do Lagarteiro. Apesar de não ter sido um projeto implementado no Bairro do Cerco, conseguimos rever alguns pontos de similitudes com iniciativas criadas dentro do bairro em questão, quando comparadas com os eixos de intervenção da IBC e, além disso, a Iniciativa Bairros Críticos serve para conferir um outro olhar face às intervenções em bairros sociais, bem como é relevante compreender que, apesar da proximidade geográfica entre o Bairro do Lagarteiro e o Bairro do Cerco, apenas com um deles foi estabelecido um protocolo de parceria.

Resta ainda salientar outro plano de intervenção, isto é o Plano Estratégico de Habitação (PEH) que se iniciou em 2008 e este consistia na criação de uma estratégia nacional em termos de políticas habitacionais, nomeadamente ao nível da integração destas políticas de habitação com as políticas da cidade, eixos interventivos relacionados com os regimes de arrendamento, a procura e promoção da diversificação do parque

habitacional existente e também, o estabelecimento de parcerias com as comunidades locais – sendo este último eixo ou objetivo, transversal a todos os Projetos de intervenção neste subcapítulo apresentados (Silva e Menezes, 2015, p.3).

Quanto ao Bairro do Cerco em específico, podemos fazer alusão ao plano de intervenção delineado pelo Ministério da Administração Interna, no âmbito do Contrato Local de Segurança (CLS) que visa a intervenção junto de problemas como a delinquência juvenil e a toxicodependência, abandono escolar precoce entre outros (VIVA! Porto, 2016)<sup>16</sup> e ainda, os financiamentos do Programa Operacional Regional do Norte, isto é, Norte 2020 com o apoio feito aos municípios para a reabilitação dos bairros sociais.

Desde logo não podemos deixar de ter em atenção as parcerias ou criação de instituições que colaboram/surgem destes projetos como o IBC ou o URBAN I e II, sendo que aqui devemos referenciar, para o nosso objeto de estudo – o Bairro do Cerco do Porto – o papel de Instituições Particulares de Solidariedade Social como a CERPORTO<sup>17</sup> e inclusive o C.A.T.L<sup>18</sup>, este último mencionado aqui pela sua relevância na prevenção de delinquência juvenil e, maioritariamente na prevenção do abandono escolar, dado ser um centro de atividades extracurriculares fulcral no apoio a jovens.

Em suma, desde o Estado Novo que a cidade e o seu parque habitacional, e, por conseguinte, os seus indivíduos, têm vindo a ser alvo de intervenções. Neste campo intervencionista destacamos quase que três modalidades ou áreas de intervenção distintas mas que se relacionam, a cidade, a habitação e comunidades, isto é, desde 1933 até 1993 as iniciativas incidam no espaço físico – a habitação propriamente dita – nomeadamente com o Programa de Casas Económicas ou o Plano de Melhoramentos referidos e abordados anteriormente, em termos de intervenção na cidade destacamos claramente o URBAN I (1996 a 2000) e posteriormente o URBAN II (2002 a 2008) que atuaram na zona de Campanhã mais concretamente. Estes seriam os planos a um nível alargado no espaço físico e seus componentes, permitindo a passagem para os planos mais concretos e específicos como é o caso da Iniciativa Bairros Críticos que atuou de forma ativa no Bairro do Lagarteiro no Porto – bem como em outros bairros de Lisboa – e por fim, o Plano Estratégico de Habitação, estas duas últimas iniciativas assumem-se como

---

<sup>16</sup>Disponível em: <http://www.viva-porto.pt/Em-Destaque/mai-com-plano-de-intervencao-em-bairros-do-porto-para-combater-vulnerabilidades.html>

<sup>17</sup> IPSS que nos auxiliou no estabelecimento de contactos com as mulheres do Bairro do Cerco do Porto;

<sup>18</sup> Centro de Atividades de Tempos Livres; Clube Porta Aberta.

impulsionadoras do diálogo e promoção da colaboração e participação ativa das comunidades que habitam e que pertencem a esses espaços físicos.

Todos estes planos assumem uma importância acrescida neste trabalho de investigação, dado que contribuíram para a realidade que assistimos na cidade e nestes territórios mais concretos, possuem um papel estruturador no que concerne as vivências destes indivíduos que. O passado de intervenções, suas causas, impactos e consequências, contribuem para o presente e futuro das nossas populações, cidades e habitações. Assim sendo, todos estes fatores mencionados ao longo destes capítulos centrais, surgem como um molde explicativo para os fenómenos de exclusão e marginalização urbana abordados já seguidamente.

## Capítulo 3 Processos portuenses de exclusão e marginalização urbana

*Ninguém pode compreender outrem, se não for esse outrem.*

(José Saramago)

Esta linha de abordagem, que se relaciona com a temática da multiplicidade de atores que compõem o tecido urbano, bem como todos os processos a ele inerentes, incide também ela, numa análise da obra de António Teixeira Fernandes (1992), uma vez que este inicia uma reflexão teórica clássica, referindo que os povos antigos consideravam a sua cidade como o centro do mundo (Fernandes, 1992, p.68). Apropriar esta consideração e aplicar a mesma a um contexto atual, implica que nos direcionemos para algo que se relaciona, intrinsecamente e diretamente, com o nosso objeto de estudo, ou seja, com uma dicotomia entre o centro e a periferia previamente abordada neste trabalho de investigação, através dos contributos de Domingues (1994)<sup>19</sup>.

Ora, se noutra época histórica das cidades, estas encontravam-se separadas e divididas por muros, demarcando o espaço físico da mesma, atualmente os muros foram postos de lado mas, as fronteiras permanecem nomeadamente, com a criação de regiões administrativas que deram origem a uma agregação de freguesias e, outro aspeto significativo, são os impactos em termos de criação de identidades particulares e coletivas que, com esta criação de barreiras ou fronteiras administrativas advêm logo, antes de avançarmos com uma reflexão face às trajetórias e modos de vida dos indivíduos e as suas identidades individuais e coletivas, importa entender alguns conceitos fundamentais. O conceito de exclusão social é caracterizável pela sua abrangência normativa no sentido em que, regularmente, é usado para expor as falhas de participação nas sociedades urbanas. O desafio com este conceito é o alcance da sua redução ou minimização o que, por sua vez, implica uma definição clara e concisa dos eixos de composição que atribuem significado a este mesmo conceito, isto é, as suas dimensões de compreensão mais importantes e potenciais instrumentos de atuação.

---

<sup>19</sup> “A linguagem espacial aparece, então, «como uma linguagem pela qual uma sociedade se significa a si mesma» e se opõe «espacialmente ao que não é ela»” (Fernandes, 1992, p.68).

*A exclusão social representa uma tradição diferente nos debates sobre pobreza bem como uma mudança de foco das questões distributivas para os problemas relacionais* (van Kempen, 2002, cit. Por Murie and Musterd, 2004, p.1441, tradução própria).

Ao contrário do que muitos pensam, o foco deste conceito vai muito além da problemática do baixo rendimento, pois o conceito de exclusão social abrange questões como a participação social, formas diminutas ou falhas de integração social e ainda, falta de poder(es), ora neste ponto torna-se pertinente mencionar algumas das considerações de Teresa Sá Marques (1997), dado que as suas ilações vêm atestar os nossos resultados empíricos que serão posteriormente apresentados, deste modo, a autora menciona que os fenómenos que compõem os processos de exclusão social encontram-se relacionados com diversas formas de evolução das estruturas económicas e sociais do País, “(...) assumem considerações distintas, em função de características específicas que se manifestam e do modelo de organização das pessoas e das actividades nos seus territórios.” (Marques, 1997, p.113). Além destes pontos, este acaba por ser um conceito que frequentemente é utilizado para fazer menção a dualidades ou divisões que se baseiam na distinção entre os indivíduos que estão incluídos socialmente e urbanamente versus os indivíduos que se encontram excluídos, temos ainda a distinção associada à marginalização – incluídos marginalizados face a excluídos marginalizados – as questões de polarização, a fragmentação, ainda a temática da segregação relativa aos sujeitos que se encontram separados espacialmente dos restantes e, por fim, a temática do desemprego. Todos estes conceitos que se encontram associados ao conceito geral de exclusão social, refletem e levam-nos para o campo das oportunidades que os indivíduos possuem de serem ou de se tornarem cidadãos plenos em termos de actividades participativa (Murie and Musterd, 2004, p.1442) pois,

*Esse “dentro” ou “fora” da sociedade pode ser relacionado com todas as esferas de produção e consumo, quer elas se refiram à participação na educação, trabalho ou política ou relativamente ao uso de serviços privados ou facilidades públicas e redes de segurança e ainda, face à dimensão e força dos laços sociais com amigos ou parentes* (Murie and Musterd, 2004, p.1442, tradução própria)

Assim sendo, não podemos deixar de estabelecer um elo de ligação entre este conceito até agora abordado com o de integração, realçando a polaridade existente, isto é, exclusão social como um conceito que acarreta significados negativos versus o conceito

de integração com uma conotação positiva. Aquilo que os autores Alan Murie e Sako Musterd (2004) sugerem, é a criação de uma moldura analítica que implica que as molduras de análise para o fenómeno da exclusão social possam funcionar como um entendimento e compreensão dos processos de integração.

Outro autor a ter em consideração é Levitas (1998) pela sua visão acerca deste conceito de exclusão social, sendo que o mesmo menciona que este fenómeno e a definição dele é problemática pois divide e agrupa os indivíduos apenas em dois grupos, os excluídos e os incluídos, não considerando eixos que possam ser característicos de classificação de indivíduos que se encontrem no limiar da exclusão ou da inclusão. A distinção espacial aqui apresenta um novo carácter pois se uma das definições de processos de exclusão social se encontra associada ao território, os territórios poderão ser em si mesmos um meio para a perpetuação de exclusão social contudo, apesar dos bairros sociais serem vistos na sua maioria como um conjunto habitacional no qual se encontram e confluem vários níveis de desvantagens sociais, dentro deles próprios surgem múltiplos eixos de diferenciação e distintas formas de exclusão social, ou seja, podemos ter no mesmo território ou referência espacial todos os eixos de exclusão social presentes ou apenas um (Walker, 1997, p.8). Concomitantemente, poderemos aferir que quanto maior for a concentração populacional em aglomerados periféricos, mais significativamente se poderão constituir fatores de marginalização e de exclusão vejamos,

*(...) A exclusão social deriva de situações de habitação marginais e da incapacidade de alguns estratos da população em aceder ao mercado de oferta privada de habitação, é acompanhada, em geral, por um conjunto de outros fenómenos de exclusão urbana. Os problemas habitacionais constituem, igualmente, uma componente importante no quadro das políticas de ordenamento urbano e territorial, no sentido em que a eles estão associados custos colectivos de concentração muito significativos. (Marques, 1997, p.113)*

Contudo, nem todos os estudos e teóricos apontam para a existência desta concentração de zonas ou fenómenos de exclusão social, dois desses teóricos são Wacquant e Wilson (1993) no sentido em que os mesmos afirmam que os *ghettos* resumem-se a atividades mais ou menos estruturadas em torno de um espaço social relativamente autónomo que apenas duplica e reproduz a estrutura de uma sociedade de grande escala que, por sua vez, apenas fornece os recursos mínimos a todos os seus indivíduos para a obtenção de mobilidade social. Com isto, atingimos o cerne da nossa problemática para este trabalho de investigação, dado que aqui encontramos inspiração e



incentivo para compreender o comportamento destes aglomerados populacionais, nomeadamente o caso dos bairros sociais, com o intuito de perceber como estes se produzem no espaço físico e no sistema urbano (Marques, 1997), mas também a sua significância no Grande Porto<sup>20</sup>.

Associada à problemática da visão da habitação social como um fator impulsionador de processos de exclusão social, no que concerne o caso português, uma panóplia de indicadores podem ser apresentados, ou seja, temos assim as mudanças nas estruturas familiares – algo que se verificou nas trajetórias e aspetos vivenciais das mulheres do bairro do Cerco – o desemprego e a dificuldade de integração no mercado de trabalho, que leva por sua vez a uma dependência de apoios sociais (algo também verificado), temos ainda os índices de escolaridade, os rendimentos, entre outros (Marques, Guerra, Maia e Ribeiro, 2017), assim “(...) O conceito de exclusão social assume a particularidade de se constituir como um conceitos que é usado não só ao nível científico como também ao nível do discurso sociopolítico” (Marques, Guerra, Maia e Ribeiro, 2017).

Polanyi (1944) argumenta que a exclusão social persiste não pelos territórios, pelos indivíduos, seus comportamentos, atitudes, histórias de vida ou outros, mas sim pela sociedade, no sentido em que relaciona este fenómeno com múltiplos mecanismos como as trocas de mercado, redistribuição e reciprocidade, então a forma como eles interagem poderá determinar a extensão em que os indivíduos poderão ou não ser integrados na sociedade.

Em suma, se não houver uma mudança nas formas de distribuição dos serviços e riqueza nas sociedades e, por conseguinte, nas cidades, a exclusão permanecerá. Na esfera do mercado, como já tem vindo a ser referido, a criação de oportunidades de integração no mercado de trabalho é fundamental, e ainda temos outro tipo de políticas de integração, como os benefícios e apoios estatais financeiros nomeadamente, Rendimento Social de Inserção ou o Rendimento Mínimo Garantido surgiram como formas de providência de redes de segurança que promoção da reintegração social, contudo o que se verifica no caso português é que, estes benefícios começaram por acarretar e servirem de estímulo para a criação e atribuição de rótulos e fenómenos de exclusão social. É aqui, após a breve apresentação destes problemas no contexto português, que podemos questionar até

---

<sup>20</sup> Ver Figura 6 e 7 (Vd. subcapítulo 4.2).

que ponto os apoios, benefícios e intervenções estatais e locais têm sido suficientes, no que concerne uma prevenção ou diminuição de situações de vivência de exclusão social, no que toca principalmente os indivíduos do Bairro do Cerco, um dos territórios mais estigmatizados e excluídos no contexto do Grande Porto e da freguesia de Campanhã.

### **3.1 Impactos nas identidades e trajetórias de vida**

Após a reflexão teórica e prática do conceito de exclusão social e todas as suas variantes e composição, avançamos nesta fase da nossa investigação para uma reflexão dos impactos nestes fenómenos de exclusão social nas identidades e nas trajetórias de vida dos indivíduos, porém, primeiramente iremos incidir a nossa atenção na questão e importância das comunidades.

A comunidade aqui surge como um meio de relação com a promoção da inclusão social abordada previamente, sendo que a construção e a pertença a uma comunidade é vastamente considerada como um meio efetivo de melhoramento dos níveis de coesão social em meios urbanos desfavorecidos e heterogéneos.

*A vida na cidade, como se argumenta, exerce pressão negativa sobre a coesão social: enquanto vivem juntos, os moradores urbanos tendem a manter a sua distância social. A opacidade e a complexidade das grandes cidades tornam difícil para os moradores da cidade navegar e “sobreviver socialmente” neste ambiente (Wekker, 2017, p.10, tradução própria).*

Então surge e aumenta a importância da criação e priorização de redes sociais que funcionam e causam sentimentos de segurança nos indivíduos mesmo estes estando em seus lares. Podemos distinguir dois conceitos relacionados às redes sociais, um deles é o *bonding* inerente aos familiares e grupos de pares e o outro conceito é o de *bridging* diretamente relacionado com diferentes grupos de indivíduos, percecionado como uma forma de capital social (Putman, 2000; Bourdieu, 1986). No que toca ao conceito de capital social, Aldrich (2011) apresenta um terceiro tipo de capital social que é o de *linking* que deriva das relações entre um indivíduo ou grupo e oficiais do governo ou líderes institucionais. Aquilo que Schultz (1999) argumenta que uma forma dos indivíduos navegarem pelas cidades e sociedades se manifesta e suporta na criação de identidades coletivas que fornecem meios de direção para que estes se orientem nas

diversas camadas sociais que compõem a realidade que eles conhecem, então associada a esta visão de Schultz (1999) mencionamos os contributos de Hansen e Verkaaik (2009) pois estes autores afirmam que as cidades devem ser encaradas como espaços performativos, isto é, como um palco em que os indivíduos produzem e apresentam as suas narrativas sobre o *eu* e o *nós*.

Muitas comunidades, como é o caso do Bairro do Cerco, são pautadas pela exclusividade daí o conceito de *comunidade local* pois são a tradução de identidades múltiplas que se completam e relacionam entre si dentro dos mesmos eixos, parâmetros e moldes de atuação. Esta exclusividade mencionada refere-se a uma forma de proteção e de exclusão do outro, ora se por um lado temos a segregação espacial e múltiplos fenómenos de exclusão social, por outro temos a exclusão de outros, no sentido em que as comunidades se tornam fechadas em si mesmas como é o caso do nosso objeto de estudo, dado que indivíduos exteriores ao Bairro são vistos com estranheza e sentem dificuldades em se diluírem na comunidade, enfatizando assim a diferença não só no espectro das identidades pessoais como nas identidades comuns, “[...] comunidades coesas existem devido aos limites que eles criam” (Butler, 2011). Em suma, conhecer o *nós* implica necessariamente conhecer o *outro*, isto é, reconhecer aquilo que *nós não somos*.

Relativamente à criação identitária é de ressaltar que esta não é estanque, isto é, não se reduz a processos de socialização primária e secundária, sendo que devemos, portanto, ter em atenção todos os processos de construção social do espaço que, por sua vez, é marcado *na e pela* cidade então, citando António Teixeira Fernandes, “[...] Trata-se de um espaço descontínuo, em correspondência com a própria visualidade do mundo simbólico. É uma representação que resulta de uma apreensão sensorial e imagética da realidade” (Fernandes, 1992, p.69). As sociedades contemporâneas não perderam o seu sentido de centro e periferia, porém, ao analisar a questão do espaço e ao enfatizar o conceito de descentralização, torna-se necessário associar o mesmo conceito a um problema político e, neste sentido, o autor menciona que cada sociedade, ao longo do tempo, foi adquirindo uma forma específica de centralidade/centralização, assumindo uma função simbólica e de serviços (Fernandes, 1992, p.70)<sup>21</sup>.

---

<sup>21</sup> “Este espaço é definido por critérios como a religião, a política, a cultura ou a economia.” (Fernandes, 1992, p.70).

Deste modo podemos rever nos centros urbanos, locais de consumo mas existe, em contrapartida, um consumo do lugar isto é, o mesmo torna-se um espaço lúdico de concentração de atividades e onde coexistem múltiplos espaços simultaneamente, levando à troca, oferta, procura, consumo e decisões. Se alguns autores definem a realidade urbana pela dependência face ao centro, então os subúrbios são, de facto, urbanos pois “[...] Se se define a ordem urbana por uma relação perceptível (lisível) entre a centralidade e a periferia, os subúrbios são desurbanizados” (Fernandes, 1992, p.71), logo estar-se-ia a assistir a uma “urbanização desurbanizante e desurbanizada” (Fernandes, 1992, p.71) em que, uma periferia geográfica, é também ela, uma periferia social onde a descontinuidade se manifesta em funções sociais, tais como o trabalho, a habitação, educação e tempos livres. Com o conceito de distanciamento e descontinuidade apresentados e sintetizados, podemos aferir que estes se tornam particularmente acentuados quando se verifica – e manifesta – a segregação e a exclusão social, então estes fenómenos em todas as suas formas, revestem-se de antinomias que se influenciam e interrelacionam, como o integrado e o excluído abordados anteriormente. Todas as transformações que ocorrem no contexto urbano envolvem oportunidades e riscos, benefícios e incertezas que afetam todos os grupos sociais inseridos na cidade, ou seja, a localização espacial é fundamental e, ao especificar a nossa análise na obra de Isabel Guerra, “[...] A segregação social e espacial vem frequentemente em conjunto, e os modos de socialização negativa, de precariedade das condições de vida urbana, aprofundam as dimensões de pobreza e de exclusão social” (Guerra, 2001b, p.49). Concomitantemente, a cidade é o palco de dualidades e de emergência de desigualdades sociais, bem como de problemas sociais específicos que coexistem, quase como que fraturas urbanas (Guerra, 2012b).

### **3.1.1. Cidade, bairros e mulheres**

Uma vez que a cidade é o palco das desigualdades devemos decorrer acerca do nosso objeto de estudo neste contexto, o papel da *mulher urbana* (NDI, 2015) e a importância do mesmo devido a uma multiplicidade de fatores. Talvez o principal motivo que levou à alteração ou crescimento do papel que a mulher desempenha nas sociedades atuais tenha sido o fator da empregabilidade (Tacoli, 2012), o que por sua vez, fez com

que as mulheres fossem adquirindo cada vez mais uma maior independência face ao homem. Aliada a esta questão, temos o papel que a educação desempenha no aumento do acesso, por parte das mulheres, a condições favoráveis de empregabilidade contudo, o que se verifica é que as mulheres provenientes ou que residem em bairros sociais, possuem tendencialmente, barreiras relacionadas e condicionantes, no que diz respeito à educação, originando uma forma de exclusão social bem como disparidades entre mulheres que vivem em bairros sociais, comparativamente a mulheres não provenientes ou residentes em bairros sociais.<sup>22</sup>

Assim, um dos interesses motivadores para a realização desta investigação, que incide maioritariamente nas histórias de vida das mulheres do Bairro do Cerco do Porto, deve-se às leituras feitas e devido a uma verificação da escassez de informação sociológica, não só acerca deste mesmo assunto, mas também informação inerente a reflexões direccionadas para o papel que estas mulheres ocupam na sociedade, nas grandes cidades, periferias, nas suas casas e comunidades. Além destes aspetos, podemos ainda evidenciar interesses alusivos ao conhecimento das adversidades que as mulheres enfrentam, tais como no acesso a infraestruturas nomeadamente, o facto de a vivência num bairro social implicar limitações principalmente em questões como a empregabilidade e rótulos sociais profundos de estigma e preconceito – questões estas abordadas posteriormente. De mencionar também, é a fraca sensibilidade por parte de organismos de governância no que toca a problemática da representação de mulheres na tomada de decisões que envolvam o urbano, não havendo assim uma compreensão profunda das necessidades específicas existentes (Beall, 1996)<sup>23</sup>.

Apesar dos contributos teóricos existentes, como já mencionamos, muitos deles apesar da sua importância científica e de transmissão de conhecimento, surgem como um mote de aproximação no que concerne aquilo que, de facto, se pretende analisar com este trabalho de investigação de forma aprofundada, então decidimos compreender estes contributos pelo seu todo procurando entender as adversidades, ilações e considerações existentes acerca do papel que a mulher desempenha em múltiplas esferas da sociedade e

---

<sup>22</sup> “O confinamento de mulheres e raparigas à esfera privada não paga, possuem influência na forma como as famílias e a sociedade valorizam os contributos destas mulheres e raparigas” (NDI, 2015, p.13. Tradução. Própria).

<sup>23</sup> “Elevar as vozes e a participação das mulheres nos processos de tomada de decisões urbanas, dando-lhes a possibilidade de promover a mudança no que toca a assuntos relacionados com a importância das mulheres e dos homens” (NDI, 2015, p.20. Tradução. Própria).

do campo social, económico, político entre outros, isto é, ter em linha de conta os contributos independentemente de serem inerentes a uma subcultura, empregabilidade, relações familiares ou educação, pois todos esses eixos de análise – juntos – revelam lacunas na importância atribuída à mulher e à sua participação ativa nas sociedades.

Apesar de todos os movimentos de manifestação e indignação, a posição social que as mulheres ocupam ou que lhes é atribuída, ainda incide em deveres domésticos e diminuta liberdade física (Guerra, Gelain e Moreira, 2017, p.16), sendo que um exemplo concreto e recente desses tipos de manifestações associados à temática e preocupação com a expressão das suas identidades, gostos, e como as autoras referem, liberdade física (Guerra, Gelain e Moreira, 2017) foi a marcha Slutwalk<sup>24</sup> realizada na cidade do Porto, movimentos esses de protesto que continuam a ser necessários no imaginário destas mulheres pois, apesar da conquista de um lugar ativo no mercado de trabalho, os seus papéis sociais permanecem condicionados pelo sexo masculino.

Além deste exemplo que aconteceu no Porto, outros serviram de mote e de fonte de inspiração bem como despertaram a nossa curiosidade tal como o MAFED<sup>25</sup> que era constituído por mulheres do mundo académico, ativistas e artistas que em conjunto criaram um *website* de forma a espalharem a sua mensagem, contudo apenas eram apresentadas fotografias de homens, mais uma vez alertando para a problemática do género e do racismo nos bairros sociais de França. Esta iniciativa teve como base as políticas de género em vigor no território francês, sendo que muitos dos projetos e dos atos de protesto ocorreram nos bairros sociais, sendo que estas reclamavam o seu espaço em termos de habitação e reivindicavam um lugar dentro do contexto da cidade, isto é, pretendiam que toda a população fosse entendida como uma parte integral da cidade (Hancock, 2017, p.637). Um ponto que queremos ressaltar neste momento, é o encontro de eixos em comum entre o caso português, mais concretamente com o nosso objeto de estudo, com o caso francês pois tal como Hancock (2017) refere é que não existe na França uma colaboração e interligação entre aquilo que são as políticas urbanas e as políticas de igualdade de género, ora tal como em Portugal as políticas de género encontram-se territorializadas e circunscritas inúmeras vezes a áreas específicas, dando

---

<sup>24</sup> Este movimento surgiu no Canadá em 2011, como forma de protesto a um comentário enaltecido por um polícia, numa palestra, sobre os modos como as mulheres se deveriam vestir. Disponível em: <https://slutwalkporto.wordpress.com/sobre/>.

<sup>25</sup> March of Women for Dignity and Against Racism (Hancock, 2017).

origem a áreas com elevadas proporções de habitação social localizadas nas periferias. Hancock (2017) aborda ainda a existência de uma instrumentalização da figura da *mulher* nos discursos relativos ao aumento de medidas de segurança conduzindo a uma estigmatização dos habitantes e da continuidade do sexismo.

Ainda no contexto Francês, a resposta do país aos problemas sociais tende a ser territorial, tal como em Portugal, dado que as minorias ou os segmentos populacionais estigmatizados se encontram concentrados em zonas específicas, ou seja, em ambos os países – a nosso ver as políticas urbanas surgem como um *véu*, na medida em que procuram esconder a existência destas concentrações e destes problemas sociais. A principal diferença é que na França têm vindo a aumentar de forma exponencial as organizações feministas que procuram articular as respostas ao sexismo, racismo e xenofobia, bem como lutar contra as táticas normativas geográficas, a legitimidade política e ainda, insistem num papel central nas mobilizações sociais e políticas (Hancock, 2017, p.638-639). Estes movimentos ativistas não se têm verificado com a mesma força que no contexto francês, o que nos leva a questionar ainda mais a importância da mulher, isto é, apesar de já ouvirmos discursos políticos de partidos conceituados pelas vozes de mulheres, a existência de marchas de protesto contra o sexismo e a falta de liberdade física, estas tendem a concentrar-se em áreas específicas da cidade. Entendemos que é pela questão da centralidade, de modo a captar a atenção contudo, as mulheres que habitam as periferias parecem não ter uma voz ativa em nenhuma das frentes revolucionárias, principalmente no que toca as políticas urbanas e a políticas de reabilitação ou de intervenção dos territórios, como é o caso do Bairro do Cerco, estas mulheres parecem ser invisíveis aos olhos da sociedade, porém assumem importância dentro dos seus contextos diários.

Neste sentido, Hancock (2017) aborda um destes aspetos, a nosso entender, fulcrais nesta fase da investigação, isto é, os desenvolvimentos políticos apenas atribuem às mulheres um papel *local* e negam-lhes a participação em outros níveis de tomada de decisões. Estas acabam por ser “[...] as guardiãs do local” (Coutras, 1987/1996), em que elas acabam por assumir deveres específicos dentro dos seus bairros sociais e das suas comunidades, sendo que este papel remete aos anos 50, dando origem a uma geografia do género francesa, porém, este tipo de comportamentos ainda é verificável em

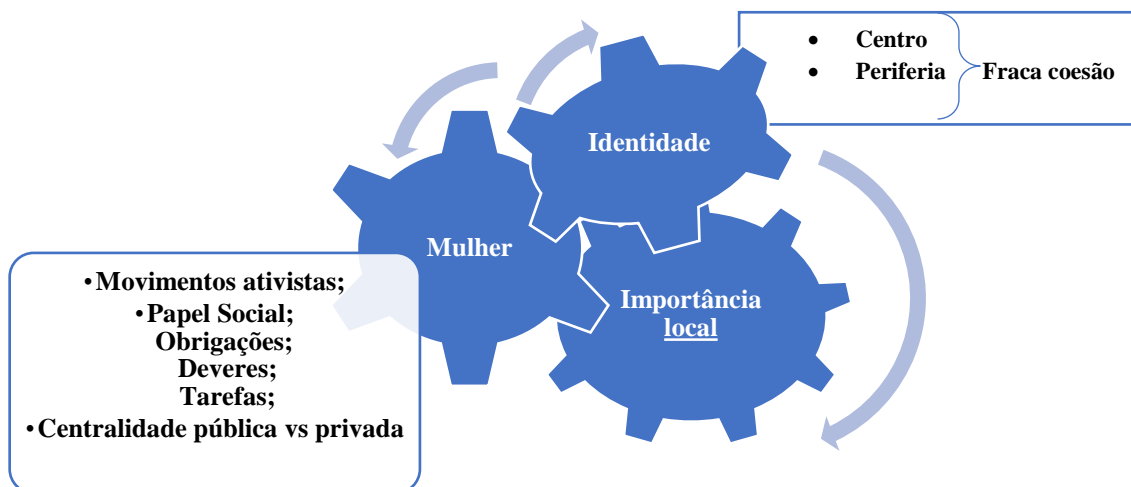
comunidades como o Cerco do Porto. Estas áreas surgem como o problema das crises urbanas.

Devido a estas noções, o nosso interesse aumentou, inevitavelmente está a procura da compreensão face ao facto destes papéis sociais se manterem ou metamorfosearem quando analisados num contexto territorial tão específico como um bairro social, sendo para tal importante analisar de que modo se inscrevem os modos de vida num e de um bairro social no quotidiano, representações, afetos e simbologias das mulheres desse território em causa, e ainda verificar a existência de uma perpetuação destes papéis sociais restritos na trajetória familiar das entrevistadas, de modo a discutir a contextualização histórica e política que compõe este fenómeno.

Alguns dos fatores que contribuíram para a participação reduzida das mulheres em múltiplas esferas, podem estar relacionadas no caso português, em primeiro lugar com o contexto político previamente abordado, isto é, com todas as questões do regime ditatorial e, claro com a perpetuação desses pensamentos ainda nos dias de hoje, “(...) o papel que a mulher teve/tem na sociedade portuguesa e que cristaliza comportamentos e atitudes que prefiguram a mulher no espaço doméstico, na condição de namorada/mãe/esposa” (Guerra, Gelain e Moreira, 2017, p.22). É óbvio que todos estes papéis podem ser subvertidos e replicáveis aos homens, contudo o que devemos aqui salientar é a carga simbólica a eles associados, no sentido em que todos os “deveres”, “tarefas” e “obrigações” que são intrínsecos ao rótulo de mulher, evidentes tanto ou mais ainda na sociedade portuguesa, aludirem ao uso deste rótulo em causa, como forma de permissão e tradução em formas de dominação simbólica, exercida nas mulheres pelos homens, familiares, grupos de pares e por outras mulheres, quer seja de modo consciente ou inconsciente.



**Figura 4 Algumas dimensões relevantes sobre o papel da mulher**



Fonte: Elaboração própria.

A temática referida relativa aos modos de vida, também ela pode estar associada a um modo de apresentação de si mesma perante o *outro*, daí a questão da dominação simbólica que é feita, podendo dar origem à criação de uma identidade visual associada às mulheres no seu geral, aquilo que devem ser, vestir, formas de se comportarem entre outros aspetos, bem como uma identidade visual que se direciona para as mulheres residentes em bairros sociais, apontando neste caso para um conservadorismo característico da sociedade portuguesa (Guerra, Gelain e Moreira, 2014, p.25), isto é, um machismo latente que condiciona as mulheres. Não só a importância da aparência visual, retomamos o tema da educação de forma breve e as suas disparidades entre mulheres que residem em bairros sociais face às que não vivem, tendo sido considerado pertinente uma análise de um *podcast* sobre género que foi publicado no Jornal Público, intitulado *Esmeralda, a “presidenta” que ajuda mulheres no bairro a irem para a cama “de cabeça aliviada”*, neste ano de 2018. O mesmo *podcast* procurou dar voz a uma mulher de um bairro social, sendo de destacar que foram criadas algumas categorias de análise ou tópicos de discussão e análise, entre eles alusões a breves trajetórias de vida, referências a intervenções e auxílio das e para as mulheres aliado a intervenções noutros bairros do Porto, questões de violência, gravidez precoce, educação e empregabilidade, e ainda lazer e privações variadas. Então, podemos começar a nossa breve análise na temática subjacente à educação, uma vez que a entrevistada menciona o facto da maioria das

mulheres do Bairro de Aldoar – bairro social onde reside – nem o 9º ano de escolaridade possuem, facto esse que vem corroborar as afirmações anteriores relativas às barreiras que se impõem no que toca o acesso à educação, bem como constrangimentos económicos ou sociais que dificultam esse processo educativo o que, por sua vez, se espelha na variante da empregabilidade (empregos não precários) e qualidade de vida<sup>26</sup>, “85% não trabalham” (Público, 2018).

Estas dimensões do papel da mulher na sociedade em múltiplos aspetos podem ser associadas – e são-no de facto – a fenómenos de exclusão social analisados no capítulo anterior, bem como podem ser vistas como um produto da falta de coesão social dentro do contexto urbano, tornando-se algo intrínseco a qualquer tipo de estrutura social e, de acordo com Luís Capucha “[...] produzem-se situações que designamos pela expressão «exclusão social» quando a sociedade não oferece a todos os seus membros a possibilidade de participar e beneficiar de todos esses direitos e sentir-se membro cumprindo os deveres” (cit. Por Guerra, 2002a, p.42). Então, a exclusão social incide – e fazendo aqui uma ponte de ligação com o capítulo prévio – na desinserção social, desintegração face ao sistema económico e desinserção das relações sociais e familiares (Guerra, 2012b), logo, ainda face a esta temática da desinserção social, a entrevistada pelo Jornal Público (2018) aborda situações, categorizadas por nós como estando pertencentes ao campo das privações, em que as mulheres não possuem relação ou então, fracas conexões com o mundo exterior ao bairro onde residem, pois “Os homens não saem com as mulheres pra lado nenhum” (Público, 2018). Novamente, através deste pequeno excerto transcrito da entrevista dada conseguimos rever e identificar discursos dentro da temática da exclusão, mas inclusive na ordem da dominação simbólica, dado que é feita uma menção ao papel que o homem desempenha na existência – ou possível término – de privações constrangedoras às vivências sociais e quotidianas destas mulheres do Bairro de Aldoar.

Ainda dentro deste espectro conceptual da exclusão e marginalização urbana e social, fenómenos como a violência doméstica e no namoro adolescente e o medo implementado e enraizado face aos maridos, abortos clandestinos e gravidez na adolescência, são fatores relevantes para a compreensão destes territórios e seus

---

<sup>26</sup> Assumindo aqui a noção generalista de que níveis de escolaridade mais elevados conduzem a melhores emprego e, por conseguinte, a melhores condições de vida.

indivíduos residentes. Por fim, achamos pertinente analisar o discursos da entrevistada quando fala sobre outras mulheres, por exemplo, no que toca o lazer e criação de outras atividades no Bairro de Aldoar, em que se destaca o seguinte excerto “[...] duas gordas na baliza, é mesmo para a gente se rir” (Público, 2018), apesar de ser feita a ressalva devido á questão geracional<sup>27</sup> e outros eixos que possam estar na base deste tipo de discursos, de certo modo, acaba por atestar a afirmação anterior de perpetuação e criação de rótulos e estereotipagens mesmo por parte do sexo feminino.

Em modo conclusivo desta temática, este *podcast* foi considerado pertinente e tido em linha de conta no corpo e estruturação deste trabalho de investigação, não só pelo seu conteúdo, de certo modo, ilustrativo das considerações teóricas e reflexivas, mas por servir de mote e de inspiração para uma possível verificação ou não de situações similares no nosso objeto de estudo, principalmente no que toca as questões de dominação simbólica, empregabilidade, educação e, claro está histórias de vidas das mulheres do Bairro do Cerco, procurando estabelecer alguns elos – por mais singelos que sejam – entre dois bairros sociais, na tentativa de traçar um caminho concreto de distinção e teste de diferenças gritantes (ou não) entre a *mulher do centro* e a *mulher da periferia*<sup>28</sup>, tornando talvez possível o fornecimento de informação para uma melhor contextualização destas diferenças no que toca a cidade do Porto.

---

<sup>27</sup> A entrevistada tinha 66 anos aquando da realização do *podcast*.

<sup>28</sup> O conceito de *mulher do centro* e de *mulher de periferia* alude à questão da diferenciação que é feita através dos contributos de inúmeros autores, alguns deles abordados ao longo deste trabalho de investigação, sobre as diferenças e nuances entre o centro da cidade e periferias que a compõem. Ora, se para a cidade existem eixos concretos estabelecidos, de distinção entre estas duas facetas por assim dizer, questionamos o facto de, para o papel da mulher tal não existir. Será pela dificuldade de criação dos mesmos? Não aplicabilidade? Ou falta de sensibilidade e preocupação com o tema? Dando preferência, ao invés, a considerações que abrangem o género por igual, sem particularidades que a nosso ver seriam extremamente pertinentes de serem aprofundadas com estudos nas mais diversas áreas de conhecimento, dando ênfase a problemáticas como o contexto habitacional em que as mulheres se inserem ou inseriram no passado, suas trajetórias de vida, o papel e relevância familiar entre outros.

## PARTE II: DO BAIRRO ÀS VIDAS

### Capítulo 4 Recorte e aproximação ao bairro

*Uma cidade pode ser um nome  
dum país, dum cais, um porto, um barco*

(Albano Martins)

**Figura 5** Vista do Bairro do Cerco, a partir da Rua Peso da Régua



Fonte: Fonte: Sofia Sousa, 2018.

Entrando agora na segunda parte deste trabalho de investigação, iremos apresentar de forma mais aprofundada as questões relativas ao Bairro do Cerco, bem como as técnicas utilizadas e motivação subjacente, isto é, procuramos estabelecer uma ligação entre o nosso objeto de estudo, aquilo que foi feito para o analisar e compreender mas sempre tendo em mente todos os conceitos que foram considerados fundamentais em termos teóricos para a elaboração deste trabalho de investigação.

Assim sendo, devemos estabelecer algumas considerações acerca da recomposição social deste espaço, bem como sobre a sua evolução e simbologia na cidade do Porto e, mais concretamente, na freguesia de Campanhã, uma vez que devemos aferir que o bairro é tido como um espaço relacional e social que possui em si mesmo inúmeras possibilidades de análise, dado que atendemos primordialmente aos imaginários

particulares das mulheres deste espaço, dado também a percepção de uma concentração de problemas sociais desafiadores e desafiantes à nossa investigação. De igual modo, e recorrendo aos contributos de Paula Guerra (2002a), podemos desde logo destacar a importância deste espaço em termos habitacionais, daí o nosso interesse em perspetivar as localizações de outros espaços de habitação social (figura 6 e figura 7), uma vez que os mesmos foram construídos através da necessidade de alojamento destinado a frações populacionais mais desfavorecidas. Sendo esta a sua marca distintiva, a mesma torna o bairro um local de reconstrução social, uma vez que a habitação pressupõe a presença de indivíduos, vemos assim presente formas de relacionamento, apropriações e usufruição do espaço em causa, porém não podemos descurar o papel que a própria morfologia deste espaço possui, em termos de impactos – quer sejam eles positivos ou negativos – nos quotidianos e imaginários destas populações, algo que para esta temática da habitação social não podemos colocar de parte os eixos de exclusão social previamente enunciados neste trabalho de investigação.

Deste modo, devemos ter em linha de conta que o impacto visual do bairro Cerco do Porto reflete os padrões urbanísticos dos anos 1950 e 1960 (Guerra, 2002a, p.95). Este bairro foi construído em 1963 como se apresenta na Figura 6 do subcapítulo 4.2 – assente nos princípios da Carta de Atenas<sup>29</sup>, nomeadamente os princípios da racionalidade, sensibilidade e tecnologia. Assim, este espaço-lugar materializa-se na existência de espaços públicos mal definidos ou inexistentes, mas também em mau estado de conservação, podendo assim ser mencionados espaços como as associações culturais e recreativas abandonadas, ringue entre outros.

Contudo, antes de avançarmos para o próximo subcapítulo em que será feita uma abordagem ao uso, vantagens e possíveis desvantagens da Cartografia nas ciências sociais e uma apresentação de alguns resultados da nossa pesquisa, consideramos pertinente – uma vez que já foram apresentados os nossos objetivos gerais e específicos de pesquisa – avançar com a enunciação das nossas hipóteses de trabalho. É de referir que as mesmas foram sofrendo algumas alterações no decorrer do nosso trabalho, devido a dificuldades que foram encontradas no terreno e na aplicação de técnicas como as entrevistas, mas mesmo assim elas servem de sustentação ao nosso trabalho e processo de recolha de

---

<sup>29</sup> Câmara Municipal do Porto, Programa MED-URBS AEDIFICARE Bordeaux – Casablanca- Porto. Terceiro Seminário Técnico Internacional, Casablanca, Câmara Municipal do Porto, 1993.

informação, sendo que se materializam em noções criadas *a priori* e modificadas *a posteriori* face ao nosso objeto de estudo, (1) uma hipótese diz respeito ao facto dos discursos mediáticos contribuírem não só para os processos de vivência no Bairro do Cerco do Porto mas, inclusive, para a perpetuação de sentimentos de insegurança face a este mesmo território. Avançando, outra hipótese (2) refere-se aos discursos e sentimentos de segregação, estigma e exclusão por parte de indivíduos exteriores ao bairro e ao impacto que os mesmos possuem nas histórias de vida, percursos e modos de vida (quotidianos) das mulheres deste bairro em causa. Tentou-se ainda abranger as conjunturas económicas, sociais e políticas que se refletem nas mudanças de identidades individuais das mulheres do Bairro do Cerco, mas também, impactos no que concerne as identidades coletivas, nomeadamente, no sentimento de comunidade da população do bairro (3). Por fim, a nossa última hipótese de trabalho (4) insere-se nos sentimentos de pertença a este espaço físico e social que é o Bairro do Cerco do Porto e ao facto destes mesmos serem afetados pela localização do Bairro, isto é, na medida em que este se encontra situado numa periferia, praticamente afastado do centro da cidade do Porto, sendo que esta última hipótese se relaciona com os conceitos apresentados no primeiro capítulo desta investigação<sup>30</sup>.

#### **4.1 Um Bairro mediático: considerações acerca dos discursos mediáticos sobre o Bairro do Cerco do Porto**

Antes da análise e abordagem ao pendor cartográfico presente neste trabalho de investigação bem como a outras técnicas que foram de extrema relevância, dado este capítulo ser uma aproximação ao bairro, consideramos pertinente uma breve explanação dos dados obtidos através da análise de notícias do Jornal Público<sup>31</sup>. Ora, numa fase inicial de aproximação ao nosso objeto de estudo consideramos importante uma pesquisa documental – além dos trabalhos de carácter científico – que se baseou na recolha, leitura

---

<sup>30</sup> A distinção entre centro e periferia de Álvaro Domingues (1994).

<sup>31</sup> É de mencionar que a escolha deste Jornal recaiu no facto do mesmo oferecer a possibilidade de acesso às notícias desde 2012 *online*, não sendo necessária consulta em arquivos. Além disso, o mesmo foi selecionado por ser conceituado e manter um critério de qualidade de informação que acompanha e acompanhou todas as edições do mesmo.

e análise de notícias desde janeiro de 2012 até setembro de 2017, aspecto esse que teve influência na alteração e aperfeiçoamento das mesmas, tendo ainda sido um fator relevante de consciencialização do trabalho desenvolvido em termos cartográficos (que será seguidamente analisado). Além do estabelecimento de uma abordagem inicial, tínhamos como objetivo compreender se se verificava ou não o que foi referido no Capítulo 3 deste trabalho de investigação, ao nível da abordagem do conceito de exclusão social e da sua usufruição ao nível de discursos científicos e sociopolíticos<sup>32</sup>, isto é, atestar o uso ou a extensão deste conceito no que diz respeito aos discursos mediáticos.

A recolha desta informação teve na sua base um critério simples, ou seja, recolha e análise de todas as notícias que abordassem o Bairro do Cerco, independentemente do conteúdo (drogas, criminalidade, cultura, lazer, habitação), dimensão, extensão e edição (Porto e/ou Lisboa), sendo que a construção de categorias subjaz às áreas temáticas que estruturavam os títulos, lead e conteúdo. No que concerne as categorias de análise<sup>33</sup>, podemos destacar a elaboração das categorias de habitação social, questões habitacionais, intervenção do Estado, questões políticas, sociais e culturais, violência e outros delitos e outros temas alusivos ao Bairro do Cerco. Para o efeito, foram recolhidas 57 notícias.

**Tabela 2 Número de Notícias do Jornal Público (2012 a 2017) de acordo com a sua extensão**

<b>Extensão</b>	<b>Número de Notícias do Jornal Público</b>	<b>Percentagem</b>
Breves (2 a 3 parágrafos)	2	3%
Pequenas (até 1 página)	17	30%
Médias (até 2 páginas)	26	46%
Grandes (2 ou mais páginas)	12	21%

Fonte: Público, 2012 a 2017.

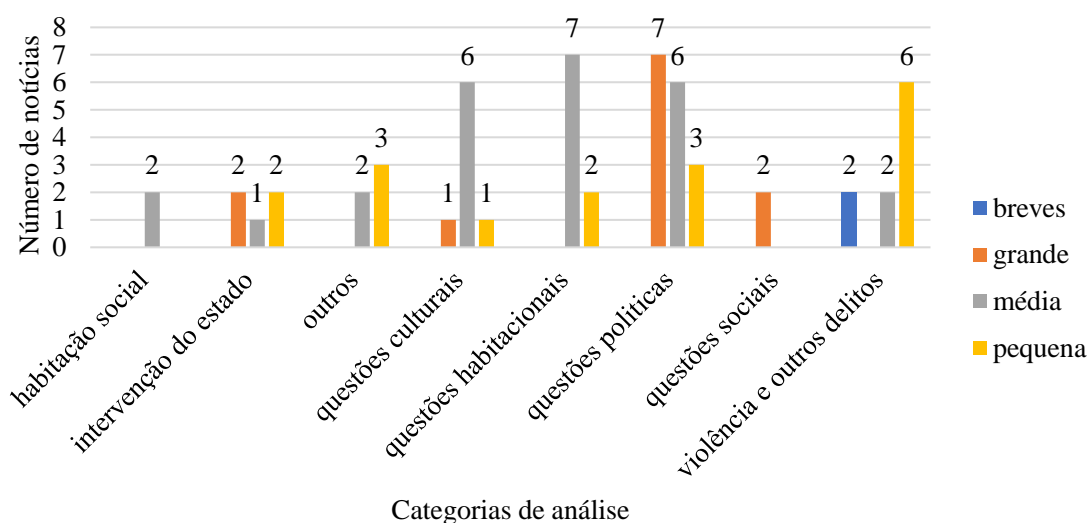
Algo a realçar na nossa análise é a esmagadora maioria de notícias de dimensão média (46%), demonstrando uma necessidade e preocupação com apresentação de informação mais detalhada e mais explícita, contrastando com as notícias breves, muito diretas e com pouco desenvolvimento do tema ou assunto, isto é, em termos de conteúdo

<sup>32</sup> Vd. Capítulo 3.

<sup>33</sup> Consultar o Anexo 3 referente às categorias e subcategorias de análise para os discursos mediáticos.

dos média – neste caso – e no que concerne a apresentação do mesmo, as notícias relativas ao Bairro do Cerco possuem um certo destaque dentro do Jornal, não passando despercebidas na estrutura do Jornal, o que levanta dúvidas, nomeadamente ao nível da relação existente entre as nossas categorias de análise e a extensão da notícia, como podemos ver no gráfico abaixo apresentado,

**Gráfico 2 Análise das notícias sobre o Bairro considerando a sua extensão e as categorias de análise (Número)**



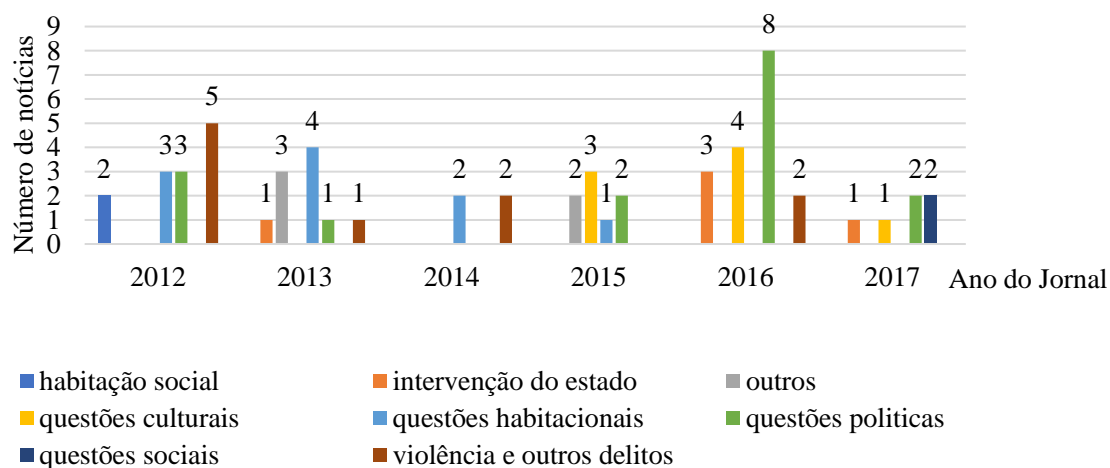
Fonte: Público, 2012 a 2017.

Na análise deste gráfico, conseguimos destacar três aspetos fundamentais para a nossa discussão face aos discursos mediáticos e possíveis impactos em discursos de perpetuação de sentimentos de exclusão social e de estigma implementados. O primeiro aspeto a ressaltar prende-se com o facto de para a categoria relativa à habitação social (estado das habitações e condições de vivência dos indivíduos), apenas encontrarmos a ela associadas notícias médias (até 2 páginas), por outro lado quando viramos o nosso olhar para temáticas categorizadas como sendo inerentes à intervenção Estatal, questões políticas e sociais, é aqui que surgem as notícias de maior dimensão de duas ou mais páginas (11 notícias no seu total) e, por fim, contrariando o senso comum alusivo a discursos mediáticos referentes ao Bairro do Cerco e à relação deste espaço com temáticas como a violência e outro tipo de delitos ou conflitos (outra das nossas categorias) objetivamos as notícias pequenas (6 notícias) com extensão máxima de uma página e, por contraste, as breves (2 notícias) par a par com as médias (2 notícias). Em suma, noutras



categorias de análise podemos encontrar e assumir discrepâncias (como é o caso das questões culturais que apresentam valores em múltiplas extensões), porém o facto de na temática da violência e outros delitos as breves estarem igualadas às médias levanta algumas questões, nomeadamente ao nível das breves – para o Bairro do Cerco – estarem sempre associadas à violência, conflitos e droga. Será que, apesar da pequena dimensão e simbologia no âmbito no Jornal como um todo, este fator contribui de certo modo para a perpetuação dos sentimentos de medo, insegurança e estigma? Será que a mensagem negativa, ainda que breve ou pequena, predomina face a uma mensagem positiva ou neutra de média ou grande extensão? Devido a estas inquietações, achamos pertinente compreender como se processam estas temáticas/ categorias de análise de acordo com os anos de recolha da informação,

**Gráfico 3 Frequência das categorias de análise de acordo com o ano de edição do Jornal Público (Número)**



Fonte: Público 2012 a 2017

Numa breve análise ao gráfico acima representado, desde logo devemos destacar as questões políticas no contexto geral do Jornal Público desde 2012 até 2017, isto é, de 2012 a 2015 poucas ou nenhuma notícia foi escrita tendo como conteúdo assuntos políticos, porém em 2016 (ano em que Marcelo Rebelo de Sousa foi eleito Presidente da República) houve um aumento exponencial das mesmas, principalmente pelo facto deste ter ido até ao Bairro do Cerco do Porto, motivo esse que causou um impacto no mundo político e social talvez por ter sido um ato inédito que ainda hoje marca os indivíduos

residentes no bairro, “[...] mas o chefe do Estado, como que em modo de campanha eleitoral, não se furtou a beijos e abraços aos moradores do bairro, enquanto se dirigia ao Largo dos Afectos, onde um palco anunciava a exibição de um grupo rap.” (Margarida Gomes, “Marcelo canta o rap dos afectos” *in* Público, 12 de março de 2016). Ainda podemos destacar, pelo impacto positivo quer das notícias anteriormente referidas quer da publicação de notícias inerentes às questões culturais, que ambas contribuem de certo modo para a quebra daquele dito estigma que poderá ser perpetuado através do conteúdo publicado no Jornal. Dentro das questões culturais, algo que era nulo nos anos de 2012, 2013 e 2014 teve um crescimento nos desde 2015 até 2017, muito em parte com a criação, e incentivos económico e sociais da Câmara Municipal do Porto, do projeto de intervenção social e artística intitulado OUPA!Cerco<sup>34</sup>, “[...] Oupa! No palco secundário, novíssimo projecto de hip-hop que nasceu numa residência artística no Bairro do Cerco com oito jovens, numa iniciativa da Câmara Municipal do Porto [...]” (Mariana Duarte, “O charme de John Legend num Marés Vivas superlotado” *in* Público, 18 de julho de 2015) “. De grosso modo conseguimos apurar alguns dos padrões de publicação de notícias de acordo com algumas temáticas ou categorias consideradas por nós relevantes, sendo este um fator de compreensão dos discursos que predominam ou se associam a este espaço físico em questão que está a ser alvo de análise, contribuindo desta forma para uma breve e inicial aproximação ao nosso objeto de estudo, permitindo posteriormente a análise e aprofundamento da compreensão e entendimento de todos os aspetos que compõem o bairro, bem como, servindo de suporte para uma explicação de algumas das técnicas que foram utilizadas no processo de investigação.

---

<sup>34</sup> O projeto OUPA! Cerco enquadra-se no programa Cultura em Expansão, sendo um projeto de intervenção social e artística que teve a sua primeira edição no Bairro do Cerco do Porto, tendo posteriormente sido alargado a outros bairros sociais como Ramalde e Pasteleira. O mesmo projeto contou com a presença de artistas de renome nacional, tais como Capicua e André Tentugal, entre outros. Informação disponível em: [http://www.cm-porto.pt/cultura/agenda/oupa\\_2](http://www.cm-porto.pt/cultura/agenda/oupa_2).

## 4.2 A importância da cartografia simbólica nas ciências sociais: o Bairro do Cerco como objeto

Neste capítulo, além das considerações acerca do uso e da importância, das vantagens e (possíveis) desvantagens sobre o uso da Cartografia nas ciências sociais, enquanto método e técnica, pretendemos estabelecer uma relação e uma explicação de todo o processo de criação dos mapas que serão apresentados neste trabalho de investigação, e ainda o motivo subjacente ao recurso desta ferramenta de investigação.

*Os mapas possuem um lugar de destaque na produção académica. Historiadores, sociólogos e outros humanistas e cientistas sociais frequentemente escrevem sobre o território e bairros, sobre as disputas globais e conflitos locais, e sobre causas e correlações que envolvem diferentes áreas, aglomerados regionais e outros padrões especiais (Monmonier, 1993, p.3, tradução própria)*

É com esta citação de Monmonier (1993) que iniciamos esse subcapítulo, principalmente pelo facto de o autor inaugurar a sua obra “Mapping it out” com a referência à importância dos mapas em todas as áreas de conhecimento científico, e muito em particular nas ciências sociais. O que devemos aqui destacar, além de todas as outras valências ou potencialidades, é o facto de a Cartografia ser um instrumento essencial de análise, no que concerne estudos ou investigações que incidam, essencialmente, no território tal como Monmonier (1993) aborda, quer seja essa análise a um nível nacional, regional ou local. A produção de um Mapa surge de um modo muito assumido, como uma forma de entendimento de localizações absolutas e localizações relativas dos objetos em estudo, algo que através de explicações textuais, não são da mesma forma percecionadas, ou pelo menos não são tão facilmente compreendidas. Assim, o Mapa é uma ferramenta que traduz as relações espaciais inscritas nas palavras do investigador. A Cartografia Temática surge então como uma necessidade, dado que possuíamos um objeto de estudo com uma forte componente espacial e territorial e, por isso mesmo verificamos a importância da Cartografia enquanto ciência, para nos auxiliar na produção de apresentação de conhecimento científico.

Posto isto, para nós que realizamos este trabalho de investigação e sentimos a necessidade de suporte visual, estas questões são – ou tornaram-se – um dado adquirido. Porém, Mark Monmonier (1993) afirma que ainda persistem estudos/projetos que

abordam estas questões territoriais sem um único mapa, “[...] geógrafos que parecem ter pouco interesse em empregar os mapas para comunicar, interpretar ou explicar” (Monmonier, 1993, p.3 tradução própria). No caso, o autor refere-se explicitamente aos geógrafos e, naturalmente, não iremos envolvermo-nos nessa questão, preferimos pelo contrário centrar esta reflexão na área da Sociologia e na forma como uma área disciplinar integra (ou não) a cartografia e os mapas. Ao longo do nosso processo de procura e recolha de informação acerca do nosso objeto de estudo, deparamo-nos com um número considerável de trabalhos que abordam a temática da cidade e dos bairros sociais, em que o suporte visual e gráfico aquando da sistematização de informação, são tabelas e/ou gráficos. No que concerne os bairros sociais, quando tratamos questões como a população residente, uma tabela consegue fornecer todo o suporte visual e a informação necessária, porém questionamos se o uso de um Mapa, em que é apresentado o bairro social em questão, dentro de um contexto (freguesia por exemplo) não poderia fornecer outro tipo de informações. O que se pretende aferir é que as tabelas e os gráficos são deveras importantes aquando da apresentação e suporte da informação, contudo, o que queremos destacar neste nível é que não compreendemos o motivo pelo qual, objetos de estudo com uma forte componente espacial, não se auxiliam de um suporte visual como o Mapa, aferindo que este meio de comunicação é essencial quando existe uma análise e uma relação inequívoca entre o objeto de estudo e o território, tal foi o nosso caso (justificando assim a nossa necessidade de suporte no Mapa e na Cartografia Temática), pois esta é a principal forma utilizada para representar a distribuição espacial de uma ou mais variáveis, permitindo ainda a representação de informação sobre temas específicos, no sentido em que evidencia distribuições ou padrões espaciais (Gaspar, 2007).

Ainda, pretendemos postular a necessidade e a importância da interdisciplinaridade, sendo ela mesma atestada com a elaboração deste tipo de trabalhos de investigação, a relação entre a Sociologia e a Cartografia<sup>35</sup>. O homem possui a capacidade de criar imagens mentais que funcionam como modos de compreensão de certos fenómenos ou espaços, porém estas são fragmentadas, de pequena escala e, muitas vezes, são esquecidas. Ora, o que queremos concluir é que é praticamente impossível um

---

<sup>35</sup> “Deste modo procurou-se adotar uma estratégia de análise multidisciplinar, elencando as visões sobre a evolução da cidade consoante as diversas disciplinas como a História, Geografia e a Sociologia, no que concerne as representações, simbologias, sentimentos e/ou significados inerentes à população que compõe o tecido urbano portuense” (Cf. Capítulo 1).

indivíduo criar uma imagem mental, na qual estão presentes todos os bairros sociais de uma freguesia por exemplo, além disto, também é muito difícil um indivíduo interiorizar valores de uma tabela. Contudo, um Mapa que reúna estas duas informações pode facilitar este processo de compreensão e assimilação mental, sendo esta uma das principais vantagens, a nosso ver, do uso da Cartografia (Temática) nas Ciências Sociais. Quando afirmamos tais aspetos não pretendemos induzir que o mapa é superior á escrita, tabelas ou gráficos, mas sim, exemplificar que todos estes elementos de exposição e análise de informação devem e podem ser articulados, permitindo estudos mais aprofundados e completos, “palavras *com* mapas podem ser mais poderosas como veículo de exposição académica do que as mesmas palavras *sem* mapas” (Monmonier, 1993, p.7, tradução própria).

Monmonier (1993) menciona que as falhas que existem neste sentido do uso e importância dos mapas, principalmente nas ciências sociais, e mais especificamente na Sociologia (o nosso foco), pode advir em parte dos planos de estudos. No início da elaboração deste trabalho não eram compreendidas na totalidade as potencialidades desta ferramenta, nem quais eram os seus fundamentos ou usos basilares, algo que contribuiu para as dificuldades que sentimos no processo, em primeiro lugar não sabíamos até que ponto poderíamos usar o Mapa em nosso proveito, isto é, em que moldes seria possível mapear a informação que recolhíamos, como o fazer nem até que extensão tal seria possível, desse mesmo modo, este aspeto veio influenciar a recolha de informação no sentido em que não estávamos a conseguir gerir os dados recolhidos. Estas dificuldades foram superadas através de múltiplas tentativas e procura de informação sobre a Cartografia Temática, até que concluímos que os mapas temáticos permitem uma articulação entre dados quantitativos e qualitativos.

A recolha da informação geográfica é absolutamente essencial, pois sem ela não podemos perceber o território nem representar o mesmo, dado que os entraves na recolha de informação inerente aos bairros sociais iriam afetar a qualidade e a profundidade das leituras espaciais, tendo até sido repensada a escala de recolha de informação. Além deste pensamento que é feito sobre a recolha dos dados e posterior análise dos mesmos, as formas como gerimos estes dados podem, de facto, ser encarados como uma potencialidade, isto é, a interdisciplinaridade aqui é de realçar. Se uma das principais funções do cartógrafo é a recolha de informação geográfica, é-nos possível

aferir que enquanto sociólogos adquirimos ou enfatizamos mais competências, no que diz respeito a modos e métodos de categorização da informação, gestão e organização da mesma, para que numa fase mais avançada, compreendamos o que foi recolhido e, em que medida tal se relaciona, deriva e processa no território. Estes processos não são fáceis, muito pelo contrário, são feitos de recuos e avanços pois requerem um pensamento crítico constante. Vejamos: o que é informação implícita para nós investigadores, pode não ser implícito (e por vezes não é) para quem está fora do processo. Tal, implica recorrentemente, um trabalho árduo de transformação de informação complexa para uma informação simples e acessível, não só para quem constrói o mapa, mas para quem o vai consultar<sup>36</sup>.

Fotiadis (2008/2009) menciona na sua obra que os mapas são construções sociais. Porém, nós – tendo em linha de conta todos os aspetos que já vêm sido mencionados – consideramos que os mapas, neste caso se apresentam também como uma construção visual – uma transposição – das construções sociais que são feitas pelos indivíduos, através das suas interações, significados, simbologias e formas de usufruição do espaço, sendo que tal serviu de mote para a perspetiva de criação de mapas inerentes aos dados obtidos através da realização de observações diretas no território, procurando estabelecer a ligação entre esta técnica e esta ferramenta de trabalho, tão importantes e interdependentes no nosso caso. Nós recorremos à Cartografia Temática, contudo aprendemos que o território se encontra inter e intra-relacionado com os indivíduos, quer seja a pequena ou grande escala, estes dois eixos, indivíduo e território, são indissociáveis, pois para nós seria impensável compreender os modos de usufruição ou comportamentos dos moradores do bairro sem compreender, de igual modo, como os blocos estão organizados, qual a sua localização na cidade e, por sua vez, na freguesia de Campanhã para que quando surjam dúvidas como “Porquê aqui” a explicação se torne sustentada no espaço, que seja uma hipótese de compreensão e análise. Mapearíamos as construções sociais, no que concerne as simbologias de espaço.

---

<sup>36</sup> No que concerne este processo, podemos ainda destacar algo que desde logo ficou implícito nas reuniões com o Serviço de Infografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto que a construção de Mapas é um processo, uma viagem, um caminho que, numa fase inicial, reclama várias sessões de esclarecimento, de dúvidas e de questionamentos, principalmente naquilo que concerne as ditas relações espaciais e geográficas que já foram mencionadas, indo de encontro ao que Monmonier (1993) refere. Se um Sociólogo, para contruir um guião de entrevista ou inquérito, precisa de realizar vários retoques e alterações, o processo verifica-se similar na construção de um mapa, apesar dos resultados e fins distintos.

A propósito desta ideia atrás mencionada, Fotiadis (2008/2009) enaltece considerações face à temática das imagens mentais que já foram explanadas previamente, referindo que quem vai consultar o mapa não é uma tela em branco, mas sim uma colagem de diversas imagens, representações e simbologias. O que pretendemos abordar é que os modos que subjazem à elaboração do mapa e a sua apresentação podem servir para perpetuar o estigma face a determinados territórios, como é o caso dos bairros sociais. Por esta questão, e pela relevância da visão do Mapa como um meio de transposição de construções sociais, não queríamos abordar o bairro do Cerco como uma ilha, sendo que neste sentido fizemos a tal recolha em termos quantitativos de todos os bairros que conseguimos encontrar, que compõem o tecido urbano do Grande Porto, com o intuito de perceber algumas variáveis mas, acima de tudo, compreender o posicionamento do nosso objeto de estudo face a outros bairros, não ficando assim aprisionado a limites administrativos e trabalhando com várias unidades espaciais.

Assim sendo, o que pretendemos abordar são os modos que subjazem a elaboração do mapa e a sua apresentação, sendo que os mesmos podem servir para perpetuar o estigma face a determinados territórios, como é o caso dos bairros sociais. Se apresentarmos um mapa em que apenas consideramos o bairro do cerco como o tal espaço- ilha previamente referido, sem fornecer qualquer tipo de enquadramento espacial com elementos de referência, ao mencionar dados que levam a um mapeamento, por exemplo, dos locais onde se consome SPA<sup>37</sup> podemos estar a contribuir, sem nos apercebermos, para uma perpetuação de sentimentos e de discursos estigmatizadores, porém se apresentarmos esta mesma variável do consumo de SPA no bairro do Cerco, bem como nos bairros ao seu redor, podemos, pelo contrário, levar a uma quebra ou não deste tipo de discursos mas, pelo menos, fornecemos um suporte visual que permite uma comparação. Esta temática remete para o ponto abordado anteriormente, inerente ao processo de recolha de informação e construção do Mapa como uma base de sustentação às nossas hipóteses e objetivos, sendo que por vezes a recolha de informação neste âmbito é demorosa e difícil, o que se assume como um entrave pois “ A clareza e confiabilidade da representação da informação no mapa é um fator fundamental na Cartografia Temática” (Brito, 1999, p.1). O fornecimento de um suporte visual que permita este tipo de considerações é de extrema relevância para a compreensão em profundidade do

---

<sup>37</sup> Substância Psicoativas.

espaço, daí a importância – para nós – da criação de uma moldura de análise que permita a representação dos bairros sociais de *uma* parte do Grande Porto, posteriormente analisados e apresentados. Tendo em mente estas afirmações, é possível desde logo aferir que os mapas têm como objetivo, no nosso caso, não apenas uma mera exposição de informação relativa a um microterritório, mas sim, um objetivo mais alargado possibilitando a revisitação deste mesmo espaço para o mesmo estudo, ou de outro género, salientando padrões geográficos, neste sentido, iremos agora iniciar a exposição dos nossos mapas relativos aos bairros sociais.

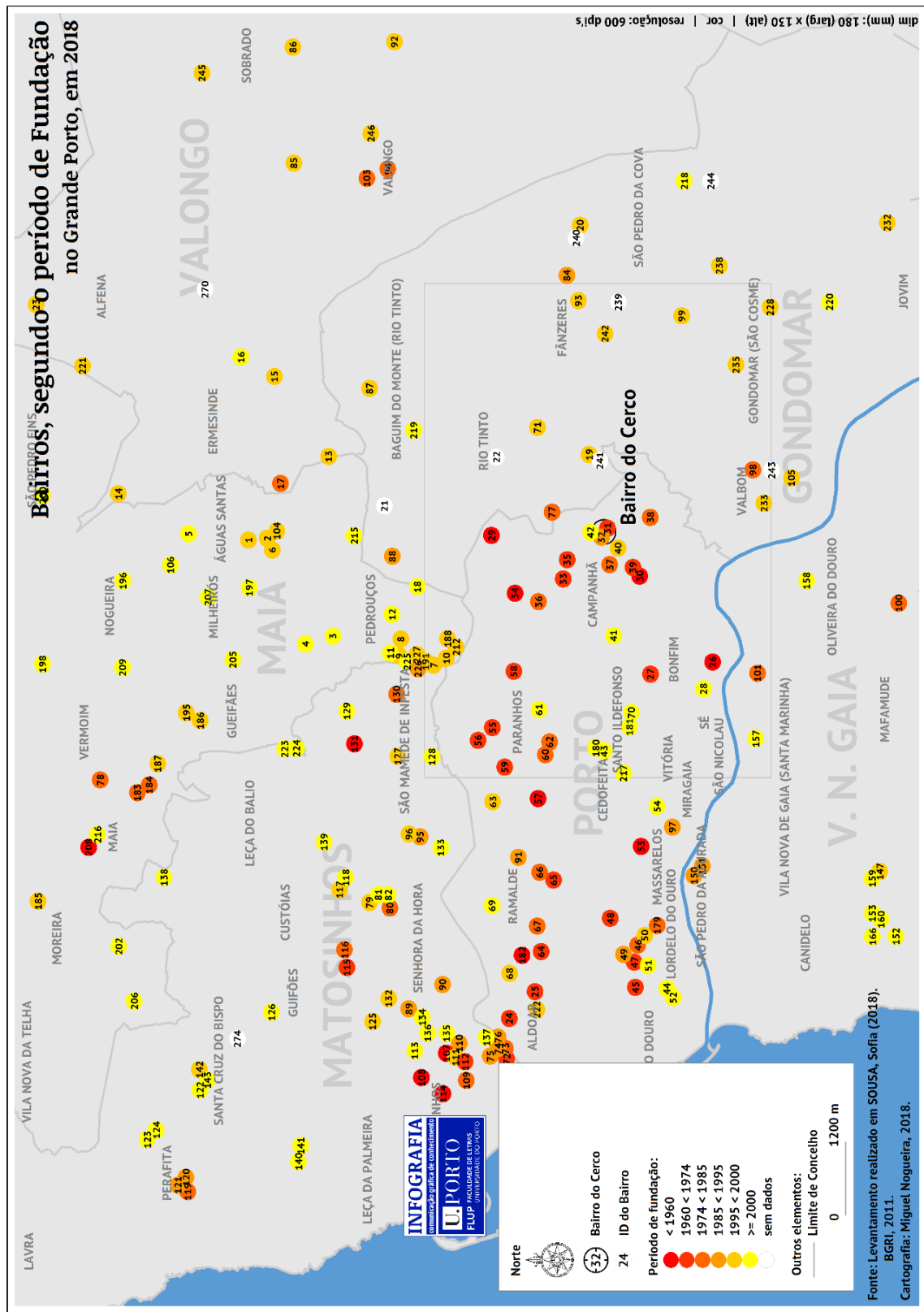
Deste modo, e atendendo a todos os elementos que têm vindo a ser enaltecidos, procuramos compreender como se posicionava o nosso objeto de estudo no contexto do Grande Porto, tendo sido feito um levantamento de informações relativas ao ano de fundação e à tipologia de habitação<sup>38</sup>. Devemos salientar que apenas foi possível recolher informação para estas duas variáveis devido à escassez de tempo e dificuldades sentido no processo, quer seja pela identificação dos bairros quer pelo fornecimento de informação por parte dos órgãos como as Câmaras Municipais. Então, a necessidade que esteve na base da recolha deste tipo de informação, surgiu baseada na noção referida anteriormente da ideia de contrariar as análises convencionais em que o objeto de estudo se apresenta como uma ilha que flutua num espaço geográfico alargado, ora se o senso comum e alguns projetos lidos e analisados referiam que o Bairro do Cerco do Porto é um dos mais antigos, questionamos até que ponto, ao seu redor, as construções de habitações de cariz social foram mais recentes, os motivos subjacentes – dado que foram relevantes para este trabalho de investigação os planos como o SAAL e outros projetos de intervenção – e o tipo de tipologia. Tal exercício serve de mote para uma investigação mais alargada, que propõem dessa forma a recolha de informação sociodemográfica de todos os bairros sociais que ocupam o Grande Porto, promovendo e permitindo uma análise mais detalhada deste fenómeno habitacional e social.

---

<sup>38</sup> No início deste processo de recolha de informação, tínhamos como intenção recolher dados para o número de fogos, número de residentes bem como, dados sociodemográficos relevantes tais como os grupos etários e empregabilidade desses indivíduos. Porém, devido às dificuldades encontradas apenas na recolha dos dados relativos à tipologia e ano de fundação foi-nos impossível avançar com este processo, sendo de mencionar ainda a escassez de tempo inerente à elaboração de uma Dissertação.



Figura 6 Bairros, segundo o período de fundação no Grande Porto, em 2018



Fonte: Elaboração própria

Iniciando a nossa leitura<sup>39</sup> do mapa, daquilo que ele nos comunica, podemos afirmar que os bairros mais antigos, com data de fundação datável até aos anos 60, se encontram no concelho do Porto sendo o mais antigo o bairro Duque Saldanha (26) - situado na Freguesia do Bonfim - , e seguidamente o bairro S. João de Deus<sup>40</sup> (29). Outra informação relevante é relativa ao facto de no concelho de Matosinhos verificarmos a existência de alguns dos primeiros bairros<sup>41</sup> construídos como o Tarrafal (114), Cruz do Pau Antigo (107) e o Bairro dos Pescadores (108). Apenas em 1963 surge o Cerco do Porto (31), um ano após a construção do bairro Fernão Magalhães (27) e de São Roque da Lameira (35), ambos geograficamente próximos, podendo desde logo mencionar que o Bairro do Cerco não se encontra tão isolado como pensamos, isto é, do centro da cidade é de facto distante mas existem, perto e ao redor dele vários bairros, podendo ser um ponto de comparação e de análise deste território.

A construção destes bairros sociais e outros como já foram apresentados através da obra de Matos (1994) pode encontrar-se relacionada com as considerações feitas no capítulo relativo às políticas habitacionais, isto é, se nesse mesmo capítulo mencionávamos que o Porto desde a Primeira Guerra Mundial foi alvo de uma intensificação populacional que, por sua vez, conduziu a clivagens na própria cidade, podemos ver espelhado no nosso mapa as localizações habitacionais do Estado Novo, com uma construção média – durante o período do regime – de cerca de 32 habitações de cariz social. Assim se iniciam os primeiros sentimentos e fenómenos de divisão espacial e social, originando as questões como o estigma, sendo a maioria concentrada em zonas periféricas e afastadas do centro da cidade (os primeiros indícios da existência de uma dualidade entre centro e periferia).

---

<sup>39</sup> Anexo 4 com a legenda da Figura 6 e 7.

<sup>40</sup> O bairro S. João de Deus apesar de já ter sido demolido, foi considerado na nossa base de dados por alguns motivos. O primeiro deve-se ao facto de muitas famílias que agora vivem no Bairro do Cerco foram transferidas do S. João de Deus, sendo assim um marco no que concerne o crescimento habitacional e populacional do nosso objeto de estudo. O segundo motivo prende-se com o facto de este ainda constar das bases de dados públicas, relativas às habitações sociais existentes no Porto, na página online da Domus Social e, por fim, o terceiro motivo encontra-se direcionado para as entrevistas realizadas, ora após a recolha dos dados para mapeamento e início das entrevistas, grande maioria referia que se pudesse regressava ao bairro S. João de Deus, alegando a reconstrução do mesmo. Então, além de ser um dos bairros mais antigos do Porto, ainda hoje possui um peso considerável no imaginário dos indivíduos, nos órgãos de comunicação social e talvez, nos órgãos administrativos da cidade.

<sup>41</sup> Ou Conjunto Habitacional como a Câmara Municipal de Matosinhos o designa na sua página *online*. Disponível em: <http://www.matosinhoshabit.eu/c-h-tarrafal>.

Fátima Matos (1994) refere que com o tempo estas bipolarizações foram acentuadas, o que de facto se verifica, acabando por fazer alusão a três fases, a primeira é a *passagem da população dos centros para as periferias*, que por um lado conduz a uma *hiperconcentração territorial* e por conseguinte uma *periferização populacional*<sup>42</sup>, em termos históricos todos estes eixos são verificáveis através do nosso conhecimento da cidade, discursos políticos ou através de outros meios académicos por exemplo, contudo aqui ressalvamos a importância do suporte visual que o mapa acima apresentado nos confere, ora até 1974 as habitações de cariz social encontravam-se – ainda que em periferias – relativamente próximas do centro da cidade, contudo, a partir desse marco até aos anos de 1980 é-nos possível perceber a construção de bairros sociais em Valongo, Gondomar, Maia e Vila Nova de Gaia<sup>43</sup>, como exemplos podemos enumerar o bairro das Saibreiras (17) – Freguesia de Ermesinde, construído em 1982 -, bairro da Ponte (77) - Freguesia de Rio Tinto, construído em 1977- , bairro do Sobreiro (78) – Freguesia da Maia, construção feita em 1978 – e o bairro de Quebrantões (101) – Freguesia de Oliveira do Douro, realizado em 1977.

No que concerne a *hiperconcentração territorial* conseguimos observar alguns polos de concentração habitacional em Matosinhos, algumas Freguesias do Porto e na Maia inclusive – territórios que têm vindo a ser abordados de forma recorrente – o que propomos agora fazer é analisar em que sentido se verifica um aumento ou não, da construção de habitação social, desde 1985 até aos anos 2000. Através da recolha de informação que foi feita para este trabalho de investigação, podemos atestar que nesse período de tempo foram construídas cerca de 187 casas de cariz social. O motivo da utilização deste conceito de Matos (1994) pretende ser direccionado com outro aspeto, isto é, pressupõe-se muitas vezes que a hiperconcentração é relativa a um espaço ou um serviço por exemplo, sendo que o que se pretende reafirmar é a hiperconcentração dos bairros sociais de acordo com o espaço, isto é, são escassos os casos em que se verifica a existência de um bairro isolado, a grande maioria encontra-se muito próxima em termos espaciais mesmo quando falamos em Freguesias de Concelhos mais periféricos. Desta leitura, um elemento de curiosidade é que apenas em Valongo, se verifica uma distância considerável entre a localização dos bairros sociais, os mesmos acabam quase que traçar

---

<sup>42</sup> Conceito mencionado no subcapítulo 2.2 deste trabalho de investigação.

<sup>43</sup> Além destes, destacamos outras construções em Matosinhos e até em Paredes, Freguesia pertencente ao concelho de Penafiel.

uma *muralha* em torno do concelho, sendo eles nomeadamente o Bairro da Palmilheira (13), Sampaio (14), ainda o Bairro da Serra Amarela (23), e por último o Bairro do Barreiro (221), contrastando assim com o centro da cidade em que a habitação social se apresenta com maiores concentrações. Para concluir este ponto da *periferização populacional*, apesar de já termos dito diversas vezes que houve um alastrar para outras periferias, exponenciado muito em parte pela construção de habitações sociais, podemos ainda aferir que as mesmas não se findaram à data dos anos 90, muito pelo contrário. Estes fenómenos e eixos de análise que têm vindo a ser expostos servem para atestar as informações, isto é, temos como ponto de partida o centro da cidade do Porto, posteriormente um alargamento de construções habitacionais para as freguesias mais próximas do centro e, progressivamente um aumento dessas mesmas construções para outras, quase como que um *efeito borboleta*, o qual permite o destaque de certas Freguesias.

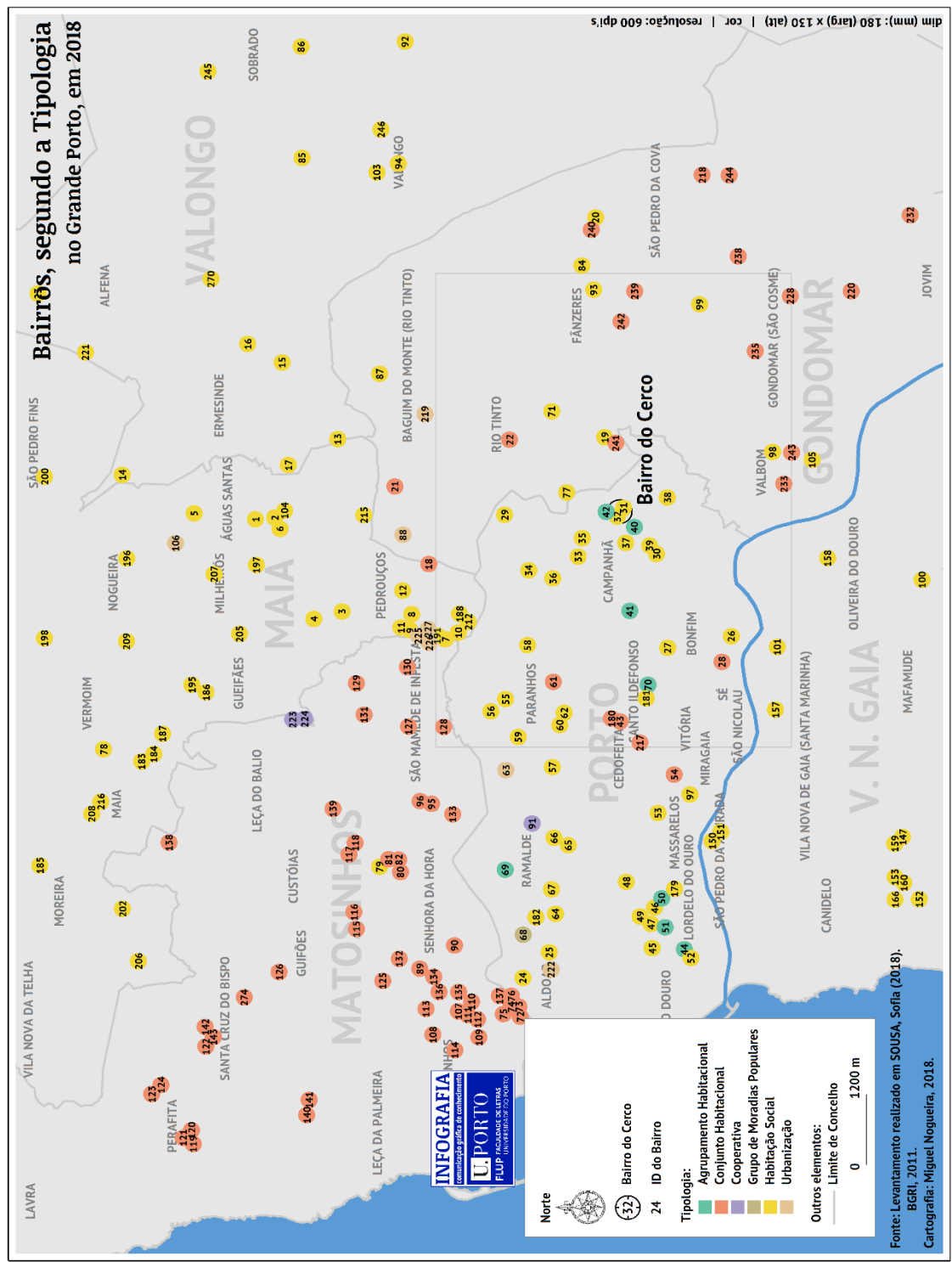
Já que é visível a quantidade de bairros sociais existentes no Grande Porto, questionamos possíveis relações entre eles, e ainda, se existem assim tantos bairros sociais com proximidade em termos espaciais, porque é que a uns se atribuem sentimentos negativos, de exclusão, segregação e marginalização tão evidentes como no caso do Bairro do Cerco e, por oposição, outros nem são encarados como sendo bairro social dado não possuírem essa carga simbólica pejorativa que habita nos nossos imaginários? Estas perguntas levaram a um questionamento da forma como estes mesmos são apresentados pois, nos nossos processos de *brainstorm* e de procura e recolha de informação, as Câmaras Municipais foram a nossa primeira escolha porém, como referimos anteriormente, foi onde nos detivemos com as dificuldades mais elevadas, pois nem todas as Juntas de Freguesia ou Câmaras Municipais disponibilizam informação completa, tendo apenas sido encontrada essa mesma – de forma explícita e sucinta – na Câmara Municipal de Matosinhos e de Vila Nova de Gaia<sup>44</sup> e, quando a encontramos e analisamos nas nossas bases de dados, reparamos na distinção feita, existindo assim Agrupamentos Habitacionais, Conjuntos Habitacionais, Cooperativas, Grupo de Moradias Populares, Habitação social (Bairro) e Urbanização, sendo importante nesta fase realçar que foram consideradas as habitações de cariz social, independentemente da sua tipologia, isto é,

---

<sup>44</sup> A Câmara Municipal do Porto apenas apresenta informação para os bairros das Freguesias do Concelho do Porto como Paranhos ou Lordelo do Ouro; A Câmara Municipal da Maia, Valongo e Gondomar não deram resposta, pelo que alguns bairros podem estar em falta deste mapeamento.

estas deveriam estar sobre o encargo do Estado. Deste levantamento de informação, surgiu o seguinte mapa,

Figura 7 Bairros, segundo a Tipologia no Grande Porto, em 2018



Fonte: Elaboração própria

Antes de avançarmos com uma análise mais detalhada do mapa<sup>45</sup> apresentado, devemos em primeiro lugar enumerar e ressaltar as dificuldades encontradas em função deste objetivo, ora se numa primeira fase o acesso à informação foi difícil, ainda mais percalços encontramos na análise destas tipologias pois, mais uma vez, as Câmaras Municipais não fornecem uma definição clara daquilo que, no seu território administrativo, é considerado como Agrupamento, Conjunto, Bairro ou Cooperativa por exemplo e, além disso, para o caso português não são muitos os trabalhos disponíveis nas ciências sociais que abordem as questões, apenas através da leitura de algumas obras e trabalhos na área da Arquitetura foi-nos possível enaltecer algumas considerações acerca destas ditas tipologias e possíveis relações existentes com os tais impactos em termos de estereotipagem que foram anteriormente mencionados. Deste modo, estabelecemos como critério proceder ao mapeamento das habitações de cariz social utilizando as tipologias disponíveis na nossa busca pelos dados.

Como temos vindo a afirmar desde o início da redação deste trabalho de investigação, os bairros sociais na sua maioria encontram-se situados em zonas urbanamente descontínuas, em que existe uma fraca acessibilidade a serviços e outros setores, quase que isolados e com múltiplas desvantagens territoriais, o que inúmeras vezes leva ao seu isolamento e por conseguinte dos indivíduos, estes bairros sociais isolados são encarados como monofuncionais (Pinto, 1994) não efetuando uma relação entre o trabalho ou o lazer muitas vezes. Ora, se este isolamento já se verifica mesmo quando os bairros sociais se encontram inseridos em Freguesias do Concelho do Porto, ainda mais evidente este fenómeno é quando verificado noutras periferias como Valongo, dado que anteriormente se apurou que as habitações de cariz social se encontravam ao longo dos limites administrativos do Concelho, estas muitas vezes assumem-se como isoladas, sem serviços nas imediações, transportes ou zonas de lazer, como acontece no Bairro de Outrela (85) e no Bairro do Baldeirão I (245) e no Bairro do Baldeirão II (86). Apesar do isolamento espacial, como já aferimos, este tipo de habitação social possui um aspeto interessante, nomeadamente o facto de raramente encontrarmos um bairro social apenas por Freguesia ou por zona, sendo que estes surgem sempre em pares ou maior número de bairros sociais próximos uns dos outros geograficamente, então através deste fenómenos apurado podemos realçar uma das características daquilo que é um bairro

---

<sup>45</sup> Rever Anexo 4 com legenda da Figura 6 e 7.

social “[...] Os bairros de realojamento social desta forma edificados, possibilitam antes de mais o desenvolvimento de “guetos” sociais e urbanos” (Pinto, 1994, p.41).

A Habitação Social presente no mapa, é o equivalente a Bairro Social na gíria comum, o que nos apercebemos é que o termo “Bairro Social” possui intrínseco a ele uma carga negativa, daí o uso de expressões como Habitação Social ou Habitações de custo controlado, e não só o termo em si mas como características arquitetónicas que, no nosso imaginário se traduzem naquilo que é o típico Bairro Social levando, mais uma vez, à criação e promulgação dos estereótipos. Concomitantemente, os Bairros Sociais são caracterizados pela sua standardização e homogeneização visual e estrutural, interna e externa, sendo muitas vezes iguais entre si e difíceis de distinguir ou reconhecer (Augusto, 1998), pois materializam-se em construções em altura com o objetivo de albergar o maior número de indivíduos possível, os materiais por vezes são de fraca qualidade o que requer que sejam feitas remodelações e reabilitações com maior frequência.<sup>46</sup> Algo que devemos ainda considerar é que desde 1960 até aos anos 2000, muitas das habitações que foram construídas seguem esta tipologia de Bairro Social, salvo algumas exceções que iremos abordar de seguida.

**Figura 8 Breve exemplo da standardização visual (Augusto, 1998), no Bairro do Cerco do Porto**



Fonte: Fonte: Sofia Sousa, 2018.

<sup>46</sup> Se tivermos como exemplo o Bairro do Lagarteiro, o Bairro do Cerco e o Agrupamento Habitacional do Falcão podemos ver que as tipologias e características arquitetónicas são as mesmas, apenas mudam as cores dos edifícios, até mesmo “dentro” do próprio bairro é necessário a existência de numeração nos Blocos para ser possível a distinção.

Se tentarmos proceder a uma distinção exata dos conceitos como Conjunto Habitacional ou Agrupamento Habitacional estaremos a entrar um campo confuso e complexo, sendo que apenas decidimos centrar a nossa visão no local que eles ocupam no espaço físico. No que concerne a tipologia de Conjunto Habitacional (C.H) devemos desde logo destacar uma predominância em Matosinhos, nomeadamente o C.H de Lagoa (132), C.H de Gatões (130) e, por fim o C.H Teixeira Lopes (117) , apesar de haver outros em Gondomar, a título de exemplo temos o C.H de Fontela (228) e até mesmo no Porto – C.H Parceria e Antunes (54), por oposição, encontramos dados relativos aos Agrupamentos Habitacionais referentes e presentes em Freguesias do Concelho do Porto, tais como o Agrupamento Habitacional das Condominhas (50) ou o Agrupamento Habitacional da Pasteleira (51). No que concerne o termo e tipologia de Urbanização, aferirmos que este não possui um peso tão significativo em termos de Habitação controlada pelo Estado, bem como se encontram – a maioria – afastadas do Centro e concentradas em Gondomar e na Maia, sendo de ressaltar que estas Urbanizações apesar dos custos controlados contrastam largamente com uma tipologia de Bairro Social, vejamos o caso da Urbanização de Sta. Luzia (63) situada na Freguesia de Paranhos, apesar de possuírem os mesmos fins e objetivos, o albergue de população com fracas condições económicas e/ou sociais. Ainda de destacar a existência apenas de três cooperativas, duas delas já construídas após o ano de 2000, nomeadamente Norbiceta 1ª fase (223) e Norbiceta 2ª fase (224), situadas em Leça do Balio, estas surgiram como Cooperativa dado que um dos meios de acesso à habitação de custos controlados é por cooperativas de construção ou cooperativas de habitação, tendo sido este o caso tal como o da Cooperativa da Prelada (91), tendo em si mesmas moldes de coordenação e de tipos de propriedade. As Cooperativas afiguram-se quase como que um outro manancial de gestão naquilo que diz respeito a habitação, e por oposição aos moldes que regem os Bairros Sociais, ora se para uns a diferença está na morfologia da habitação (Conjunto Habitacional, Bairro Social, Agrupamento Habitacional ou Urbanização) noutro campo temos os modos de gestão e de construção. O mais curioso ainda é a existência apenas de um Grupo de Moradias Populares dos Choupas (68).

Regressando ao início deste capítulo em que abordamos as potencialidades do uso da Cartografia Temática nas ciências sociais, mais concretamente na Sociologia, tornou-se possível evidenciar um outro aspeto significativo, relativo ao *pós* concretização do



mapa. Neste sentido, depois de todo o levantamento feito em termos de tipologia habitacional, deparamo-nos com um outro entrave que só foi possível de ser observado e verificado porque possuíamos de um suporte visual desses dados em questão, em primeiro lugar as concentrações de algumas tipologias habitacionais<sup>47</sup> e posteriormente, problemáticas inerentes à análise desses mesmos dados. Após uma longa e exaustiva procura de informação que abordasse esta temática não conseguimos encontrar nada em específico que fosse ao cerne desta questão que agora aqui apresentamos, muitas obras relatam aquilo que foi a construção, os entraves, problemas e consequências dos Bairros Sociais mas no que diz respeito às diferenças entre as tais tipologias ou motivos para se designarem assim, naquele território específico, não foi encontrada informação de suporte e de sustentação aos nossos dados. Então, este trabalho permitiu que se levantasse outras dúvidas e oportunidades de investigação que, a nosso ver, são de extrema importância e relevância na ótica do estudo e compreensão das morfologias e nuances da Habitação Social em Portugal.

Ora, por um lado talvez possamos aferir a existência de uma evolução quer no investimento que é feito na qualidade das habitações que no espectro da Habitação Social, inserindo aqui a temática das Cooperativas e dos investimentos económicos feitos – já abordados anteriormente – quer ao facto de algumas Urbanizações serem de custo controlado, mas numa tipologia de moradia e não construção em altura como os Blocos. Por outro lado, o que nos parece é que estas construções como os Conjuntos Habitacionais, os Agrupamentos ou até os Grupos de Moradias Populares vieram, de certo modo, servir necessidades políticas pois, mantém a sua função de fornecer habitação a custo controlado às franjas populacionais que necessitam, mantém de certo modo um afastamento físico dos centros, serviços e vias de acesso ou de mobilidade mas, para o olhar comum, não transmitem o sentimento de insegurança, incerteza ou a visão estigmática e estigmatizada inerente e associada aos Blocos dos “tradicionais”<sup>48</sup> Bairros Sociais. Destes aspetos outras inquietações surgem, como por exemplo, os motivos para

---

<sup>47</sup> Como é o caso dos Conjuntos Habitacionais predominantemente em Matosinhos, os Agrupamentos Habitacionais em Freguesias do Concelho do Porto e as Urbanizações na Maia e em Gondomar.

<sup>48</sup> O conceito de *tradicional* aqui neste campo prende-se com uma distinção, ao olhar da investigadora, entre aquilo que é Habitação de cariz social *clássica*, profundamente estigmatizada, com um aspeto descuidado, com locais ou zonas inseguras e em estado de degradação ou deterioração como é o caso do Bairro do Cerco, por oposição a habitações, também elas de cariz social, que principalmente foram construídas a partir do início dos anos 2000, bem cuidadas, *modernas*, encaradas como prédios comuns que se misturam e diluem no urbano, sem terem a elas associadas o estigma do Bairro Social problemática.

os tais Agrupamentos ou Conjuntos Habitacionais serem construídos naquele local e não noutro? Se supostamente se pretende promover uma diluição da Habitação Social, uma mistura no urbano, permanecem por um lado os erros do Estado Novo, pois apesar de haver uma maior e melhorada relação entre preço da habitação e qualidade da mesma, estas continuam a surgir como formas de guetos dado a proximidade entre elas e homogeneidade da população (dado que é destinada a indivíduos em situação de exclusão ou precariedade vivencial, social e económica). A exclusão social e o estigma, ainda que disfarçados permanecem, porém, permanecem escondidas no panorama territorial, político e mediático pois não são facilmente distinguidas ou destacadas como Bairro Social.

Ao passo que estas dúvidas começam a assumir-se como relevantes no que diz respeito à investigação na área da habitação, devemos reconhecer que o tempo que possuímos para a elaboração deste trabalho de investigação não é suficiente para as aprofundarmos como gostaríamos, sendo que podemos apenas enaltecer algumas ilações acerca destes fenómenos de forma muito breve e sistematizada. O que nos parece é que a habitação social continua a ser um problema junto dos órgãos governativos regionais e locais, os problemas persistem quer sejam eles de ordem estrutural, social ou simbólica pois, a nosso ver, tentar diluir aquilo que é a habitação social e o peso que esta possui em determinado concelho não é a forma de lidar com o problema mas sim, *varrê-lo para debaixo do tapete*, juntamente com isto, parece de extrema importância uma tentativa de compreensão dos motivos que subjazem estas políticas ou interesses junto dos órgãos administrativos, bem como proceder a uma análise, junto dos moradores, daquilo que eles pensam ou sentem para apurar, de facto, de existe alguma melhoria ou diferença abismal causada pela vivência num Bairro Social ou num Conjunto Habitacional ou numa Urbanização.

Numa primeira instância saberemos que o estigma associado ao conceito ou tipologia não estará presente, ou pelo menos tão acentuado o que, por si só, produz um certo “peso”, uma forte carga simbólica para quem vive, efetivamente, num Bairro Social – seja ele problemático ou não. O que poderá atenuar num concelho na ótica da simbologia negativa, acentua-se noutro, perpetuando e ostracizando talvez mais, quem lá vive, algo que poderá ter como consequência mutações e implicações nas histórias de vida, trajetórias, modos de vida, afetos e simbologias pessoais, familiares e coletivas.

Entramos num ciclo vicioso de perpetuação de desigualdades, quer sejam elas a um nível micro (as diferenças pela tipologia que se sentem ou não, junto dos indivíduos) quer a um nível macro (uns territórios marcados pelo estigma do Bairro Social e outros sem o ter tão presente). Ressalvamos que estas temáticas são complexas em si mesmas<sup>49</sup>, mas salientamos a importância de um aumento de estudos, trabalhos de investigação que abordem todas estas questões para que seja possível uma compreensão plena de todas as questões e problemas que compõem e assolam a Habitação Social em Portugal.

---

<sup>49</sup> Remetendo aqui as nossas ilações para aquilo que mencionamos de Ascher (1998) logo no início deste trabalho de investigação (Cf. Capítulo 1), ou seja, se as cidades são complexas e não apenas complicadas, a mesma lógica e talvez ainda mais proeminente se aplique à habitação social em Portugal, mais concretamente no Grande Porto.

## Capítulo 5 Olhares, processos e ferramentas

*O meu olhar é nítido como um girassol*

(Alberto Caeiro)

Iremos proceder, nesta fase, a uma breve explanação de todos os processos e ferramentas utilizados para suportarem o nosso olhar sobre o Bairro do Cerco. Realçamos novamente a importância do uso de vários contributos de outras áreas como foi o caso da Cartografia Temática, de modo a que o nosso olhar e visão sobre o Bairro não seja estagnado, mas sim caleidoscópico, mantendo em consideração possíveis combinações de aspetos que, juntos, formam o nosso objeto de estudo. Contudo, antes de avançarmos com esses aspetos, devemos desde já referir as dificuldades que foram enfrentadas, principalmente no que concerne o tipo de olhar que decidimos adotar. Enquanto investigadores sociais devemos ter em atenção que não podemos influenciar o ambiente em que nos vamos inserir, mas, também não ser influenciado por ele, isto é, quando nos deparamos com o consumo de droga ou até mesmo com os relatos de histórias de vida, é por vezes difícil manter o distanciamento face a esses relatos e a essas vivências. Enquanto investigadora esta foi a minha maior dificuldade na realização deste trabalho, muito superior a dificuldades na procura de informação ou análise de dados. Outra dificuldade é a dissociação dos relatos os sentimentos de insegurança que existem face àquele território, enquanto investigadora, mais uma vez, é por vezes difícil passar em certos locais de forma neutra, sem sentir o receio ou pensar e relembrar todos os relatos lidos e ouvidos. Posto isto, ao mesmo tempo que vamos apresentar as técnicas utilizadas, iremos de igual modo enaltecer os processos de avanços e recuos inerentes às mesmas, dificuldades sentidas, como foram ou não ultrapassadas e vantagens ou desvantagens do uso de determinada técnica em detrimento de outra, fazendo ainda alusão à questão da Cartografia abordada anteriormente.

Posto devemos enunciar que o nosso trabalho de investigação foi de carácter qualitativo, uma vez que esta metodologia foi considerada como sendo a mais apropriada para a recolha e análise das Histórias de vida das mulheres do Bairro do Cerco do Porto, porém também foi feito um levantamento de informação temática relativa aos Bairros do Grande Porto – que deu resultado aos mapas previamente apresentados – no que concerne o ano de fundação e a tipologia, havendo a intenção de recolha de informação para os

mesmos de pendor sociodemográfico. Ao apoiar a nossa escolha metodológica em Creswell (2014), é-nos possível aferir que numa pesquisa qualitativa, a teoria desempenha um papel essencial, uma vez que esta é vista como uma espécie de explicação de carácter amplo, ou seja, neste sentido ela pode ser tida como uma lente teórica ou até como uma perspectiva que levanta questões relacionadas com determinadas variáveis ou indicadores, tendo sido o que se verificou no decorrer do nosso processo de investigação pois, ao ter como base a recolha teórica que foi previamente feita, foi-nos exequível levantar dúvidas inerentes ao posicionamento do Cerco face a outros bairros – conduzindo à produção dos mapas usando como técnica a Cartografia Temática – ainda temáticas aferidas no que diz respeito à habitação social, permitindo um avanço da investigação para a problemática do estigma social e sentimentos de exclusão social, e ainda, as diferenciações práticas (em termos de compreensão) dos centros e periferias, todos estes assuntos foram abordados em capítulo prévios e surgiram tendo em mente a importância da teoria, não só para a criação da questão de partida - *De que forma é que a vivência no Bairro do Cerco do Porto influencia as histórias de vida e os sentimentos de pertença inerentes à população, nomeadamente por parte das mulheres desse mesmo Bairro?*- como posteriormente para a elaboração dos objetivos de investigação gerais e específicos e, por conseguinte, as hipóteses teóricas. Resta mencionar, como nas etapas do processo de investigação (Quivy & Campenhdout, 2013) que a pergunta de partida serve de mote para o início das leituras – mais específicas e aprofundadas – bem como de idas ao terreno exploratórias e conversas informais<sup>50</sup> que funcionam como um meio de aperfeiçoamento ou adaptação das técnicas pensadas, objetivos, hipóteses ou pergunta de partida.

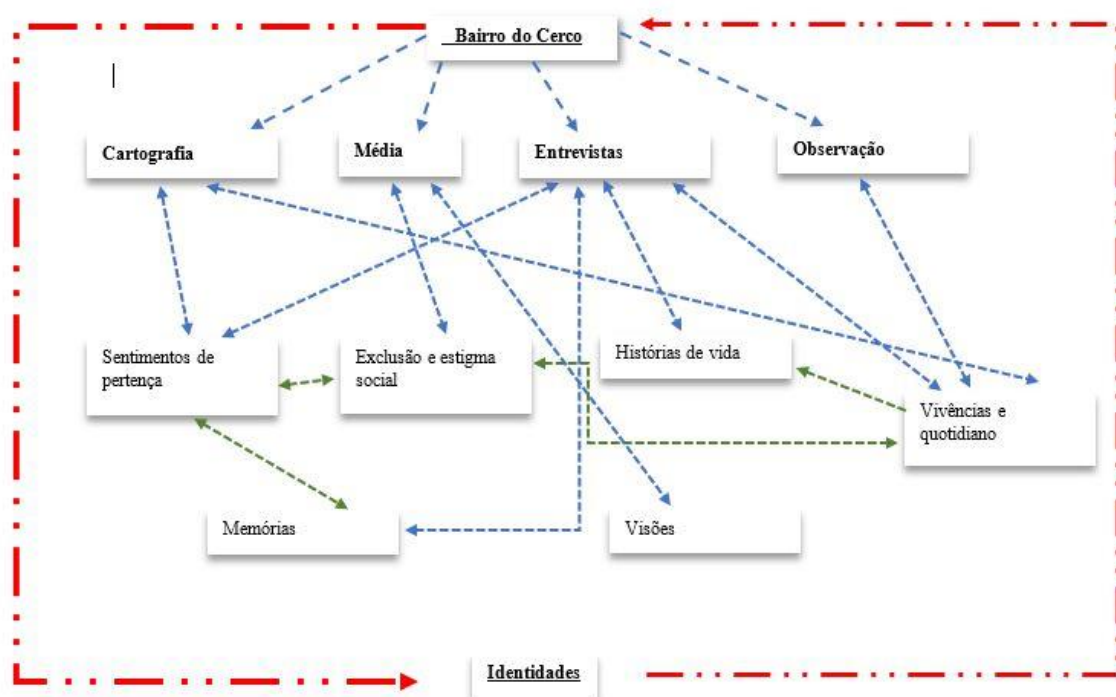
Todo o processo de investigação é caracterizado por um movimento de avanços e recuos, sendo que o nosso processo de investigação assenta numa lógica hipotético-dedutiva (Bericat, 1998, p.81) que assenta primordialmente no desenvolvimento de um processo e pensamento de confronto entre as teorias existentes sobre a temática e os dados empíricos que iam sendo recolhidos e analisados, porém esta apresenta um pendor indutivo uma vez que a procura de novos eixos de análise e pensamentos no decorrer da pesquisa que fizeram, também eles, parte deste processo.

---

<sup>50</sup> Tal foi o nosso caso, sendo que fomos ao terreno pela primeira vez a 17 de novembro de 2017, contando com a colaboração para alguns esclarecimentos e dúvidas sobre a organização do Bairro do Cerco de um morador, tendo sido o nosso informante privilegiado.

Devemos referir que a escolha de uma metodologia em detrimento de outra, por vezes consegue trazer consigo desafios controversos, quer pela aplicação das técnicas a ela inerentes, quer pela sensação de que enquanto investigadores, poderíamos, sempre, ter coberto mais bases e eixos de análises do que os que postularam. Antes de avançarmos com a explanação das técnicas que estiveram na base do nosso processo de investigação iremos apresentar o nosso modelo de análise, com o intuito do leitor perceber de forma sistematizada o que se pretendeu obter com a aplicação de cada uma delas, bem como as relações existentes que, posteriormente, serão aprofundadas no nosso trabalho, dado que algumas técnicas – em termos de obtenção de informação – foram complementares umas às outras.

**Figura 9 Síntese analítica da investigação**



Fonte: Elaboração própria.

Podemos então nesta fase, após a apresentação do nosso modelo de análise em que as setas de cor azul representam as relações bidirecionais entre as técnicas e os nossos objetivos, e por sua vez as relações apresentadas a verde referem-se às interligações de entre os nossos objetivos. A vermelho encontra-se a dupla relação entre o território e o nosso objeto de estudo, nomeadamente as identidades das mulheres do Cerco do Porto.

Posto isto, podemos introduzir uma explicação das técnicas que foram utilizadas para compreendermos de forma mais aprofundada o nosso objeto de estudo, dado que já estabelecemos e assumimos a relevância da teoria como função de comando – *grounded theory* (Creswell, 2014), podemos proceder a uma explicação como já mencionamos das nossas técnicas, associando as mesmas com os nossos objetivos e ainda remetendo para o modelo de análise, sendo que este serve como suporte sintetizador dos conteúdos, processos e olhares.

Partindo do nosso objeto de estudo que é, numa primeira instância o Bairro do Cerco do Porto, e dado as questões anteriormente mencionadas<sup>51</sup> e fazendo alusão para uma lógica hipotético-dedutiva, a pesquisa documental (1) revelou-se como algo essencial, não apenas para a elaboração de um trabalho de investigação deste calibre como para todos os outros, pois possibilita um aprofundamento do nosso conhecimento sobre determinada temática, acerca do nosso objeto de estudo, tendo em linha de conta o objetivo de construção de instrumentos de pesquisa cada vez mais adequados. Neste parâmetro, a recolha e a análise das notícias de Jornal Público<sup>52</sup>, surgem paulatinamente no decorrer da investigação, e permanecerão no decorrer da apresentação dos resultados obtidos posteriormente, com um caráter de relevância dado a sua capacidade de detenção de informações relativas às representações que são criadas desse espaço físico, daí a nossa vontade de perceber até que ponto a dimensão da notícia ou o tema que é abordado no conteúdo da mesma, pode de facto contribuir para este tipo de representações. Dada a necessidade de confronto, num processo de *vai e vem* entre os dados que iam sendo recolhidos com a teoria, a pesquisa documental é essencial ao longo de todo o processo, nunca se restringindo apenas a um momento só, “[...] Todo o trabalho de investigação de inscreve num *continuum* e pode ser situado dentro de, ou em relação a, correntes de pensamento que o precedem e influenciam” (Quivy & Campenhoudt, 2013, p.25). A pesquisa, neste caso em concreto não se restringiu aos eixos teóricos e bibliográficos de suporte, mas também a dados de pendor quantitativo, nomeadamente no caso da recolha dos Bairros que compõem o Grande Porto, ora através deste *continuum* (Quivy & Campenhoudt, 2013, p.25) percebemos que poderíamos alargar a nossa moldura de análise, não a restringindo apenas ao Bairro do Cerco, e todas estas questões levaram ao

---

<sup>51</sup> E sintetizadas em termos de ocupação e extensão temporal no nosso cronograma de pesquisa, apresentado no Anexo 5.

<sup>52</sup> Análise presente no subcapítulo 4.1.

uso de ferramentas como o Excel e à criação de uma base de dados. Por fim, apesar das nossas Hipóteses Teóricas terem sido criadas *à priori*, a nossa pesquisa e leituras fez com que as mesmas, bem como os objetivos, sofressem algumas alterações, novamente atestando o processo de *vai e vem* teórico e conceptual.

A par das leituras efetuadas, contamos ainda com uma das principais técnicas sociológicas no âmbito da investigação, a observação direta (2), tendo sido feita de forma exploratória. Após este ingresso ao Bairro do Cerco, tendo sempre em mente os nossos objetivos de investigação e hipóteses de trabalho, procedemos à elaboração de uma série de categorias de análise, bem como dimensões a elas correspondentes que nos fossem servir como um resumo daquilo que conseguimos ver no local<sup>53</sup>. Para o efeito, foram realizados treze registos de observação<sup>54</sup>, um deles inerente a uma formação na CERPORTO, procurou-se que estas fossem feitas em dias diferentes da semana e horários distintos para perceber as nuances características daquele território em específico, estas prolongaram-se até junho de 2018, sendo que inicialmente apenas tínhamos proposto realizar 6 registos de observação, complementando as mesmas com registos fotográficos – que já têm vindo a ser apresentados ao longo deste trabalho, com um pendor etnográfico – porém, devido a dificuldades iniciais de circulação pelo espaço e ainda constrangimentos na aplicação das entrevistas, consideramos que deveriam ser efetuadas mais observações e, além destas questões, a principal preocupação foi a consistência dos dados para um posterior mapeamento de padrões observados. Por ser um território um pouco fechado em si mesmo, com barreiras ao nível da aproximação dos indivíduos, tentamos manter a nossa postura neutra, procurando não interferir com as características específicas desse mesmo lugar – principalmente no que toca a comportamentos desviantes,

*A observação consiste em observar o comportamento e as interações à medida que vão acontecendo, mas presenciados pelo próprio investigador. Não existe qualquer tentativa de participar como membro do grupo ou do contexto em que se enquadra, embora, em geral, o avaliador tenha de negociar o acesso a esse contexto e os termos de atividade de investigação (QREN, 2018)*

---

<sup>53</sup> Fazendo apelo aqui para a elaboração de um diário de campo, em que eram anotadas informações complementares que surgiam durante o processo de investigação.

<sup>54</sup> Anexo 6 inerente às categorias e dimensões utilizadas para os registos de Observação direta.



O pendor etnográfico aqui, serve para o fornecimento de pistas para a caracterização do espaço físico, inclusive pelo fator da complementaridade. Alguns dos nossos indicadores para a aplicação desta técnica foram a caracterização sociodemográfica que contempla o género e a idade, os modos de apresentação de si no qual terá dimensões relativas ao vestuário. Outro indicador é a familiaridade com o meio, isto é, o modo como circulam pelo bairro e o usufruto dos espaços, e por fim, os comportamentos e as atitudes inerentes aos modos de interação, atitudes face a outros moradores ou investigador, e o espaço físico direcionado para uma descrição não visual do bairro – ruas, prédios, associações e cafés.

Resta a nossa última técnica, isto é, a aplicação de entrevistas semiestruturadas ao nível das biografias/histórias de vida<sup>55</sup> de mulheres do Bairro do Cerco do Porto pois a posição social que as mulheres ocupam ou que lhes é atribuída, ainda incide em deveres domésticos e diminuta liberdade física (Guerra, Gelain e Moreira, 2017, p.16) [capítulo 3] e ainda, outro motivo que este na base desta decisão foi o facto de “[...] surgiram, ao longo dos tempos, muitas questões sobre essas divisões, sobretudo em consequência da acentuada diferença que se sobrepôs à figura da mulher” (Souza, 2017, p.12). No fundo, apesar de sabermos que aquele espaço é marcado pela exclusão social e pelo estigma, compreender até que pontas estas condições se fazem sentir nas histórias de vida das mulheres desse bairro ou, se pelo contrário, nelas vemos uma quebra com este modelo estrutural desfavorecido, atendendo que, as mulheres são alvo de vários tipos de discriminação, esta técnica foi aplicada com o intuito de compreender as representações delas sobre as próprias, sobre outras mulheres e sobre o bairro, perceber em que sentido se espelham os processos de exclusão social não apenas em identidades pessoais como coletivas.

Inicialmente tínhamos proposto uma amostra de vinte mulheres, e após o pedido de colaboração com a CERPORTO, conseguimos de facto obter o contacto dessas mesmas vinte. Eram todas mulheres, residentes no Bairro do Cerco do Porto que se encontravam a receber apoios do Estado como o Rendimento Mínimo ou Rendimento Social de Inserção, muitas delas eram alunas das ações de formação efetuadas nessa mesma instituição, por parte do IEF. Com o auxílio das Técnicas responsáveis pela

---

<sup>55</sup> Anexo 7 referente aos guiões para as entrevistas semiestruturadas ao nível das biografias/histórias de vida.

instituição, foi feita uma sessão de esclarecimentos acerca do trabalho, aquilo que se pretendia, tendo ainda sido assegurado o anonimato e um consentimento informado<sup>56</sup>, porém desde logo sentimos estranheza ao tema, ou seja, a grande maioria das mulheres mais tarde recusou-se a participar, tendo sido então apenas feitas nove entrevistas. Quanto ao método de análise das informações obtidas, optamos pela adoção de análise de conteúdo, através da criação de categorias e subcategorias analíticas que permitem “[...] tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e de complexidade como, por exemplo, os relatórios de entrevistas pouco diretivas” (Quivy & Campenhoudt, 2013, p.227).

---

<sup>56</sup> A necessidade do consentimento informado surgiu devido ao facto de termos percebido que aquela comunidade era reticente face a indivíduos exteriores ao meio, assim o mesmo servia como uma espécie de garantia e apelo à participação, sendo que foi descrito tudo aquilo que se pretendia obter e analisar, as finalidades, e ainda nos comprometíamos a não divulgar qualquer tipo de informação pessoal como nomes ou local de residência.

## **PARTE III: DAS VIDAS NA CIDADE E NO BAIRRO**

### **Capítulo 6 Bairro de vidas**

*A vida afetiva é a única que vale a pena*  
(Miguel Torga)

Nesta que é a terceira e última parte do nosso trabalho de investigação, iremos proceder a uma explanação, apresentação e reflexão dos dados que conseguimos recolher ao longo de todo o nosso processo. Torna-se de extrema importância neste ponto procurar estabelecer elos de ligação com os nossos dados e resultados e os nosso eixos teóricos, tornando assim as nossas ilações coesas, sustentadas em si mesmas, seguindo um modo de planeamento estrutural circular, em que todos os elementos presentes se completam e articulam uns aos outros, algo que consideramos ser de relevância logo no início do primeiro capítulo.

#### **6.1. O que se viu**

Como já foi apresentado no capítulo anterior, neste subcapítulo do nosso trabalho de investigação iremos apenas abordar os resultados obtidos relativos á aplicação da técnica da observação direta, procurando sempre estabelecer uma ponte com eixos teóricos e outros resultados já apresentados, no que concerne a análise dos discursos mediáticos e outra técnica de relevância, sendo ela a Cartografia Temática. Consideramos pertinente, a apresentação de alguns excertos do nosso diário de campo, por exemplo de conversas que captamos na ida e vinda do Cerco do Porto nos autocarros, no que diz respeito aos registos de observação, tendo sempre em mente o pendor etnográfico, a apresentação de fotografias também aqui desempenha um papel essencial para que o leitor consiga ter uma perceção mais aprofundada e específica daquilo que encontramos nas nossas incursões ao terreno, e ainda outros aspetos relevantes.

Previamente já mencionamos a elaboração de treze registos de observação, porém um deles foi feito de forma muito orgânica em que decidimos ir ao local e observar apenas, sem nenhuma categoria ou interesse específico, ou seja, este foi feito de forma trivial e inata até mesmo porque alguns constrangimentos como já foram mencionados –

relativamente à fama que o bairro possui – estavam presentes, sendo que os queríamos contrariar a todo o custo de modo a não enviesar os nossos resultados ou percepções. Assim sendo, nos registos seguintes procurou-se um ajustamento entre o conhecimento prévio e aquilo que se verificou para, de melhor forma compreender o que se poderia vir a verificar ou observar. Com o avançar da investigação e com o ajuste e criação posterior de categorias e dimensões de análise, o nosso olhar incidiu no contexto espacial e social, nos próprios indivíduos, até que acabamos por descobrir e desvendar padrões identitários territoriais<sup>57</sup>.

Tornou-se primordial compreender todas as formas de usufruição bem como todos os espaços alvo dessa usufruição, seus sentidos e simbologias, permitindo a criação de laços para outras técnicas que foram desenvolvidas, sendo uma delas a Cartografia. Ora, se num primeiro momento em que apenas tínhamos efetuado seis ou menos registos de observação de modo leviano, isto é, tendo como base uma mera circulação pelo bairro, algo que dado ser um território fechado em si mesmo não permitia a paragem durante longos períodos de tempo para observar a fundo os comportamentos e as interações, tais aspetos foram alvo de alteração, ou seja, a nossa abordagem alterou-se. Quando surgiu a necessidade e as vantagens da representação gráfica daquilo que estava a ser observado [mapas], decidimos através de um processo de *brainstorm* a criação de pontos específicos de visualização do território. Dado que para a criação de um mapa os dados precisam ser trabalhados, compartimentados e claros – sugerindo a criação de uma base de dados com o auxílio de programas como o EXCEL – estabelecemos os tais pontos estratégicos de observação, uma vez que constatamos que apenas estávamos a fazer um registo de observação, num local, não o repetindo para posteriormente lhe conferir sustentabilidade, era preciso *bater* o território até obtermos um número sustentável de observações para conseguirmos retirar conclusões então, para isso, delimitamos espacialmente aquilo que era o Bairro do Cerco do Porto (trinta e quatro blocos) e outros pontos de interesse, nomeadamente o Ilhéu, pois entrevistamos mulheres de lá, a zona de Pêgo Negro onde estava situada a CERPORTO que nos conferiu auxílio no contacto com as mulheres, as Ilhas e os Novos Blocos (como os indivíduos os designavam) por serem pontos de passagem importantes, na medida em que conferiam quase que uma *visão exterior* do

---

<sup>57</sup> Esta temática da identidade territorial remete para o primeiro capítulo deste trabalho de investigação e liga-se com as questões, posteriores, associadas aos impactos, mutações ou implicações referentes às identidades pessoais das mulheres do Cerco do Porto.

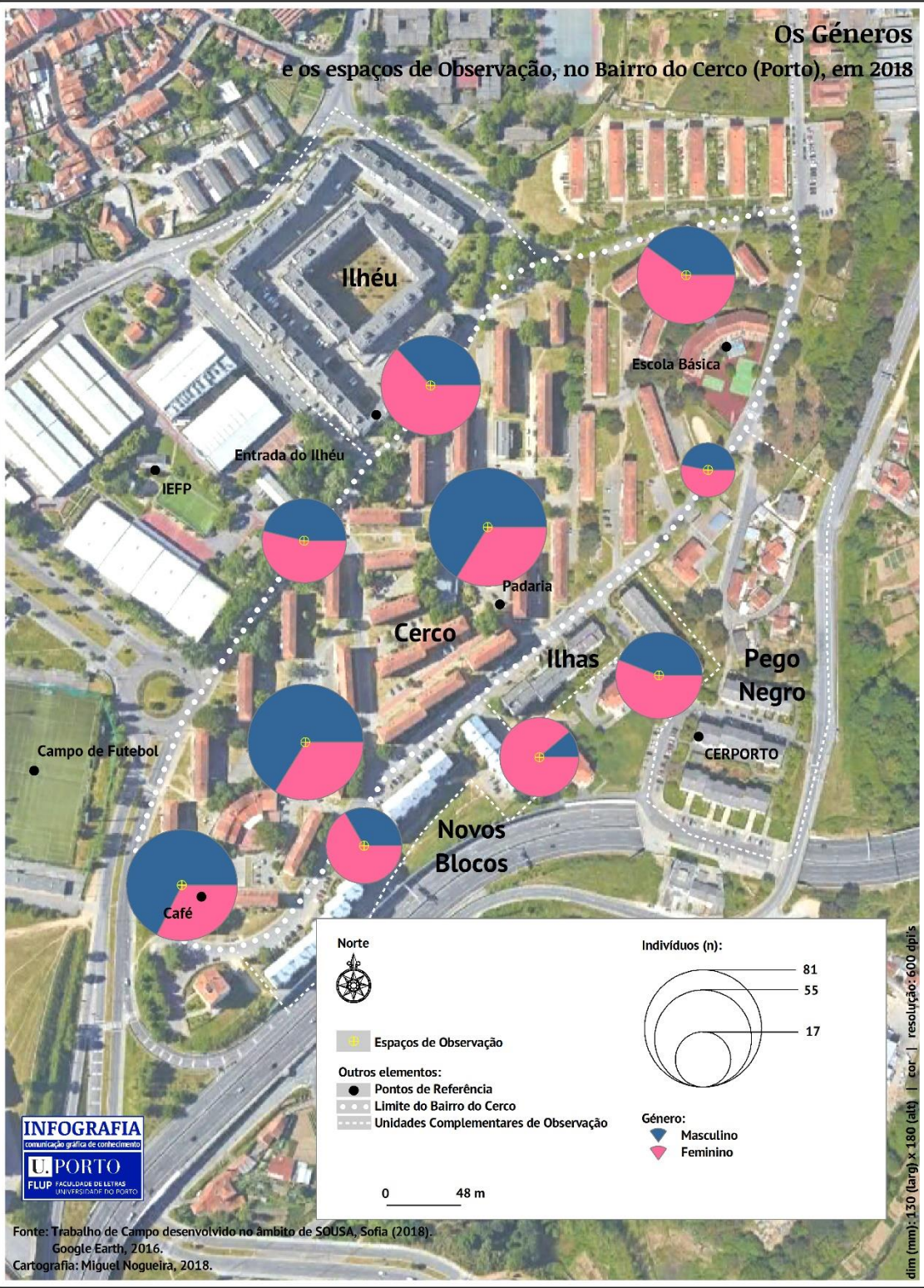
Bairro em si. Assim sendo, aqueles seis registos de observação elaborados que grosso modo serviu como um *insight* para a análise e compreensão do espaço, permitindo estabelecer pontos estratégicos como alguns cafés, o ringue, escola e a praça, bem como outros situados em ruas que permitiam uma visão alargada.

As nossas incursões ao terreno tornaram-se quase que tripartidas, na medida em que foi feita uma gestão do tempo disponível para a realização das mesmas, pois num primeiro momento, observávamos o estado de conservação dos Blocos (e restantes pontos de interesse ainda agora mencionados) e, num segundo momento, as dinâmicas sociais, os modos de usufruição, sendo complementar a este segundo momento a observação dos modos de apresentação dos indivíduos. O facto de este ser tripartido não implica a realização de cada um desses momentos em tempos distintos, pelo contrário, pois atendendo ao curto espaço de tempo que possuímos para a realização deste trabalho de investigação, teríamos que realizar dois simultaneamente. Os estados de conservação e a morfologia habitacional e espacial mantêm-se a mesma, não é algo mutável e aspetos como a limpeza do local são fáceis de observar por assim dizer, ora, olhar para um bloco não anula uma observação relativa a um modo de usufruição, até porque essa mesma usufruição poderia estar a acontecer naquele bloco em concreto. É claro que houve incursões apenas direcionadas para os indivíduos, dado ser esse o nosso principal foco. Apelamos agora para um breve questionamento sobre o posicionamento das mulheres no Bairro, no sentido em que procuramos compreender se estas possuíam o tal papel *local* (Hancock, 2017) de que falamos no capítulo três [página 27], isto é, tentamos que o mapa comunicasse não só ao investigador mas também ao leitor o peso que as mulheres assumem dentro do bairro através de uma quantificação das mulheres e dos homens observados<sup>58</sup>, este aspeto encontra-se ainda relacionado de certo modo com a geografia do bairro, pelo que procedemos à apresentação do mapa seguinte, vejamos:

---

<sup>58</sup> Aqui devemos ressaltar que foi feita uma contagem por aproximação dado que se tornava difícil apresentar uma quantificação exata dos indivíduos.

Figura 10 As representações de género e os espaços de observação no Bairro do Cerco (Porto), em 2018



Fonte: Elaboração própria

Este mapa foi criado para perceber algumas das dinâmicas de usufruição dos espaços dentro do Bairro – apostando nos dados qualitativos (Gaspar, 2007)<sup>59</sup> sendo que podemos verificar uma predominância do género feminino em volta do bairro em si, sendo que as zonas centrais do mesmo é onde se verificava uma presença maioritária do género masculino, apesar de haver a presença de mulheres esta era sempre em menor número. Para tal aspeto destacamos como justificação dois aspetos, o primeiro prende-se com os serviços, por exemplo na zona das ilhas e dos blocos mais recentes que foram construídos era onde se encontravam os cafés, mercearia e um cabeleireiro, daí a predominância das mulheres, ainda temos o papel que da escola pois o que se verificava nas nossas observações é que eram as mulheres que acompanhavam as crianças à escola e que as traziam, acontecendo o mesmo na zona de Pêgo Negro devido ao CATL, vejamos,

*As mulheres faziam trajetos curtos, sendo que vinham acompanhadas de crianças pela rua e outras saíam do IEFP...aferimos que estas vinham buscar os filhos à escola e outras iam levá-los ao CATL. Ainda de destacar que as que saíam do IEFP dirigiam-se diretamente para a paragem do autocarro...não circulavam pelo bairro. (Excerto do diário de campo do dia 20 de março de 2018)*

A predominância das mulheres no Ilhéu também ela pode, em certa parte, estar relacionada com o supermercado que se encontra no seu interior e até mesmo porque as ruas que circundam o bairro do cerco e os seus blocos, tais como a Rua Cerco do Porto (onde se situam as Ilhas) e a Rua Peso da Régua (onde se encontra o Ilhéu) foram consideradas como as zonas mais calmas, atendendo que o centro do bairro seria o mais problemático. Deste modo, tendo em atenção os dados recolhidos, procuramos compreender quais eram os comportamentos verificados, sendo que foram observadas um total de duzentas e cinquenta e quatro mulheres e duzentos e cinquenta e seis homens, ao longo dos treze registos de observação<sup>60</sup>, devemos aqui enunciar que alguns desses registos não possuem um preenchimento de um comportamento a elas associado, simplesmente estavam a passar pelas ruas ou, pelo contrário, não possuímos tempo

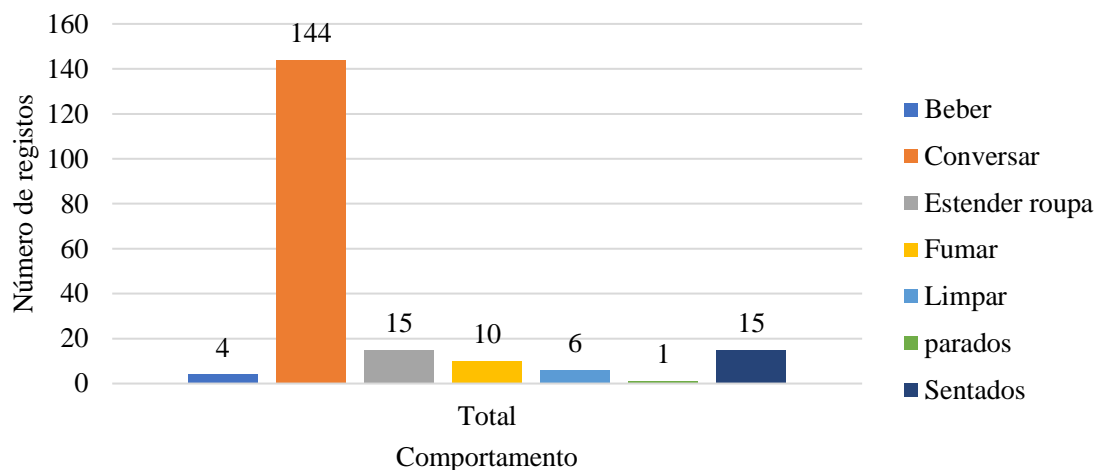
---

<sup>59</sup> Vd. Subcapítulo 4.2.

<sup>60</sup> Anexo 8 relativo ao Mapa com as idades observadas, permitindo uma relação para o leitor entre estas mesmas, género e as zonas em que se foram observados.

suficiente nem destreza de as acompanhar visualmente, assim retiramos um total de cento e noventa e cinco registos comportamentais<sup>61</sup>, vejamos o gráfico seguinte:

**Gráfico 4 Interações observadas, de acordo com o sexo género feminino, no Bairro do Cerco do Porto, em 2018**



Fonte: Elaboração própria.

Aqui, com a tabela de seguida apresentada, pretendemos testar de que modo a localização dos serviços pode estar relacionada com a predominância de mulheres, bem como o tipo de comportamento que por elas é exercido.

<sup>61</sup> Pode parecer confuso para o leitor, pelo que iremos explicar o nosso processo de recolha de informação. Ao estarmos situados num ponto estratégico podemos visualizar o que acontece à nossa frente e dos lados muitas vezes, sendo que cada um desses momentos são como *frames* fotográficos e contam como registos de observação. A validade e a sustentação aqui encontraram-se pela ida, várias vezes, a esse mesmo ponto específico de observação para testar se se verificava novamente esses comportamentos ou outros distintos. Ora, se num registo de diário de campo ou preenchimento de uma grelha de observação estes *frames* surgem em forma de nota ou texto corrido, numa base de dados (necessária para um posterior mapeamento) estes devem assumir-se como entradas singulares, ou melhor dito, observações singulares à qual lhe correspondem coordenadas específicas que, poderão ser agregadas, obtendo assim uma generalização ou não, de um comportamento por exemplo, para determinada zona. Logo das duzentas e cinquenta e quatro mulheres observadas pelo bairro inteiro, cento e noventa e cinco estavam a exercer um comportamento que foi observado, codificado e descrito, havendo assim três formas de encarar um dado obtido através de uma técnica.



**Tabela 3 Interações sociais do género feminino segundo os locais da sua ocorrência, no Bairro do Cerco em 2018**

Comportamento	Local						
	Associações	Blocos	Café	Praça/Descampado	Ringue	Ruas	Supermercado
Beber			2	2			
Conversar	2	32	12		1	79	18
Estender roupa		12				3	
Fumar			4		2	4	
Limpar		3				3	
Parados						1	
Sentados		3				12	

Fonte: Elaboração própria.

Deste modo, desde logo podemos aferir que a maioria das mulheres que foram observadas encontravam-se a conversar, normalmente sempre em pares ou grupos pequenos de no máximo três mulheres, nunca foram verificadas conversas entre homens e mulheres, o que nos fez questionar se de facto existia ainda aquele conservadorismo da sociedade portuguesa (Guerra, Gelain e Moreira, 2014:25) abordado no capítulo três [página 29], isto é, a perpetuação de estereótipos em que é a mulheres que se ocupa das tarefas domésticas ou relacionadas com a casa, dado terem sido comportamentos também eles observados, como exemplo estar a estender a roupa, limpar as entradas dos blocos, demonstrando um pouco os modos de vida destas mulheres e, em certa parte, os moldes que caracterizam as suas identidades, dado este que será aprofundado com os discursos das mesmas através das entrevistas,

*As mulheres conversavam na rua num tom muito baixo em comparação com os homens na mesma situação...outras do lado oposto foram vistas a estender a roupa mas não iniciavam conversas com as vizinhas nem com quem passava (Excerto do diário de campo do dia 8 de junho de 2018)*

*As mulheres estavam principalmente a conversar em pares na rua ou então junto ao supermercado, enquanto que os homens estavam no café a conversar alto e a fumar de forma muito descontraída (Excerto do diário de campo do dia 21 de junho de 2018)*

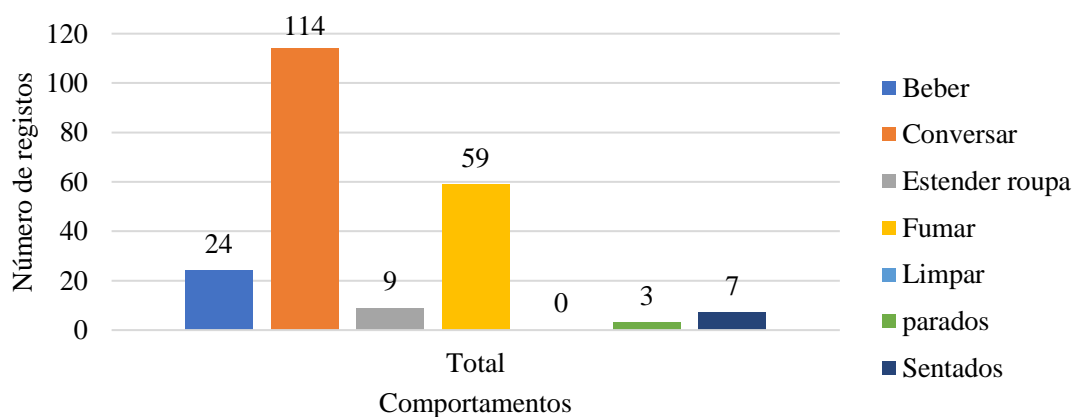
Além desta temática, com a tabela apresentada acabamos por ter um vislumbre de alguns dos espaços de sociabilidade das mulheres do Bairro do Cerco do Porto, sendo de destacar os blocos, as ruas e os supermercados, por oposição aos cafés que são mais frequentados pelos homens. A problemática dos espaços aqui são muito importantes, por exemplo as conversas que surgem associadas a locais como os Blocos habitacionais ou

as ruas surgem demarcadas nas nossas entrevistas como veremos adiante, podem ser tidas como o elo de ligação das relações de vizinhança e de familiaridade, bem como, todos estes locais agregados numa só variável, e ainda os comportamentos observados pelas mulheres demonstram o peso que estas ocupam dentro do bairro, demonstrando desde logo a relação com os papéis familiares e domésticos. Aos poucos, apenas recorrendo ao *olhar sociológico* começamos a ter uma pequena amostra de alguns dos aspetos que compõem as identidades destas mulheres, os seus lazeres e a forma como estas se espelham no bairro, deixando nele uma marca sua e trazendo, em si mesmas, uma marca do território,

*Verifiquei um aspeto interessante...as mulheres estavam sempre acompanhadas por um homem, falavam muito baixo em relação a ele...tinham assim atitudes e comportamentos muito discretos enquanto ele já passava com uma atitude empoderada e a fumar, cumprimentando quem passava e ela estava ao lado mas mais atrás. (Excerto do diário de campo do dia 17 de novembro de 2017)*

Tendo como motivo a verificação intrínseca desta questão da dominação masculina opressora e a questão do conservadorismo que as autoras referem, despertou então a curiosidade de, apesar de não ser o nosso objeto de estudo, perceber quais eram os comportamentos que foram verificados com maior frequência durante os nossos registos de observação, daí o seguinte gráfico,

**Gráfico 5 Interações sociais do género feminino no Bairro do Cerco do Porto, em 2018**



Fonte: Elaboração própria.

Novamente, verificamos que a maioria dos comportamentos estavam relacionados com o ato de conversar, porém aqui em grupos de grande dimensão, principalmente

verificável junto do café<sup>62</sup> (ponto estratégico de observação presente no mapa supramencionado), sendo que eram aqui que se encontravam os maiores grupos de homens a conversar, face a um número inferior de mulheres. Em comportamentos como fumar observamos uma disparidade abismal dos número registado para os homens (59) em comparação com as mulheres (10), enquanto – e aqui é o ponto principal – não foram verificados homens a limpar e apenas alguns a estender a roupa, sendo esses mesmos idosos e não homens mais jovens, demonstrando ainda uma predominância de tarefas que são associadas às mulheres e que recaem sobre elas, prefigurando a ideia da mulher no espaço doméstico como dona de casa (Guerra, Gelain e Moreira, 2017)<sup>63</sup>, permanecendo os rótulos, estereotipagens e dominações simbólicas. Estas considerações acerca das representações e das simbologias, serão aprofundadas mais tardiamente tendo como base os discursos das mulheres entrevistadas.

Além de todos estes aspetos que devem ser tidos em consideração aquando de uma análise mais profunda do discurso das nossas entrevistadas, procuramos compreender de que modo é que nós, presentes no local, sentíamos e percecionávamos os sentimentos de insegurança que eram referidos na nossa hipótese de trabalho (1)<sup>64</sup> alusiva ao facto dos meios de comunicação social contribuírem não só para os processos de vivência do Bairro do Cerco mas, inclusive, para a perpetuação de sentimentos de insegurança face a este território, sendo que já mencionamos que no início deste processo de investigação foi difícil a realização do processo de abstração destes ditos discursos que existiam em torno do Bairro do Cerco, porém, o que se verificou foi o oposto. De todas as incursões ao terreno, apesar da existência do olhar questionador de quem estava na janela a ver uma cara nova, nunca se verificou nenhuma situação de perigo ou insegurança, pelo que decidimos observar também as atitudes dos indivíduos<sup>65</sup>, tendo a esmagadora maioria sido consideradas como atitudes positivas, isto é, conversas simples, pacíficas e não conflituosas. Apenas se observaram atitudes mais agressivas (negativas) junto do café e do Ilhéu, porém foram casos espontâneos e de mera troca de palavras,

---

<sup>62</sup> Anexo 9 em que é apresentado um cruzamento entre a variável relativa aos comportamentos observados referente aos homens, para termo de comparação para o leitor.

<sup>63</sup> Ideia mencionada no capítulo 3.

<sup>64</sup> Referida no capítulo 4.

<sup>65</sup> Ver o Anexo 10 em que é apresentado um Mapa com as atitudes observadas, sendo que as mesmas foram categorizadas como positivas ou negativas.

*Junto do Ilhéu estavam a discutir num tom muito alto...trocavam insultos e ameaçavam porrada...tudo acabou num espaço de minutos em que cada uma das partes foi para lugares opostos (Excerto do diário de campo do dia 25 de junho de 2018)*

Então, o que de facto podemos constatar ainda que não aprofundadamente, é que de facto os discursos mediáticos contribuem para a perpetuação do estigma e da categorização daquele território como um espaço inseguro, repleto de conflitos e confrontos constantes, sendo que tal aspeto não se verificou.

*[...] estava a acontecer um tiroteio junto ao bloco 11 do Bairro do Cerco, não encontrou ninguém no local, apenas sinais dos disparos. Um dos moradores contou à Lusa que as confusões começaram na noite de sábado, quando um indivíduo “tentou incendiar a sede do [Futebol Clube] do Cerco, mas foi impedido por alguém (Lusa, “Dois feridos em tiroteio no Bairro do Cerco” in Público, 23 de abril de 2012)*

A este nível, consideramos pertinente a apresentação de um mapa síntese<sup>66</sup> realizado pela autora deste trabalho de investigação que revela o nível de segurança sentido e perspectivado durante o processo de permanência no terreno. Estes mapas surgem como uma síntese, sendo que não queremos aqui corroborar completamente a nossa hipótese de trabalho afirmando que os meios de comunicação social deturpam aquele espaço, muito pelo contrário, reconhecemos que é um território com particularidades principalmente no que concerne o consumo e venda de droga – tendo sido algo observável – o que, por si só, causa desconforto e cria barreiras aquando da ida ao Bairro. Logo, o que queremos aqui aferir é que esta temática apresenta em si mesma uma dualidade, por um lado aferimos que de facto os órgãos de comunicação social contribuem para uma perpetuação dos sentimentos de estigma e de insegurança, quer seja pela dimensão da notícia, pela exposição do conteúdo e pela regularidade com que se fala ou não do bairro do Cerco, na outra face da moeda, temos um local que de facto possui alguns problemas de carácter social que podem transmitir insegurança como ainda agora foi mencionado mas, em muitos outros aspetos, dias ou situações é um local que passa despercebido, com as entrevistas iremos explorar ainda mais esta questão.

---

<sup>66</sup> Esta necessidade da elaboração de um mapa síntese teve como inspiração a obra “Ir e Voltar. Sociologia de uma colectividade local do Noroeste Português (1977-2007)” (Pinto, M.; Queirós, J.(Coord.), 2010) sendo que nessa mesma obra foi apresentado um excerto mapa de apoio ao trabalho, em que se mantiveram as anotações dos investigadores.

**Figura 11 Síntese das representações dos sentimentos de segurança, no Bairro do Cerco**



Fonte: Elaboração própria

Este mapa pretende retratar os sentimentos de segurança, de acordo com a zona dentro do bairro do Cerco, à medida que se foi desenrolando o processo de investigação. Este mesmo veio testar alguns limites, no sentido em que não é de todo um processo rápido como transparece por vezes, é preciso uma maturação dos dados e uma forte reflexão acerca deles mesmos para depois ser possível assinalar aquilo que se verificou, em jeito sintetizador. Uma das motivações para a elaboração deste mapa foi pelo facto do leitor poder perspetivar aquilo que o investigador também sentiu, sendo que naquele momento também ele estava a sentir e a fazer parte do espaço físico e social. A verde (+) encontram-se as áreas em que nos sentimos completamente à vontade, desinibidos e sem nenhum tipo de sentimento de insegurança, estas encontram-se – por semelhança – próximas ou até nos mesmos locais em que se observaram maior número de mulheres [mapa supramencionado], nos extremos do bairros encontram-se as áreas amarelas (+/-) onde se sentia algum desconforto, algo que advinha dos olhares das pessoas nas janelas, nas ruas e nos carros que passavam e viam uma cara desconhecida e, por fim, a vermelho (-) as áreas em que sentimos maior insegurança, por um lado pela concentração de indivíduos num espaço, nomeadamente no café, na praça, ringue e antiga Associação do

Futebol Clube do Porto (mencionado no excerto da notícia anterior referente ao ano de 2012), tendo sido nestes locais que se verificava uma maior proeminência do consumo e venda de SPA<sup>67</sup>. O que queremos, no fundo, demonstrar é elasticidade que os territórios possuem, pois caso o leitor veja existem áreas com sentimentos de segurança a ela associadas que se difundem e cruzam com áreas menos seguras (a vermelho e amarelo), algo que pode acontecer até pela própria morfologia dos Blocos, sendo circular, com inúmeros cantos, curvas e especificidades, bem como diferentes tipos de serviços e formas de usufruição dos espaços. Todas estas questões foram tidas em conta aquando da proposta de realização destes mapas síntese.

## **6.2. O que se ouviu**

Nesta altura do nosso trabalho de investigação, iremos proceder a uma análise aprofundada das entrevistas realizadas, bem como procurar estabelecer uma relação com todos os eixos teóricos e empíricos previamente apresentados. Remetendo agora para as nossas hipóteses de trabalho que foram enunciadas no capítulo 4 deste trabalho de investigação, podemos desde logo iniciar as considerações que se relacionam com os discursos mediáticos, assim sendo, a nossa primeira hipótese de trabalho (1) aborda que os discursos dos meios de comunicação social contribuem não só para os processos de vivência do Bairro do Cerco mas, inclusive, para a perpetuação de sentimentos de insegurança face a este território. Para este ponto de reflexão, não podemos deixar de estabelecer um elo de ligação com o subcapítulo deste trabalho, no sentido em que abordamos os discursos mediáticos em torno do Bairro do Cerco.

Assim, lembrando que foi feita uma análise de todas as notícias do jornal Público desde 2012 até 2017 que, independentemente do conteúdo, mencionassem o bairro, foi-nos possível aferir através da criação de categorias de análise, que as notícias breves se referem sempre a assuntos ou conteúdos sobre violência ou outro tipo de delitos. Ainda esta temática da violência é algo que se encontra presente praticamente em todos os anos analisados, aspeto este que suscitou dúvidas face ao impacto na perpetuação de

---

<sup>67</sup> Anexo 11 no qual se encontra o Mapa síntese realizado pela autora, referente aos polos de venda e/ou consumo de SPA.

sentimentos de insegurança<sup>68</sup> face a este espaço<sup>69</sup>. Ora se numa primeira instância de análise não nos foi logo possível refutar (ou não) a nossa hipótese de trabalho, iremos agora proceder a uma análise daquilo que as nossas entrevistadas pensam e sentem, face a este mesmo assunto.

As entrevistas feitas às mulheres do Bairro do Cerco, apesar de só termos conseguido entrevistar nove – dado todos os entraves que já foram mencionados – estas mesmas assumem-se como o suporte de todos os dados empíricos e teóricos que têm vindo a ser mencionados. Devemos ainda referir novamente que foi criado um guião para entrevistas semiestruturadas ao nível das biografias/histórias de vida, procedendo posteriormente à transcrição e análise das mesmas, tendo como base o programa Nvivo, no qual estabelecemos matrizes de correlações. Além do nosso objetivo ser o de compreender e ouvir as histórias de vida destas mulheres, tivemos também em consideração outros pontos, não só com o objetivo de obter em primeira mão uma possível resposta para as nossas hipóteses, mas também, tendo em mente alguns pontos que, a nosso ver, podem ser fundamentais para compreender, analisar e moldar as vidas destas mulheres que vivem no Bairro do Cerco, que o marcam e que o carregavam de múltiplas formas. Como já afirmamos, nesta última fase da investigação será feito um processo constante de recuos e avanços teóricos e empíricos, tendo em mente uma perspetiva de interrelação e circularidade de conceitos e ideias. Para conseguirmos analisar os seus discursos no Nvivo, criamos um conjunto de categorias e subcategorias<sup>70</sup>, sendo de ressaltar que elas não são estanques, podem assim encontrar-se relacionadas e sob posicionadas.

Todas as nossas entrevistadas tinham idades entre os trinta e os cinquenta anos, e face a este tema foi-lhes perguntado se elas consideravam que as notícias que eram publicadas contribuíam para uma perpetuação do estigma, mais concretamente, *Considera que os discursos dos meios de comunicação social correspondem à realidade*

---

<sup>68</sup> A este nível destacamos uma notícia que falava do consumo de drogas a céu aberto, recentemente (Natália Faria, “Toxicodependentes: “Aqui tratam-nos cem graus abaixo de cão” in Público, 12 de Maio de 2017) e contrapomos a mesma com o discurso de uma entrevistada: “[...] há 10 anos sim...quando era miúda às vezes passava pelos drogados e eles estavam-se a injetar no meio do bairro, nisso melhorou...injetam num sítio mais próprio, num canto escondido...eu lembro-me que ia à loja buscar pão e eles estavam ali para quem quisesse ver. “ (Entrevista 5, Cerco do Porto).

<sup>69</sup> Ver gráfico 3 do subcapítulo 4.1.

<sup>70</sup> Anexo 12 com a apresentação das categorias e subcategorias de análise para as entrevistas, utilizadas com o auxílio do programa Nvivo.

*do Bairro? Porquê?* Sendo que todas as nossas entrevistadas afirmaram que sim, que os meios de comunicação social contribuírem para uma perpetuação de sentimentos de insegurança, porém devemos também afirmar que foi considerado que atualmente ou mais recentemente tal aspeto tenha vindo sofrer alterações, vejamos o que dizem os entrevistados:

*Muitas coisas que se passavam que nem era aqui e metiam logo que era no Cerco do Porto...para mim até é mais grave aquele caso do Pedro Dias que nem é daqui nem é nada e para mim é pior aquilo que ele fez...depois é abafado e no Cerco é falado para a vida inteira...um homicídio aqui no bairro nunca mais de calavam... (Entrevista 2, Cerco do Porto)*

*... uma pessoa a ver uma notícia e não está lá...o que não quer dizer que o que está a ser dito não seja verdade porque é...só que não mostram nem conseguem ver o outro lado do bairro...só vão noticiar uma coisa má e não as boas porque não vende... (Entrevista 3, Cerco do Porto)*

Talvez, dado que ao longo dos anos (a partir de 2012) as notícias inerentes a conflitos ou problemas de outra ordem, mesmo que fossem relacionados com as habitações fossem recorrentes, no ano da eleição do Presidente da República e visita do mesmo ao Bairro do Cerco, o mesmo ato teve uma grande exposição e cobertura por parte dos meios de comunicação social, como foi o caso da notícia intitulada “Simplesmente Marcelo” (Manuel Carvalho, *in* Público, 13 de março de 2016). Por outro lado, devemos destacar iniciativas de carácter positivo em termos de exposição do conteúdo dos média, no mesmo jornal em causa, nomeadamente os podcast do género, um deles abordado aqui neste trabalho feito no Bairro de Aldoar<sup>71</sup>. Em suma, podemos atestar que de facto os meios de comunicação social possuem impacto nas perceções dos indivíduos sobre os territórios, principalmente no que concerne os bairros sociais, de acordo com as opiniões das mulheres entrevistadas as noticiais são um elemento central para a perpetuação do estigma, porém devemos ressaltar as iniciativas positivas que têm vindo a ser feitas, sendo que a nosso entender os média possuem um papel essencial no futuro, isto é, se até então o que predominava eram discursos sobre violência e criminalidade, posteriormente, poderão ser realizadas mais iniciativas como a do *podcast* do género, fornecendo assim a possibilidade de mudança de opiniões e mentalidades e, por sua vez, alterações significativas nos processos de vivência *do* e *no* bairro social. Estas considerações,

---

<sup>71</sup> Análise presente no subcapítulo 3.1.1.



prendem-se e permitem que seja estabelecida uma ponte para a nossa segunda hipótese de trabalho (2) que se direciona com os discursos e sentimentos de segregação, estigma e exclusão de indivíduos exteriores ao bairro, possuem um impacto nas histórias de vida, percursos e modos de vida das mulheres. Com esta hipótese de trabalho, o que prendíamos era testar as formas de hétero exclusão, isto é, perceber até que ponto as opiniões de quem não vive no bairro interferem com os modos de vida, sentimentos e histórias destas mulheres do bairro do Cerco. Um dos principais pontos em que estes sentimentos e possíveis constrangimentos surgiam e se assumiam como essenciais, encontravam-se inseridos na problemática do mercado de trabalho, ou seja, as dificuldades que as mulheres sentiam, as suas famílias, constrangimentos e consequências,

*... mas agora se calhar...sim...se fosse agora por exemplo eu não dizia que vivia no Cerco...com muita pena minha...mas dizia que vivia na rua etc etc etc...diretamente não...parece que nos excluem* (Entrevista 4, Cerco do Porto)

No que concerne a validação desta hipótese de trabalho tendo em mente as nossas categorias e subcategorias, consideramos pertinente interligar as referências à hétero exclusão como já abordamos, mas também as representações do bairro pelo outro e ainda, a vivência da exclusão social *no* e *do* bairro, com o objetivo de compreender até que ponto falar de uma implica ou refere a menção a outra, assim apresentamos a seguinte tabela:

**Tabela 4 Referências a sentimentos de auto e hétero exclusão *no* e *do* Bairro do Cerco (Número)**

Subcategorias de análise	Subcategorias e número de referências		
	Hétero exclusão	Representações do bairro pelo outro	Vivência da exclusão <i>no</i> e <i>do</i> bairro
Hétero exclusão	17	15	12
Representações do bairro pelo outro	15	23	13
Vivência da exclusão <i>no</i> e <i>do</i> bairro	12	13	24

Fonte: Nvivo, 2018

Deste modo, devemos mencionar que as representações do bairro pelo outro, com vinte e três referências, também se relacionam e convivem com a exclusão social e seus

processos de vivência – 13 referências – ao nível dos discursos e pensamentos das mulheres do bairro do cerco. Ainda nos dias que correm, o bairro permanece um lugar estigmatizado e excluído porque quem não vive lá, não o vivencia nem experiencia, o que nos permite atestar e comprovar de modo empírico aquilo que Levitas (1998) afirma no que diz respeito à divisão dos indivíduos em dois grupos, pois os excluídos são os moradores do bairro do cerco e os restantes os não moradores e, muitas vezes, portadores do estigma, apesar de nos ter sido permitido aferir que também existe estigma e preconceito por parte de quem vive no bairro face a outros moradores, porém esta questão apenas será aprofundada posteriormente. O que conseguimos comprovar é que estes sentimentos contribuem e apresentam impacto nas histórias e modos de vida das mulheres, estas ainda se sentem estigmatizadas, oprimidas e, acima de tudo, conscientes de que este preconceito permanece de forma vincada no imaginário da população portuguesa,

*... as pessoas parece que têm receio das pessoas viverem em bairros ou em bairros mais problemáticos do que outros...pensam que vão ter mais problemas com o empregado mas...para mim não tem nada a ver porque vivemos cá...o que pensam os outros...em prédios também há problemas e não é só nos bairros que há mau... (Entrevista 4, Cerco do Porto)*

*Uma vez eu estava com um grupo de amigas num café sabe e estava lá na mesa ao lado com umas moças e a gente a falar do cerco e tal...e elas foram embora...abalaram logo porque pensaram que nós devíamos ser umas malucas por sermos do cerco [...] não me senti triste mas já se sabe que foram embora por a gente ser do cerco... (Entrevista 5, Cerco do Porto)*

Existem várias variáveis que nos permitem verificar, como é o caso da nossa hipótese de trabalho, que os discursos de segregação contribuem para as alterações nas histórias de vida das mulheres do bairro do cerco, sendo que à medida que a nossa problemática teórica se ia tornando mais forte, decidimos adotar alguns dos conceitos de autores como Murie e Musterd (2004) para a nossa análise, isto é, criamos uma moldura analítica que incidia nos processos de exclusão social e seus impactos no nosso objeto de estudo. Logo, como abordamos no Capítulo 3 – e mantendo sempre em linha de conta a nossa hipótese de trabalho – conseguimos estabelecer uma ligação direta com os argumentos de Polanyi (1944), uma vez que o mesmo atesta que a exclusão social persiste pelos indivíduos, seus comportamentos, atitudes, histórias e outros fatores, não apenas pelo local em que se encontram localizados, ou seja, o problema persiste através da

sociedade e, até que estas mentalidades se comecem a alterar e a modificar, tais sentimentos persistirão e continuarão a afetar quem reside e habita nestes territórios.

*É assim...não é só o Cerco que tem problemas...bairros, prédios e cooperativas...as pessoas é que ficaram com aquela cisma e pronto...muita gente diz que às vezes não tem nada a ver porque quem mora no cerco e tal...mas não...continuam a ter aquilo... dizem, mas o pensar é diferente. (Entrevista 5, Cerco do Porto)*

Todos estes pontos abordados anteriormente, do sentimento de exclusão pelo outro face às mulheres do bairro, conduziram a nosso ver – e devido às entrevistas – a que começassem a surgir sentimentos de auto exclusão. As próprias mulheres auto excluem-se, talvez devido ao facto de sentirem e presenciarem o estigma face aos bairros constantemente, o que a nosso ver poderá contribuir para a construção de uma identidade coletiva forte, uma fomentação sustentada ao longo do tempo *da* e *na* importância de inserção numa comunidade, aspeto este que irá ser analisado de seguida.

Posto isto, podemos então avançar com uma análise ao nível da nossa terceira hipótese de trabalho (3) relacionada com o facto de as conjunturas económicas, sociais e políticas refletirem-se nas mudanças de identidade individuais das mulheres do Bairro do Cerco, mas também, possuírem um impacto no que concerne as identidades coletivas, nomeadamente, alterações no sentimento de comunidade da população do Bairro do Cerco do Porto. Novamente, para o teste desta hipótese de trabalho foi feita uma análise de várias dimensões, de modo a obtermos conclusões específicas e profundas acerca do tema em causa. Assim sendo, quando mencionamos conjunturas económicas e o impacto possível destas nas identidades, estamos, pois, a referir-nos à mulher em si ou sua família, não necessariamente à sociedade em si, sendo então de destacar que 8 das 9 entrevistadas estavam desempregadas<sup>72</sup> e recebiam ou já receberam em algum momento apoios financeiros do Estado, e ainda que todos os trabalhos que exerceram anteriormente à situação de desemprego eram trabalhos precários, sendo que o que queremos referir é que se a situação de desemprego seja já ela prolongada no tempo, a mesma poderá influenciar os seus sonhos ou objetivos de vida, parte importante para a nossa análise, e ainda de destacar são as conjunturas políticas, estando as mesmas aqui associadas aos sentimentos das mulheres face às intervenções políticas regionais e locais no Bairro do Cerco, podendo também este ser um fator de afetação aos sentimentos pelo Bairro, nas

---

<sup>72</sup> Fator este que se revelou importante, bem como interessante, dado que todas as nossas entrevistadas se encontravam inscritas na CERPORTO, instituição já previamente abordada.

suas identidades e ainda na construção de identidades coletivas, porém estas questões serão abordadas numa fase posterior de reflexões acerca dos sentimentos pelo espaço em si.

Quando questionadas sobre os sentimentos de pertença a uma comunidade, no sentido de percebermos se tal aspeto era fundamental e importante para as nossas entrevistadas, concluímos que apenas 4 entrevistadas o consideraram como sendo algo de relevância. Tal informação veio um pouco comprovar a nossa hipótese, não necessariamente apenas pelas dificuldades económicas sentidas neste espaço, alvo de exclusão social, mas principalmente pelas mudanças que têm acontecido ao longo do tempo, ou seja, as mesmas referiam algumas vezes que em tempos passados, o sentimento de comunidade estava muito mais presente nos imaginários e quotidianos dos moradores do Bairro, até mesmo em questões de convívio, apelando às memórias destes, aspeto este determinante a nosso ver na construção identitária, vejamos

*Ai...era um bairro mais alegre e cheio de vida...era diferente sabe...éramos todos unidos e muito humanos...era diferente e houve pessoas que foram morrendo e outras saíram daqui...(Entrevista 2, Cerco do Porto)*

O que denotamos ao longo das entrevistas e da nossa análise aquando da abordagem à temática da importância de uma comunidade, denotamos que estes sentimentos se encontram direcionados para a questão das interações e relações de vizinhança, uma vez que este mesmo aspeto se encontra presente em todos os discursos. As relações de vizinhança podem ser vistas aqui como um meio de compreensão das interações e sociabilidades destas mulheres. Um aspeto interessante é que as mulheres entrevistadas referem como sendo algo importante, o conhecimento do vizinho, ou então a existência de uma rede de apoio principalmente se as pessoas forem mais idosas, aqui presente o espírito de entre ajuda, porém, ao mesmo tempo, apresentam discursos contraditórios quando afirmam que não conhecem sequer os seus vizinhos, sendo que o que concluímos é que, mais importante do que estabelecer e manter boas relações de vizinhança, quer sejam elas dentro do seu bloco de habitação ou com outros moradores do bairro, assume-se a importância e o sentimento de existência de uma rede de apoio,

*Eu pessoalmente...os meus vizinhos não sei quem é...agora mais velhos é importante porque é a ajuda...no sentido de ajuda uns aos outros, se tem algum problema, se precisam disto ou daquilo... (Entrevista 3, Cerco do Porto)*

Devemos ressaltar que a dimensão da nossa amostra não foi suficiente para testar na totalidade estes aspetos, sendo que nos apoiamos em outros trabalhos de investigação e percebemos que em muitos deles a questão das relações de vizinhança poderiam ser um meio de entendimento pelo gosto pelas suas casas e pelo bairro, tal como Guerra (2002a) explica, no sentido em que não se trata da inexistência de relações de vizinhança mas pelo contrário, acontecimentos e interações que se afiguram como negativas, especialmente quando associadas – nos discursos das entrevistadas – aos indivíduos de etnia cigana. Aqui reconhecemos que uma abordagem metodológica mista poderia ter sido uma vantagem, no sentido de aprofundamento destas questões, porém, tal não era o nosso foco e ainda, através das entrevistas semiestruturadas, conseguimos já obter informação esclarecedora ou pistas conclusivas, referindo que este mesmo ponto poderia ser alvo de desenvolvimento numa outra investigação que se estendesse por mais tempo. Relativamente aos sentimentos e discursos face à etnia cigana, devemos desde já abordar o facto desta temática se encontrar presente em todas as entrevistas, havendo até cruzamento e inferências de acordo com o campo das interações e, claro está, com as relações de vizinhança. O que conseguimos denotar é que todos estes sentimentos para com a etnia cigana, advém de relações conflituosas entre as entrevistadas com membros dessa comunidade, ou então visualização de acontecimentos da mesma natureza entre esse grupo social, vejamos a opinião de uma entrevistada que foi transferida aquando a demolição do Bairro São João de Deus,

*... na altura não fui eu que vim ver a casa porque se tivesse vindo, eu dizia que não a queria por causa dos ciganos...eles vieram atrás de nós na mesma...eles metem-se com o meu filho, e eu não o posso mandar aos recados...o mais novo responde e lida mais com eles e o mais velho também...mas o de 20 anos dizia que os ciganos se metiam com ele...até que ele me disse que não vinha mais [aos recados] (Entrevista 6, Cerco do Porto)*

E ainda relativamente à visualização de conflitos entre membros da mesma etnia,

*Uma coisa é nós termos um problema com um vizinho...mas quando o problema é entre a etnia cigana que nós temos aqui a viver...é muito perigoso estarmos nesse momento no bairro... (Entrevista 4, Cerco do Porto)*

Contrariamente ao que Rodrigues (2017) descreve no seu estudo, nomeadamente ao nível de relações de cordialidade, ainda que impessoais, o mesmo não se verifica no nosso objeto de estudo, verificando-se ainda diferenças ao nível dos conflitos existentes no Bairro pois “[...] Todas as entrevistadas do Bairro do Fomento revelam que existem

conflitos no bairro, porém os depoimentos diferem relativamente aos indivíduos envolvidos nesses mesmos conflitos” (Rodrigues, 2017, p. 77). Por oposição, no caso dos depoimentos que conseguimos recolher, e até mesmo através de conversas informais, apesar de ser feita referência ao facto de indivíduos não ciganos também estarem envolvidos em conflitos, tais apreciações negativas recaem, maioritariamente, nos indivíduos de etnia cigana. Neste nível devemos destacar um depoimento que aborda tanto as questões das relações de vizinhança, sentimento de comunidade não só por parte de indivíduos não ciganos como de indivíduos de etnia cigana, bem como os sentimentos inerentes à etnia cigana:

*Eu vou explicar, se houver um problema comigo e uma pessoa de etnia cigana, a pessoa come-me, nunca mais tenho paz nem sossego, ela massacra-me até eu não puder mais, connosco...as pessoas da nossa raça...a gente fala e discute e acaba, mas com eles não! Eu sou sozinha a discutir contigo, tu és cigana, vêm todos os ciganos defender-te mesmo que não tenhas razão...eu posso ter os vizinhos todos a olhar e ninguém vem ajudar, o que dá origem à gente calar-se. (Entrevista 7, Cerco do Porto)*

Todas estas questões contribuem, de certo modo, para uma alteração nas interações que são estabelecidas entre os moradores do bairro do Cerco, quase como se existissem duas comunidades (ou mais) dentro de uma só – o bairro e si – que por conseguinte, é fechado em si mesmo, não só pelos processos de auto e hétero exclusão previamente abordados, mas inclusive, por sentimentos de insegurança que se fizeram sentir, ainda que não diretamente, através dos discursos das nossas entrevistadas, isto é, apesar das mesmas não afirmarem diretamente que não se sentem seguras a viver no bairro, através de um relembrar de episódios e situações – presentes no seu imaginário e nas suas histórias – podemos aferir que tais sentimentos se encontram presentes, ainda que por vezes reprimidos, como podemos ver,

*Eu lá está...se pensar nisso sinto-me pouco segura mas como habitualmente não penso nisso, nem estou a prever nada, nem meto em confusão...se pensar nisso, tenho receio realmente porque já nos assaltaram aqui e a polícia não fez nada...sabem quem são e não fazem nada. (Entrevista 3, Cerco do Porto)*

*Eu acho que não me fariam nada, mas também me conhecem daqui mas as pessoas que vêm trabalhar não têm grandes problemas...mas também já houve alturas que era diferente e havia pessoas que moravam aqui...agora estão presas também não é...mas já violaram uma rapariguinha ali naquela parte de onde eu vinha... (Entrevista 1, Cerco do Porto)*

O que conseguimos concluir, desde cedo, foi que os discursos de afetação das identidades individuais e coletivas, vindos do exterior do bairro do Cerco principalmente no que diz respeito à etnia cigana e não só, começam a ter um impacto a outro nível nos moradores - Tal como Marta Rodrigues verificou no seu trabalho de investigação, “(...) Tal como no Bairro 3 de julho, no Bairro do Fomento, as ciganas que lá residem referem que a presença significativa da etnia cigana é um fator que fomenta representações negativas acerca do bairro” (Rodrigues, 2017, p.73) - no sentido em que estes mesmos passam a ser interiorizados e reproduzidos pelos mesmos, ou seja, as próprias mulheres estabelecem diferenças, muito acentuadas, entre quem vive no bairro *versus* quem vive em “prédios”<sup>73</sup> ou até mesmo em outros locais da cidade, deste modo, consideramos estar perante uma espécie de identidade *deslocada*<sup>74</sup>, no sentido em que nos apercebemos que estas mulheres se vêem a si mesmas, em função do local de residência, não se imaginando viver em outros locais, nem tendo aspirações para tal – aspeto abordado em profundidade posteriormente. Elas próprias estabelecem, em primeira mão, a diferença entre viver no bairro do Cerco do Porto e *não* viver no bairro do Cerco do Porto, como se o mesmo fosse algo à parte, distante, distinto e distintivo:

*Se a gente morar na Foz não vai bater à porta da vizinha “olhe um bocadinho de sal” [...] aqui é o prato do dia...”dá aí umas batatas que me esqueci de comprar”...isso não acontece no meio da Foz, lá no meio do jet set...é o que eu acho. (Entrevista 8, Cerco do Porto)*

*Eu não tenho nenhum problema em estar a falar consigo, é conforme as pessoas, quem vive cá, ou em prédios ou em moradias perto da praia são iguais a mim [...] num bairro ou vemos as pessoas todos os dias ou vemos de longe a longe e isso é diferente. Nos prédios está tudo fechado, mas num bairro assim grande há sempre alguém na rua, na janela, a estender e é normal [...] nos prédios não se vê isto e é tudo fechado, parece que têm medo de nos abrir a porta ou abrem só um bocadinho e aqui não. (Entrevista 4, Cerco do Porto)*

O que conseguimos concluir é que, mais do que conjunturas económicas, sociais ou políticas – apesar destas representarem um papel significativo em diferentes níveis – verificamos que existem muitos outros processos, situações e pensamentos que

---

<sup>73</sup> Expressão utilizada por todas as nossas entrevistadas, sendo de destacar que até em alturas que a investigadora se referia aos Blocos como sendo “prédios”, as mesmas corrigiam dizendo que estava incorreto.

<sup>74</sup> O que se pretende afirmar com este conceito é alusivo à perceção das mulheres de si mesmas. Se por um lado, com este trabalho de investigação, pretendíamos de certo modo contrariar os discursos segregadores existentes, verificamos que estes mesmos já se encontram interiorizados pelas nossas entrevistadas. A sua identidade, a nossa ver, é tida como *deslocada*, pois molda-se (ou moldou-se) de acordo com os discursos exteriores. Aquilo que deveria ser individual *deslocou-se* e tornou-se coletivo.

influenciam os processos de identidade individual e coletiva, além dos que já foram mencionados, outros irão ser analisados de seguida. Para esta hipótese de trabalho, o que destacamos é o facto de não termos tido uma amostra mais significativa que pudesse atestar os nossos objetivos. É claro que conseguimos obter algumas pistas conclusivas, contudo, não são suficientes para conseguirmos afirmar que tais sentimentos são comuns à maioria das moradoras do bairro do Cerco. Ainda poderíamos ter obtido mais informações, porém, denotamos que as mulheres não se mostravam completamente recetivas e à vontade com a entrevista, evitando falar de certos temas ou questões ou então não falando por completo, este aspeto também foi algo que dificultou a nossa recolha de informação, sendo que não conseguimos afirmar se foi por medo ou desconfiança, mas as mulheres evitavam certas questões, como por exemplo as que eram direcionadas para a etnia cigana.

Posto isto, resta-nos apenas avançar com a nossa última hipótese de trabalho (4), antes de procedermos à análise de outros aspetos de extrema importância para o nosso estudo, sendo que a mesma se relaciona com os sentimentos de pertença a este espaço físico e social que é o Bairro do Cerco do Porto, sendo que estes são afetados pela localização do Bairro, isto é, pelo facto deste estar situado numa periferia e praticamente afastado do centro da cidade. A este nível podemos remeter as nossas considerações para os Mapa 2 e 3<sup>75</sup>, apesar dos mesmos estarem relacionados com o ano de fundação e com as tipologias habitacionais, permite aferir que o nosso objeto de estudo se encontra de facto distante em termos espaciais do centro da cidade, porém encontra-se rodeado de outros bairros sociais. Tal exercício, nomeadamente a Cartografia Temática, mostrou-se de extrema relevância pois caso contrário não teríamos esta perceção da localização e possíveis impactos da mesma no nosso objeto de estudo, sendo que se tornaria interessante – a longo prazo – compreender estes sentimentos de pertença e afetações aos mesmos não só do bairro do Cerco, bem como de todos os outros que se encontram nos nossos mapas, alguns ainda mais distantes do centro como é o caso dos bairros que ficam na Maia, Gondomar, Valongo ou Vila Nova de Gaia<sup>76</sup>. Porém, para uma compreensão em mais detalhe associada aos sentimentos de pertença, consideramos que seria determinante analisar as opiniões das mulheres entrevistadas sobre vários níveis, isto é, o bairro é

---

<sup>75</sup> Presentes no subcapítulo 4.2.

<sup>76</sup> Para qualquer esclarecimento ou dúvida face aos mesmos, consultar os Mapas 2 e 3 no subcapítulo 4.2.



composto por múltiplas esferas que, em conjunto, compõem o tecido espacial e social, sendo elas as habitações, os sentimentos e simbologias das mulheres para com o espaço, os espaços públicos e os serviços, e são estes mesmos pontos que pretendemos aqui analisar. Aferimos que, no decorrer da entrevista, as mulheres sentiam-se muito mais à vontade quando lhes era pedido para abordar aspetos físicos – tais como as habitações ou estado de conservação do bairro – do que partilhas histórias ou memórias face ao bairro. Aliada a esta linha de abordagem, procuramos compreender de certo modo – como no trabalho de Guerra (2002a) – o gosto pelo bairro e, por conseguinte, os pontos a destacar de poderiam ser intervencionados, vejamos então a seguinte tabela:

**Tabela 5 Referências às pertenças e afetos face ao Bairro (Número)**

<b>Categorias de análise</b>	<b>Número de referências</b>
Pertenças e afetos face ao bairro	53
O que mais gosta	9
O que menos gosta	11

Fonte: Nvivo, 2018

Assumindo desde logo a superioridade de referências face às pertenças e afetos pelo bairro, iremos ancorar a nossa abordagem nesse mesmo ponto. Numa primeira instância, verificamos um aspeto deveras interessante, isto é, o distanciamento através do discurso face ao bairro. Ora se por um lado encontramos mulheres que durante a entrevista assumiam, com orgulho, que eram no bairro do Cerco, outras por outro lado, negavam-no, pois:

*Eu não sou do Cerco! Sou do Ilhéu...que fica perto do Cerco* (Entrevista 1, Cerco do Porto)

*Eu nasci em casa, as pessoas daqui é que fizeram o coisa à minha mãe...até rio-me às vezes...eu posso dizer que sou Cerco!* (Entrevista 2, Cerco do Porto)

Uma vez que captamos este tipo de discursos, procuramos compreender aquilo que estava na génese de se distanciarem ou de manterem relações de proximidade com este espaço em questão. Por um lado, assumimos e estabelecemos uma análise com os sentimentos de segurança ou de insegurança, por estas mulheres sentidos, disfarçados ou omitidos, mas também com outros aspetos para elas relevantes, por exemplo

*Eu aqui tenho medo de sair cedo. Se for de manhã e for cedo e estiver escuro, o meu filho vem apanhar o autocarro, ele sai e eu venho sempre para a janela ver se ele vai bem (Entrevista 9, Cerco do Porto)*

*Moro aqui porque necessito, são estas as palavras. Não gosto de morar aqui. Não gosto mesmo! É porque necessito. Eu gosto de sítios calmos e sossegados...de verão não se dorme! Festas, carros a plissar, já foi mais...mas não é um sítio que eu goste! (Entrevista 1, Cerco do Porto)*

*Nunca tive problemas nenhuns, já gostei mais do meu bairro sou sincera, mas nunca tive problemas...Eu nasci aqui... (Entrevista 4, Cerco do Porto)*

Outra dimensão muito importante é inerente às habitações, a nosso ver, a casa é uma parte essencial do fomento ou não pelo gosto pelo bairro em certa medida, porém se apresentar como algo problemático na vida e no quotidiano das mulheres, tais fatores poderão influenciar o gosto pelo local onde vivem, impulsionando desejos de mudança de casa, algo que revimos de forma acentuada nas mulheres que tinham sido transferidas do bairro São João de Deus.

*Eu moro num T3 duplex mas já entrei em algumas casas daqui dos blocos, das camarárias dos prédios principais e eu acho horrível...horrível! São muito pequeninas e nem sei como tanta gente vive dentro de uma casa porque estar numa divisão é como estar na outra... (Entrevista 3, Cerco do Porto)*

*As habitações são muito pequeninas, se você for a Vila D'Este, aquilo é apartamento e comparado com os nossos...a gente quer pôr uma coisinha e não dá, parece uma caixa de fósforos...quer pôr uma mobília nem cabe. (Entrevista 9, Cerco do Porto)*

*As habitações são muito más...más mesmo [...] os blocos e tudo para mim são do pior que pode haver...degradado ao ponto de cair bocados de varanda, ao ponto de eu quase levar com uma pedra na cabeça que caiu de uma varanda, elas abanam muito...a gente pode estender a roupa e a qualquer momento está cá em baixo. (Entrevista 4, Cerco do Porto)*

Foi através destes excertos que achamos ser relevante apresentar aqui um Mapa relativo ao estado de conservação observado durante as nossas incursões ao terreno<sup>77</sup>. Além destes sentimentos pelo estado das habitações, tivemos em linha de conta o estado relativo aos espaços públicos, sendo que estes seriam uma parte essencial – no que concerne as crianças – para compreender algumas das mudanças que aconteceram no bairro, ora se antes as crianças vinham para a rua brincar sozinhas, aspeto esse que no

---

<sup>77</sup> Ver Anexo 13 relativo aos Estados de conservação do bairro do Cerco do Porto.

entender das nossas mulheres conferia “vida” ao bairro, agora tal já não se verifica com a mesma frequência nem nos mesmos moldes como previamente, porém certos comportamentos ainda se mantêm e, para alguns, são assumidos como partes fundamentais dos seus quotidianos e vivências.

*O ringue fizeram obras e pronto...é tudo queimado das fogueiras, também se esqueceram daquilo. Uma parte do outro lado que devia ser os balneários, era para os drogados irem para lá...já apareceu lá uma drogada morta...(Entrevista 4, Cerco do Porto)*

*Tenho de um lado a vizinha e do outro outra, deste lado é etnia cigana e tem muitas crianças e eu adoro as miúdas, no verão eles põem sempre cá fora...mesmo á bairro...por detrás da paragem [risos]...uma piscina...tudo a olhar... os miúdos de cuecas a tomar banho e os meus vão para lá também, são crianças todos e às vezes até me sento nas escadas porque eles estão lá, mas não os deixo sozinhos...estão ali um bocadinho a chafurdar na água e assim faço essa vida de bairro em certas alturas. (Entrevista 3, Cerco do Porto)*

Deste modo, resta avançar para uma análise relacionada com o gosto ou o desgosto pelo bairro. Quando confrontadas com a pergunta “O que mais gosta no Bairro”, reparamos que este era um assunto difícil de se falar, muitas das nossas entrevistadas diziam não gostar de nada, ou até mesmo focavam-se apenas no que não gostavam, passando uma ideia de completa apatia pelo local onde vivem, aspeto que pode ser explicado pelas questões anteriores. Outras apenas diziam que gostavam das suas casas. Concomitantemente, focamos a nossa abordagem nos aspetos que causam o desgosto pelo bairro, com perspetiva a uma proposta de intervenção junto dos mesmos, mas inclusive, tendo em mente a procura de pistas conclusivas para fatores que afetem ou condicionem as identidades, não só a um nível pessoal como coletivo.

*O que menos gosto é a falta de apoios...a gente ver que não fazem nada pelo nosso bairro. Fizeram quiosques e deitaram abaixo, foi dinheiro para o lixo, nem percebi...quase em todos os blocos, e de pedra parecia umas casinhas...para deitar abaixo...e os portões ficaram por acabar, se a menina passar vê que os portões têm grades e não têm vidros...estamos numa cadeia? (Entrevista 2, Cerco do Porto)*

*Das fogueiras, do barulho...não têm respeito pelos vizinhos que trabalham ou que não vão mas têm direito ao seu descanso...e de chegar a este ponto do bairro estar tão degradado. (Entrevista 4, Cerco do Porto)*

Logo, podemos afirmar que de facto que os sentimentos de pertença pelo bairro têm vindo a ser alterados e afetados, não tanto até pela localização geográfica do bairro, mas por um conjunto de outros aspetos que combinados, resultam numa alteração dos sentimentos de gosto por este espaço social. O facto deste se encontrar afastado do centro

da cidade e por ser um espaço excluído e estigmatizado, a intervenção no mesmo não tem sido uma prioridade, até porque outros bairros como o Lagarteiro, Corujeira ou Machado Vaz foram intervencionados primeiro do que o bairro do Cerco do Porto. Durante as nossas incursões ao terreno e à medida que as entrevistas iam avançando, saímos em busca dos aspetos mencionados, como é o caso dos portões anteriormente referidos no excerto acima apresentado.

**Figura 12 Visão dos portões e do estado de degradação, no Bairro do Cerco do Porto**



Fonte: Fonte: Sofia Sousa, 2018.

Podemos ainda apresentar dados de pendor etnográfico que atestam o estado de limpeza das ruas, também ele considerado relevante, não só para quem vive no bairro, mas como para quem lá passa, isto é, se próximo do centro do Bairro temos a sede do IEFP com grande afluência, para quem não reside no bairro, estas questões relacionadas com a limpeza e com o estado de conservação permitem a criação de juízos ou opiniões sobre esse mesmo espaço, contribuindo de certo modo e noutra nível, para a perpetuação do estigma face ao espaço em causa, vejamos os seguintes exemplos:

**Figura 13 Estado de conservação e de limpeza do Bairro do Cerco do Porto em 2018**



Fonte: Fonte: Sofia Sousa,  
2018.



Por fim, após a apresentação dos resultados obtidos de acordo com as nossas hipóteses de trabalho e objetivos de investigação, conseguimos estabelecer uma espécie de circularidade entre todos os aspetos mencionados nesta última parte com o início deste mesmo trabalho, nomeadamente ao nível dos contributos de Guerra (2002a) e Domingues (1994), logo no Capítulo 1. Assim sendo, foi possível a observação e a auscultação de sentimentos e discursos que, por si mesmos, revelam e assumem-se como um espelho daquilo que Guerra (2002a) abordava na época – no mesmo território – como sendo uma fragmentação do tecido urbano, um território segregado e excluído. Dezassex anos volvidos deste trabalho de investigação, continuamos a verificar a existência destes mesmos aspetos, a fragmentação do tecido urbano, além de continuar a demonstrar uma descontinuidade na mancha citadina, no sentido da condição periférica do bairro, assume outros moldes, no nosso entender, também eles basilares, logo, podemos referir que estamos perante uma fragmentação das identidades individuais e coletivas de um segmento populacional da cidade do Porto, segregado, excluído e marginalizado, não apenas no estrito senso do conceito, mas por via de múltiplas formas que se foram acentuado com o passar dos tempos. A falta de intervenção urbana e política é entendida como um dos principais meios de contribuição para tal, uma vez que a intervenção social mais enraizada através da IPSS, do Lar de idosos e do C.A.T.L anteriormente abordados. Por outro lado, temos ainda em mente os contributos de Domingues (1994) quando o autor aborda o grau de afastamento ao centro de acordo com a visibilidade e clareza de

uma distinção face aos atributos centrais, isto é, quanto mais nos afastávamos do centro da cidade<sup>78</sup>, com maior clareza observamos e distinguíamos aspetos de afastamento e de separação, quer fossem pelos acessos, pelos discursos ou estímulos visuais e sensoriais. Até para nós, investigadores e atores sociais, consideramos estarrecedor o sentimento de confusão, de não reconhecimento de um local pois se no centro da cidade tudo nos é acessível, comparativamente, esses locais marginalizados são repletos de inacessibilidades, sejam elas ao nível da mobilidade ou do diálogo, algo que veio ser atestado pelas entrevistas,

*O Cerco do Porto está esquecido completamente!* (Entrevista 2, Cerco do Porto)

*...acho que este bairro ficou esquecido em muito aspetos...* (Entrevista 4, Cerco do Porto)

*Isto aqui não tem nada...parece que estamos no meio do mato...*(Entrevista 5, Cerco do Porto)

Findada as nossas considerações e análise referente aos discursos das nossas entrevistadas, estando os mesmos em consonância e servindo de suporte ao teste das nossas hipóteses de trabalho, entendemos que outros aspetos deveriam ser analisados dado serem reveladores de alguns eixos teóricos aqui abordados, nomeadamente ao nível das visões das mulheres do bairro do Cerco sobre outras mulheres, assim, além dos contributos teóricos obtivemos as perspetivas das mulheres sobre outras mulheres, algo muito interessante de analisar. Apesar de não ter sido este o nosso objetivo inicial, os discursos decorrentes do processo de entrevista revelaram-se como muito esclarecedores e, mais uma vez, abriram portas de interesse para uma investigação de outro carácter ou mais aprofundada de múltiplas temáticas. Fazendo referência ao que foi expresso anteriormente, no que concerne a análise de aspetos direcionados para com o espaço físico e social em causa, tendo inerente uma espécie de auscultação de necessidades, não podemos deixar de mencionar novamente os contributos de Beall (1996)<sup>79</sup> que atestam precisamente isto, motivo este na base do nosso avanço com uma análise a vários níveis,

---

<sup>78</sup> Aspeto que pode ser interpretado literalmente, dado as nossas viagens de transportes públicos com partidas do centro da cidade até ao bairro.

<sup>79</sup> Presente no subcapítulo 3.1.1.

enaltecendo, de certo modo, a representação das mulheres, não na tomada de decisões, mas sim na explanação das necessidades, algo considerado por nós como um primeiro passo para uma posterior intervenção.

Além de todos estes aspetos, no decorrer das entrevistas, procuramos perceber os lazes, as sociabilidades e os quotidianos destas mulheres, o que por sua vez, nos encaminhou noutra direção. Neste contexto assumiu-se a importância das representações e das simbologias dos modos de vida e das identidades, uma vez que o guião de entrevista era semiestruturado, à medida que a conversa avança surgiam novas questões, tais como “Considera que existe um modo de vida de bairro?”, sendo de salientar que esta questão surgiu direcionada com uma análise sobre os serviços dentro do bairro, bem como espaços de lazer e sociabilidade<sup>80</sup>, o que nos espantou foram as respostas das mulheres, dado que ao invés de se referirem a estes parâmetros, forneciam uma espécie de descrição da “mulher de bairro”, vejamos alguns exemplos:

*A maneira de falar, de discutir...ai mulher vê-se mesmo que és de bairro...nota-se que não é qualquer pessoa que vai de um prédio a uma loja de pijama em chinelos de quarto, isso é bairro porque é assim ... (Entrevista 4, Cerco do Porto)*

*Ó doutora vou ser sincera...a mulher de bairro é a que fica mais em casa, lava a roupa, faz o comer e o homem trabalha...a mulher de bairro também começa a ver os ambientes e tal...se calhar aquele dá dinheiro...leva mais depressa porrada do homem...(Entrevista 8, Cerco do Porto)*

*Sem querer rotular...andam de avental com aquelas bolsinhas debaixo do braço, comem torradas e meia de leite ao almoço...não fazem almoço sequer e não trabalham [...] Para mim isso é uma pessoa de bairro, depois temos as outras que saem de manhã, levam os filhos à escola, vão trabalhar, vêm para casa e fazem o jantar. (Entrevista 3, Cerco do Porto)*

Com base nestes discursos foi possível estabelecer uma relação com as ilações mencionadas no decorrer da elaboração deste trabalho de investigação<sup>81</sup>, nomeadamente ao nível do conceito de posição social atribuída e assumida (Guerra, Gelain e Moreira, 2017), isto é, no excerto da Entrevista 8 (acima apresentado) vemos uma espécie de interiorização e aceitação do homem como principal elemento dominante, no sentido em que o mesmo é responsável pelo sustento económico e exercício de atividade laboral, enquanto a mulher assume o papel social de cuidadora da casa e da família. Ainda neste

---

<sup>80</sup> Com o objetivo de compreender as tais sociabilidades, os lazes e os quotidianos, num panorama geral, referente ao bairro.

<sup>81</sup> Rever os contributos teóricos no subcapítulo 3.1.1.

âmbito, foi possível perceber discursos inerentes ao facto das mulheres não trabalharem, então se algumas mudanças começam a ser assumidas no contexto mais alargado da cidade e da sociedade, principalmente no que concerne a emancipação da mulher/ luta contra estes estereótipos, discursos conservadores inerentes a épocas como o Estado Novo, pelo menos na nossa amostra mostravam-se ainda presentes, aspeto este que nos intrigou visto que esperávamos o inverso, dado que a maioria das mulheres não eram casadas e, por vezes, assumiam o papel de pai e de mãe, aspeto esse significativo indo de encontro ao que foi abordado através do podcast (Público, 2018)<sup>82</sup> pelas questões do empoderamento e da independência face ao homem, sendo percecionável já aqui a diferença entre o Bairro de Aldoar e o Bairro do Cerco. Deste modo questionamos o motivo para tal, tornando-se importante estabelecer considerações acerca do papel local que Hancock (2017) referia, alterando um pouco a definição de *local* relacionando-a assim com a dualidade da mulher no espaço público *versus* espaço privado para, ainda que brevemente, possamos entender o papel ocupado pela mulher no seio familiar, bem como a importância da mulher (mãe, tia, avó etc.) na vida, nas trajetórias e histórias das nossas mulheres. Perante estas interrogações, todas as mulheres que entrevistamos, sem exceção, mencionaram que a família, principalmente as mães das mesmas, tinham sido determinantes no que diz respeito a contributos direcionados para a construção identitária e, dado que todas elas também eram mães, estas afirmavam que seguiam as mesmas diretrizes educacionais que lhes tinham sido transmitidas, criando assim uma rede de passagem de valores profunda e enraizada, neste sentido iremos destacar dois excertos das nossas entrevistas nos quais, em situações distintas, conseguimos rever a importância da mulher (mãe) na vida das nossas entrevistadas:

*[...] a minha mãe sempre foi muito trabalhadora, o meu pai também mas a minha mãe admiro-a especialmente porque sempre foi uma mulher com tantos filhos e batalhadora [...] e eu acho que não valorizavam isso e não sabem ainda agora dar o devido valor, eu gosto muito muito do meu pai mas acho que ele não sabe dar valor à minha mãe como devia, porque nunca fez o que ela faz [...] éramos uma família grande e hoje em dia sou adulta e tenho filhos e sei o dinheiro que a gente gasta numa casa, mas só sabe quem o gasta, quem faz as compras, neste caso o meu pai não tinha esse hábito e achava que a minha mãe exagerava no que gastava [...] e hoje em dia as mulheres continuam a fazer esse papel, compram as coisas e pagam as contas e eles não têm noção... (Entrevista 3, Cerco do Porto)*

*[...] Sempre tive muito mais contacto com a minha mãe, sem dúvida...o pai fora de questão [...] ela, coitadinha [choro] foi muito vítima de maus tratos [...] porque*

---

<sup>82</sup> Subcapítulo 3.1.1.



*depois foi mãe aos 17 anos e teve que crescer à força e foi muito difícil para ela porque ele era uma pessoa poderosa e da PIDE que andava sempre armado, e a minha mãe viveu muito debaixo daquele regime...o que me fez crescer um bocadinho assim [...] quando ele morreu foi um alívio para mim. (Entrevista 7, Cerco do Porto)*

Resta-nos por fim abordar o nosso último ponto, relativo aos sonhos e objetivos destas mulheres, sendo de mencionar que muitos outros poderiam ser abordados, contudo conferimos destaque aos que já foram abordados dado a sua relação direta com o nosso interesse e objeto de estudo, a mulher do bairro do Cerco do Porto. Outras questões relacionadas com os serviços existentes, associações ou ainda outras considerações de caráter diverso são também elas importantes, porém seriam utilizadas numa ótica de complementaridade ao que já tem vindo a ser percecionado, requerendo até um estudo assente numa metodologia mista, implicando inquéritos de satisfação para estes pontos, por exemplo. Relativamente aos sonhos e aos objetivos, estes acabam por ser a personificação de todos os eixos que temos promulgado desde o início deste subcapítulo, podendo desde já aferir a relação destes com a habitação, família e profissão.

No que se refere à habitação, tal como no trabalho de Guerra (2002a) verificamos o desejo de casa própria, visto que algumas das mulheres entrevistadas viviam no bairro com familiares, contudo a este nível não se revelou pertinente o desejo de mudança de local, isto é, nas nossas entrevistas é recorrente afirmarem que até preferiam ficar no bairro ou então em zonas próximas como as Antas ou Gondomar, sendo que não se demonstra como significativa a vontade de viver no centro da cidade, tal aspeto prende-se com o número de anos que se encontram a viver no Cerco do Porto, algumas nasceram e cresceram ali, outras já lá vivem há mais de cinco anos, demonstrando assim uma relação de afetividade – não necessariamente dependente e associada ao bairro – á zona em que este espaço físico se encontra localizado. Atendendo às aspirações profissionais, a velha de questão “Quando era pequena o que gostaria de ter sido?”, as respostas foram diversas, desde cabeleireiras, costureira, cuidadora de crianças ou caixeira de supermercado, destacando que apenas uma referiu que gostaria de ter sido advogada<sup>83</sup>. Deste modo, apesar de não terem enaltecido sonhos em termos profissionais que necessitassem de uma formação superior, as mesmas demonstram que no que concerne

---

<sup>83</sup> A este nível o que verificamos é que nenhuma das nossas entrevistadas seguiu o ensino superior, tendo na sua maioria habilitações literárias ao nível do 9º ano ou 12º, fator que pode ter influenciado estes objetivos em termos de profissão idealizada, dado que abordaram que não quiseram prosseguir os estudos ou que não gostavam de estudar.

os seus filhos, o desejo é completamente diferente. Por último, aquando o questionamento sobre os seus principais sonhos ou objetivos, as respostas estavam interligadas com as suas famílias, nomeadamente para os seus maridos ou filhos, vejamos alguns exemplos que demonstram com clareza estes aspetos,

*Não tenho grandes sonhos, é ver os meus filhos crescer...nem tenho aquela coisa de viajar...tenho o meu emprego, talvez o sonho fosse ganhar mais...adoro os meus filhos e vai correndo tudo bem, é sempre o melhor para eles e é esse o meu sonho.* (Entrevista 3, Cerco do Porto)

*O meu sonho é ver a minha filha crescer...sem dívida...* (Entrevista 5, Cerco do Porto)

*O meu sonho era que o meu marido arranjasse trabalho.* (Entrevista 6, Cerco do Porto)

*Sonho...é que os meus filhos se formem, que tenham o dobro daquilo que eu tive, mas por vontade deles e por esforço deles...não por mim menina...é porque eu quero que eles queiram na verdade...* (Entrevista 8, Cerco do Porto)

De modo sumário, conseguimos estabelecer uma espécie de circularidade entre os nossos dados empíricos com os eixos teóricos de suporte aos mesmos. Ora se no primeiro capítulo referíamos os contributos de Ascher (1998), no sentido de entendermos a cidade como complexa e não apenas como complicada, a mesma premissa pode ser aplicada ao caso de um estudo sobre as histórias de vida, neste sentido, das mulheres do bairro do Cerco, uma vez que nos apercebemos das várias dimensões que jogam e se influenciam mutuamente não só referentes ao *ego* como também, as trajetórias familiares aqui, representam um papel essencial. Apesar de já terem sido realizados inúmeros estudos sobre o bairro do Cerco, poucos são aqueles que dão voz às suas populações, ainda permanecem sentimentos de indignação pela falta de apoios, compreensão e auscultação das necessidades destes indivíduos que habitam este espaço, não me refiro apenas à mulheres neste contexto concreto, mas sim a todos os indivíduos, incluindo profissionais que exercem atividade dentro do mesmo, pois estes também se afiguram como uma rede de apoio para essa mesma população. É certo que reconhecemos que, por diversas circunstâncias que se assumem como *normais* num trabalho de investigação, não conseguimos obter uma amostra com as dimensões pretendidas e que esse aspeto pode influenciar as nossas conclusões ou resultados, contudo não devemos descreditar ou desvalorizar os testemunhos e discursos destas nove mulheres, pois também eles são importantes. Ora, a nosso entender, se as mulheres se mostravam fechadas, desconfiadas

ou pouco recetivas para a participação no estudo, algum motivo estará subjacente, quer seja ele pela incerteza do futuro da investigação, isto é, aplicando a este caso os mesmos sentimentos e percepções inerentes às promessas de intervenção urbana por parte de órgãos administrativos e não cumprimento das mesmas, quer pela simbologia que a participação no estudo acarretava dentro do bairro, uma vez que um dos motivos que apresentavam para não participação no mesmo era o receio de represálias por parte dos vizinhos ou outros indivíduos, ou seja, as mulheres sentiam que não podiam falar de certos temas – como já mencionamos – mas também receavam que lhes fosse atribuído o rótulo de “bufo”<sup>84</sup> mas, acima de tudo, o que apreendemos era o receio de partilha de histórias ou experiências sofridas, nomeadamente abortos, falta de condições habitacionais ou económicas, violência doméstica, drogas, prostituição ou prisão.

Assumimos a presença de paradigmas conservadores quanto às ditas funções ou papéis que a mulher pode/ deve desempenhar, mas acima de tudo, devemos referir que apesar de considerarmos a existência de um processo de interiorização da exterioridade (Bourdieu, 1986), ao nível da absorção dos discursos e representações estigmatizadas desses segmentos populacionais em algumas dimensões analíticas, estas mulheres procuram romper com o passado e com estas posições de marginalidade social e urbana, no que concerne os seus filhos, começando pela quebra com o abandono escolar prematuro. Porém não podemos deixar de salientar que a herança destes processos de exclusão e de estigmatização permanece pesada, e que se materializou em diversos níveis, sendo deveras importante captar a atenção de todas as formas possíveis para um *continuum* no que diz respeito a políticas públicas de intervenção urbana e social, bem como destacando a cooperação como elemento essencial, a este respeito inserem-se as Associações que operam no espaço, a Câmara Municipal e a população, não sendo o trabalho de uma pessoa só. A exclusão é combatida pela intervenção recorrente, não esporádica e momentânea. Como Guerra refere,

*(...) a inclusão ilustra uma nova etapa assente na aceitação e valorização da diversidade (...) um processo através do qual a sociedade, nas suas mais diversas dimensões, se adapta de forma a poder incluir todos os indivíduos. (Guerra, 2012b, p.99)*

---

<sup>84</sup> Alguém que cooperava ou fazia denúncias à polícia.

## Considerações finais

Atingimos a altura em que enalteceamos algumas considerações finais acerca desta temática que foi alvo de investigação. Desde já destacamos o impacto e as diferenças habitacionais, aliadas às trajetórias familiares e profissionais como um elemento fulcral de contribuição para a construção identitária pessoal e ascendente. Procuramos analisar as mulheres por elas mesmas, não estabelecendo padrões de comparação ou oposição aos homens, porém o espaço físico já foi intervencionado num âmbito mais alargado de compreensão de comportamentos ao seu redor. Atendendo aos dados que foram recolhidos, estas mulheres encontram-se num processo de exclusão social e de estigmatização que já se repercute nelas mesmas desde cedo, quer seja o mesmo devido a situações de trabalhos precários, ajudas financeiras do Estado ou até pela trajetória habitacional – residência apenas em habitação social – porém, denotamos, e como já fora mencionado, que elas procuram quebrar com este padrão de exclusão no que diz respeito aos seus filhos, quer seja pelo incentivo e contradição do abandono escolar precoce, quer pela vontade de uma futura mudança no contexto habitacional destes mas, a este nível, reconhecemos novamente que esta quebra cíclica é de extrema dificuldade, estando inerente um processo reprodutivo.

Os eixos de análise que foram estabelecidos, contemplando múltiplas dimensões como o percurso profissional (profissões precárias, desemprego e dependência de apoios sociais), percurso residencial e sentimentos de pertença face ao mesmo, concluímos que as identidades são afetadas por este aglomerado de situações, por uma conjuntura diacrónica instalada e continua. Dado que o nosso foco eram as histórias de vida, as trajetórias, sentimentos de pertença e afetividades face ao bairro, não analisamos em profundidade os percursos escolares destas mulheres, aferimos mesmo assim que a maioria das nossas entrevistadas não avançou para além do 12º ano de escolaridade e, em termos profissionais, as mesmas enfrentavam quotidianos de emprego precários e incertos, algo referido pelas mesmas como uma causa direta do seu local de residência. Os condicionalismos aqui, ao nível das identidades e das trajetórias, não se prende apenas com uma espécie de estigma particularizado no âmbito profissional, mas inclusive com entraves às residências, uma vez que estas não satisfaziam as necessidades das mulheres, quer fosse pelo estado de degradação, falta de apoio, escassa intervenção ou até mesmo,

pela imposição – devido a necessidades económicas – da vivência com familiares. A maioria das entrevistadas não possuía capacidade de sustento económico se possuíssem casa própria. As entrevistadas do bairro do Cerco afirmaram inúmeras vezes as condições habitacionais como um entrave nas suas vidas.

Novamente, em mais um estudo, continuamos a verificar o peso de uma carga simbólica pejorativa associada à habitação em bairros sociais das periferias, que apesar de extremamente evidente no bairro do Cerco do Porto, apenas era igualada pela imensa carga negativa simbólica relativa à etnia cigana, não apenas por indivíduos exteriores como, principalmente, pelos residentes no bairro em questão. As fragmentações das sociabilidades resultam de processos de exclusão e fortalecem o individualismo (Rodrigues, 2017, p.102), algo que se verifica no nosso contexto de estudo cada vez mais significativo. Não existem aspirações futuras, apenas preocupações com o presente imediato. As divergências que ocorrem dentro desse espaço físico, quer seja entre etnia ou entre etnias diferentes dificultam e moldam os sentimentos de pertença mas, acima de tudo, apesar de não ter sido mencionado diretamente no decorrer das nossas entrevistas, os sentimentos de segurança – interrelacionados com os sentimentos de pertença – também diminuem, sendo que mais uma vez, o estigma para com a comunidade cigana e até para com indivíduos que vieram transferidos de outros bairros sociais, aumenta exponencialmente e cria um ciclo vicioso de perpetuação de inseguranças e de descontinuidades afetivas. Uma razão para o crescimento do individualismo, na nossa ótica, é a falta de atividades nos espaços públicos, algo exacerbado pela falta de condições dos mesmos, logo as redes sociais e as sociabilidades apresentam-se circunscritas a espaços específicos e fechados tais como cafés, supermercados, cabeleireiros ou padarias, provocando uma segmentação dos modos de usufruição do espaço, espelhadas em concentrações de acordo com o género e com o local espacial. A vontade de abandonar o bairro existe, como também existe simultaneamente uma vontade de permanecer na mesma zona geográfica, verificando-se um certo conforto espacial. A não participação pública referente a atividades grupais, afeta e impõe novos sentimentos de pertença comunitários.

No que concerne as nossas hipóteses teóricas, os processos de exclusão social influenciam grave e diretamente as identidades pessoais e coletivas, e a noção própria de que se é alvo de exclusão irá influenciar a forma como se relacionam com outros, dando

origem a combates e tensões internas. A auto e hétero exclusão pautadas nas suas trajetórias e experiências é feita tendo o *outro* como sistema padrão. Como outrora mencionado, a ausência de perspectivas para o futuro nas nossas entrevistadas é verificada, e ainda as tensões identitárias encontram-se de facto presentes devido ao exercício constante de violência simbólica, quer seja por discursos, valores, modos de vida ou até obrigações que, aos olhos de indivíduos não excluídos socialmente se assumem como impreteríveis.

Neste ponto iremos apresentar algumas medidas que poderiam ser aplicadas no bairro, atendendo à auscultação de algumas necessidades, além de mencionarmos que na última incursão ao terreno verificamos que tinham iniciado obras num dos blocos do bairro do Cerco, algo muito aguardado pela população lá residente. Além disto, referimos a importância de investimento nas associações já presentes no bairro como o C.A.T.L que não possuem condições para receberem mais crianças; dinamização do bairro através de iniciativas culturais, nomeadamente a criação de parques infantis, espaços de convívio e de lazer alternativos, promovendo os tecidos associativos já existentes, aspeto este de extrema importância pois as nossas entrevistadas referiam que não tinham um local para as suas crianças brincarem livremente e assim a criação de múltiplos espaços pelo bairro forneciam pontos de entretenimento *in loco*; Criação de equipas multidisciplinares de Sociólogos, Psicólogos, Profissionais de Saúde e Assistentes Sociais que visitassem o terreno frequentemente, com o objetivo de intervir juntos de casos como sem abrigo, toxicodependentes, reduzindo os riscos e minimizando os impactos destes atos no terreno, contribuindo de certo modo, para uma quebra do estigma social e estereotipagem; por fim, algo deveras complexo de se aplicar, a dispersão dos indivíduos em situação de exclusão social, contrariando o que sempre foi feito que passava pela concentração, acabando com polos desfavorecidos nas cidades, oferecendo aos indivíduos a hipótese de participação e inclusão, bem como, usufruição de múltiplos serviços referentes ao centro da cidade ou de periferias não isoladas.

Terminando esta abordagem, e apelando a uma revisitação das políticas de inclusão social e aplicação das mesmas naquele território, não podemos descurar que tais desempenharão “[...] um papel decisivo e central na adequação das respostas” (Ruivo, 2000, p.16).

## Referências de livros e artigos

- ALDRICH, Daniel. P. (2011) – The externalities of strong social capital: Post-tsunami recovery in southeast India. In *Journal of Civil Society*, nº7, p. 81-99. DOI: 10.1080/17448689.2011.553441.
- ASCHER, François. (1998) – *Metapolis: Acerca do futuro da cidade*. Celta Editora:.. ISBN 972-8027-89-3.
- BAÍA, João. (2011) – Memórias dos moradores do Bairro da Relvinha em Coimbra: da resistência quotidiana à auto-construção no âmbito do SAAL. In Monteiro, Bruno (2001). (coord.) – *História social do Porto. Sociedade, Política e Cultura no Estado Novo*. Deriva Editora. ISBN 978-972-9250-84-2.
- BEALL, Jo. (1996) – Urban Governance: Why Gender Matters. In *UNDP Gender in Development Monograph Series*, No.1. New York, NY: United Nations Development Programme (UNDP), March. [Em linha]. [Consult. 4 de jan. 2018]. Disponível em: <http://www.gdrc.org/u-gov/doc-whygendermatters.html>
- BERICAT, Edward. (1998) – *La integración de los modelos cuantitativos/cualitativos en la investigación social: significado y medida*. Barcelona: Ariel. ISBN: 84-344-1693-X.
- BOURDIEU, Pierre. (1986) – *The forms of capital*. In Szeman, Imre.; Kaposy, Timothy (2010).– *Cultural theory: An anthology*. Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell. ISBN: 978-1- 405-18082-5.
- BRITO, Marialda da Silva. (1999) – *Processos de Representação na Cartografia Temática*. Instituto Militar de Engenharia, IME, Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado em sistemas e computação com eng. Cartográfica.
- BUTLER, Judith. (2011) – *Bodies that matter: On the discursive limits of “sex”*. New York: Routledge. IBSN: 0-415-90365-3.
- CAPUCHA, Luís. (2000) – Territórios da pobreza, onde é preciso voltar. In *Sociedade e Território*, nº30, p. 8-15.
- CRESWELL, John W. (2014) – Qualitative Methods Procedures. In *Research design: qualitative, quantitative and mixed approaches*. 4ªed. California: Sage Publications. ISBN 978-1-522-7461-4.

- COUTRAS, Jacqueline. (1987) – *Des villes traditionnelles aux Nouvelles banlieues. L'espace public au féminin*. Paris: SEDES. ISBN 271-814-984-2.
- COUTRAS, Jacqueline (1996) – *Crise urbaine et espaces sexués*. Paris: Armand Colin.
- DOMINGUES, António. (1994) – (Sub)úrbios e (sub)urbanos – o mal estar da Periferia ou a mistificação dos conceitos ?. In *Revista da Faculdade de Letras, Sociologia*, 1ª série, Vol. X/XI, Porto, p. 5-18.
- FERNANDES, António Teixeira. (1992) – Formas e Mecanismos de Exclusão Social. In *Revista de Sociologia*, nº1, série I, Vol. I, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p.9-66.
- FOTIADIS, Piers. (2008/2009) – *The Strange Power of Maps. How maps work politically and influence our understanding of the world*. Working paper, nº 06-09. School of Sociology, Politics, and International Studies. University of Bristol. [Em linha]. [Consult.4. set. 2018]. Disponível em: <https://www.bristol.ac.uk/medialibrary/sites/spais/migrated/documents/fotiadis0609.pdf>
- GUERRA, Isabel. (2000a) – Planeamento estratégico das cidades: Organização do espaço e ação coletiva. In *Cidades, Comunidades e Território*, dezembro, nº1, p. 37-55.
- GUERRA, Isabel (2001b) – Intervenções face à exclusão social urbana: uma luta inglória). In *Cidades, Comunidades e Territórios*, junho, nº2, p. 47-56.
- GUERRA, Paula (2012a) - A cidade inclusiva. In FIGUEIREDO, António. M.; PENABAD, J. M. P.; ÁLVAREZ, E. J. V. (coords.) - *Retos de la acción de Gobierno para las ciudades del siglo XXI/Desafios da governação das cidades do século XXI*. Porto/Vigo: Eixo Atlântico do Noroeste Peninsular, p. 351-383.
- GUERRA, Paula (2012b) – Da exclusão social à inclusão social: eixos de uma mudança paradigmática. In *Revista Angolana de Sociologia*, nº10, p. 91-110.
- GUERRA, Paula (2002a) – *A Cidade na Encruzilhada do Urbano: Algumas modalidades de relação de um estudo de caso acerca do processo de recomposição espacial e social do tecido urbano portuense na década de 90*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de mestrado em sociologia.
- GUERRA, Paula (2002b) – *Cenários de Insegurança: Contributos do interaccionismo simbólico para uma análise sociológica da construção mediática do desvio*.



- Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Relatório de uma aula prática inserido nas Provas de Capacidade Científica e Aptidão Pedagógica.
- GUERRA, Paula (2010a) – *A instável leveza do rock: génese, dinâmica e consolidação do rock alternativo em Portugal*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de Doutoramento em Sociologia.
- GUERRA, Paula.; GELAIN, Gabriela.; MOREIRA, Tânia. (2017) – Collants, Correntes e Batons: género e diferença na cultura punk em Portugal e no Brasil. In *Lectora: revista de dones i textualitat*, nº23, p.13-34. ISSN: 1136-5781.
- HANCOCK, Claire (2016) – Feminism from the Margin: Challenging the Paris/Banlieues Divide. In *Antipode*, Vol. 46M nº3, p. 636-656.
- HANSEN, Thomas Blom; VERKAAIK, Oskar (2009) – Introduction – Urban charisma. On everyday mythologies in the city. In *Critique of Antropology*, nº29, p.5-26. DOI: 10.1177/0308275X08101029.
- JUPP, Eleanor (2017) – Home space, gender and activism. The visible and the invisible in austere times. In *Critical Social Policy*, University of Kent, Vol.37, nº3, p.1-24.
- KEMPEN, Eva Van (2002) - 'Poverty pockets' and social exclusion: on the role of place in shaping social inequality. In Marcuse, Peter; Kempen, Ronald Van (Coord.) - *Of States and Cities. The Partitioning of Urban Space*, Oxford: Oxford University Press, p.240-257.
- LEVITAS, Ruth (1998) – *The inclusive Society: Social Exclusion and New Labour*. London: Macmilian. ISBN: 033-3- 730- 879.
- MACHADO, Idalina (2012) – *Lutas sociais, habitação e quotidiano: análise da génese e estruturação do Bairro da Bouça na cidade do Porto [do SAAL à solução cooperativa]*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de Doutoramento em sociologia.
- MARQUES, Eliane; SOARES, Laura (2011) – Inventário e base de dados de cartografia geomorfológica do NW de Portugal. Cartografia e Tecnologias de Informação em Geografia. In *Actas do XII Colóquio Ibérico de Geografia*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

- MARQUES, Teresa Sá (1999) – Um território em mudança: padrões territoriais, tipologia urbana e dinâmicas. In *Inforgéo*, nº14, Lisboa, Ed. Colibri, p.21-42. ISSN: 0872-6825.
- MARQUES, Teresa Sá (2002) – *Dinâmicas Territoriais: Portugal na transição do século (XX/XXI). Vol.I. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de Doutoramento em geografia.*
- MARQUES, Teresa Sá; GUERRA, Paula; MATOS, Fátima; RIBEIRO, Diogo (2014) - Coesão social e territorial no Grande Porto: contributo para um debate de justiça social e espacial. In *A jangada de pedra – Geografias Ibero – Afro – Americanas: Actas do XIV Colóquio Ibérico de Geografia*, Guimarães, 11 a 14 de novembro, p.610-615.
- MARQUES, Teresa Sá *et. Al (coord.)* (2017) – As dimensões e a responsabilidade social da Geografia. In *Livro de atas, XI Congresso da Geografia Portuguesa*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p.77-79. ISBN: 978-989-54030-2-8.
- MARQUES, Teresa Sá, GUERRA, Paula, MAIA, Catarina; RIBEIRO, Diogo (2017) – A cidade fragmentada: exclusões e vulnerabilidades do Porto no presente. In *As dimensões e a responsabilidade social da Geografia: XI Congresso da Geografia Portuguesa: Livro de atas*, 9 a 11 de novembro, p.73-76.
- MATOS, Fátima. Loureiro. (1994) – Os bairros sociais no espaço urbano do Porto: 1901- 1956. In *Análise Social*, Vol. XXIX (127), 3º, pp 977-695.
- MONMONIER, Mark. (1993) – *Mapping it out. Expository Cartography for the Humanities and Social Sciences*. University of Chicago Press. ISBN: 0-226-53417-0.
- MONTEIRO, Bruno. (2011) – *História social do Porto: sociedade, Política e Cultura no Estado Novo*. Deriva Editora. ISBN 978-972-9250-84-2.
- MURIE, Alan.; MUSTERD, Sako. (2004) – Social Exclusion and Opportunity Structures in European cities and Neighbourhoods. In *Urban Studies*, Vol.41, nº8, pp. 1441- 1459. DOI: 10.1080/0042098042000226948.
- NUNES, Carlos. (2001) – Bairros Sociais: estratégias de intervenção. In Pinheiro, Magda.; Baptista, Luís.; Vaz, Maria. . João. (2001) – *Cidade e Metrópole: Centralidade e Marginalidades*. Celta Editora. ISBN 972-774-129-0.

- PEREIRA, Virgílio. Borges. (2011) – A política de habitação do Estado e os seus efeitos sociais no Porto contemporâneo: uma perspetiva sintética e panorâmica. In SANTOS, Carlota. (Coord.) – *Família, Espaço e Património*. CITEM, pp 547-564. [Em linha]. [Consultado pela última vez a 4 de setembro de 2018]. Disponível em: <http://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/14190/2/VPereiraUporto000156742.pdf>
- PINTO, Madureira.; QUEIRÓS, João. (Coord.) – *Ir e Voltar: Sociologia de uma Coletividade Local do Noroeste Português (1977-2007)*. Vol.I. Ed. Afrontamento. ISBN: 987-972-36-1080-2.
- PINHEIRO, Magda.; BAPTISTA, Luís.; VAZ, Maria. João. (2001) – *Cidade e Metrópole: Centralidade e Marginalidades*. Celta Editora. ISBN 972-774-129-0.
- PINTO, Teresa Costa. (1994) – Apropriação do Espaço em Bairros Sociais: O gosto pela casa e o desgosto pelo bairro. In *Sociedade e Território*, nº25. Ed. Afrontamento. Porto.
- POLANYI, Karl (1944) – *The Great Transformation. The Political and Economic Origins of Our Time*. Beacon Press, Boston. ISBN: 0-8070-5643-x.
- PUTMAN, Robert D. (2000) – *Bowling alone: The collapse and revival of American community*. Ed. Simon and Schuster. ISBN: 978-074-320-304-3.
- QUEIRÓS, João. (2011) – Estado, Alojamento e «Questão Social»: elementos para a compreensão sociológica da formação da respetiva relação obtidos a partir do estudo aprofundado de uma intervenção habitacional do «Estado Novo» no Porto. In Monteiro, Bruno. (Coord.) – *História social do Porto: sociedade, Política e Cultura no Estado Novo*. Deriva Editora. ISBN 978-972-9250-84-2.
- QUEIRÓS, João. (2014) – *No Centro, á margem. Sociologia das intervenções urbanísticas e habitacionais do Estado no centro histórico do Porto*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de Doutoramento em Sociologia.
- QUIVY, Raymond. CAMPENHOUDT, Luc Van. (2013) – *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 6ª ed. Lisboa: Gradiva. ISBN 978-972-275-8.

- RODRIGUES, Jorge de Sousa. (2001) – O arranque da metropolização na margem sul: factores e modos de urbanização da região de Almada (1935-1947). In Pinheiro, Magda.; Baptista, Luís.; Vaz, Maria. João. (2001) – *Cidade e Metrópole: Centralidade e Marginalidade*. Celta Editora. ISBN 972-774-129-0.
- RODRIGUES, Marta. (2017) – *Vidas entrelaçadas em Darque: Uma abordagem aos processos de (re)construção identitária de habitantes de bairros sociais*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de mestrado em sociologia.
- SANTOS, Clara. (2015) – Habitação Social, Vulnerabilidade Social e Serviço Social: Um Ensaio sobre o Fracasso da Mudança Social nos Bairros Sociais. In *Libertas*, Revista da Faculdade de Serviço Social, Vol.15, nº1.
- SCHULTZ, Katherine. (2002) – Identity narratives: Stories from the lives of urban adolescent females. In *The Urban Review*, nº31, p.79-106. DOI: 10.1023/A:1023248416144.
- SILVA, Filipe Batista. (2009) – *Modelação cartográfica e ordenamento do território: Um ensaio metodológico de cartografia dasimétrica aplicado à região oeste do Vale do Tejo*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de mestrado em Sistemas de Informação Geográfica e Ordenamento do Território.
- SILVA, Patrícia Carolina. (2012) – *Comunidade Empreendedora: O caso da Iniciativa Bairros Críticos no Bairro do Lagarteiro*. Universidade Católica Portuguesa. Tese de mestrado em Ciências da Educação.
- SOUZA, Sibely da Silva. (2017) – *Periferias narrativas: vozes em trânsito*. Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017. Programa de Pós-graduação em Letras.
- TACOLI, Cecilia (2012) – *Urbanization, Gender and Urban Poverty: Paid Work and Unpaid Carework in the City*. Urbanization and Emerging Population Issues. Working Paper 7. International Institute for Environment and Development United Nations Populations Fund. ISBN: 978-1-84369-848-7.
- VIDAL, Diogo Guedes. (2016) – *Um Porto em cada Nós: Imagens, representações, semânticas e memórias da cidade*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de mestrado em sociologia.
- WACQUANT, Loïc.; WILSON, William (1993) – The cost of racial and class exclusion in the inner city. In WILSON, William Julius. (Ed.) – *The ghetto*

*underclass: Social Science Perspectives*. London: Sage. ISBN: 978-148-332-669-6.

WALKER, Alan. (1997) – *Britain divided: The growth of Social Exclusion in the 1980's and 1990's*. Child Action Poverty Group, University of Michigan. ISBN: 978-094-674-491-6.

WEKKER, Fenneke. (2017) – *Top-down Community Building and the Politics of Inclusion*. Europe in Transition. The NYU European Studies Series. DOI 10.1007/978-3-319-53964-5-2.

## Referências estatísticas, relatórios e comunicações

- AUGUSTO, Nuno Miguel. (1998) – *Habitação Social, da intenção de inserção á ampliação da exclusão*. In IV Congresso Português de Sociologia, 2000. [Em linha]. [Consultado pela última vez a 4 de setembro de 2018]. Disponível em: <https://ciencia.iscte-iul.pt/publications/habitacao-social--da-intencao-de-insercao-a-ampliacao-da-exclusao/24220>
- BGRI (2018) – *Base Geográfica de Referenciação de Informação*. [Em linha]. [Consultado pela última vez a 4 de setembro de 2018]. Disponível em: <http://mapas.ine.pt/download/index2011.phtml>
- CM MAIA (2016) - *Empreendimento Municipais de Habitação de Interesse Social na Maia e outro Património sob gestão do espaço municipal*. [Em linha]. [Consultado pela última vez a 4 de setembro de 2018]. Disponível em: [www.espacomunicipal.pt/media/1436/quadro\\_empreendimentos\\_site\\_20161003.pdf](http://www.espacomunicipal.pt/media/1436/quadro_empreendimentos_site_20161003.pdf)
- CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO, Programa MED-URBS AEDIFICARE Bordeaux – Casablanca – Porto – Terceiro Seminário Técnico Internacional, Casablanca, Câmara Municipal do Porto, 1993.
- CENTRO ISMAILI (2013). Encontro Nacional Desenvolvimento Local em Portugal: Abordagens, actores e Resultados (ENDLPT).
- INE (2018) – *Instituto Nacional de Estatística*. [Em linha]. [Consultado pela última vez a 4 de setembro de 2018]. Disponível em: [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21\\_main&xpid=CENSOS21&xlang=pt](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21_main&xpid=CENSOS21&xlang=pt)
- INSTITUTE FOR WOMEN’S POLICY RESEARCH (IWPR) (2018) – *Gender, Urbanization and Democratic Governance*. [Em linha]. [Consultado pela última vez a 4 de setembro de 2018]. Disponível em: <https://iwpr.org/>
- QUADRO DE REFERÊNCIA ESTRATÉGICA NACIONAL (QREN) (2018). Manual Técnico II: Métodos e Técnicas. A recolha de Dados: Técnicas de Observação. [Em linha]. [Consultado pela última vez a 4 de setembro de 2018]. Disponível em: <http://www.observatorio.pt/download.php?id=189>

- MENDES, J.; RAMALHO, L. (2005) – *Diagnóstico Social do Concelho de Valongo*. Câmara Municipal de Valongo. [Em linha]. [Consultado pela última vez a 4 de setembro de 2018]. Disponível em: <https://www.cm-valongo.pt/pages/393>
- NATIONAL DEMOCRATIC INSTITUTE (NDI) (2015). Women and Local Executive Office. Washington, DC: National Democratic Institute. [ Consultado pela última vez a 4 de setembro de 2018).  
Disponível em: <https://www.ndi.org/files/Women%20and%20Local%20Executive%20Office.pdf>
- SILVA, Ciro Andrade da.; MENEZES, Marluci. (2015) – “*Há casa sem gente, há gente sem casa*”: repercussões contemporâneas da habitação em Portugal. In DM/NBPC. Disponível em: <http://repositorio.lnec.pt:8080/xmlui/handle/123456789/1007707>

## Referências de jornais

- CARVALHO, Patrícia. (2012) - Polícia Municipal do Porto desmontou tenda que albergava família no Cerco. *Público*. Nº de série 8222. Outubro. 33. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- DIAS, Pedro Sales. (2012) – Tinham portas blindadas e 17 mil doses de cocaína. *Público*. Nº de série 7978. Porto. Fevereiro. 25. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- LUSA (2012) - Dois feridos em tiroteio no Bairro do Cerco. *Público*. Nº de série 8050. Porto. Abril. 29. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- LUSA (2012) - Dois homens feridos em tiroteio no Bairro do Cerco. *Público*. Nº de série 8050. Abril. 29. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- MARMELO, Jorge. (2012) - Herdeiros do poeta foram avisados do possível despejo. *Público*. Nº de série 7940. Porto. Janeiro. 19. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- MARMELO, Jorge. (2012) - Câmara do Porto não aprecia barreiras da VCI, mas não vê como as recusar. *Público*. Nº de série 8180. Junho. 32. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- MARMELO, Jorge. (2012) - Câmara Municipal do Porto não diz o que vai fazer ao espólio de Eugénio de Andrade. *Público*. Nº de série 7940. Janeiro. 20. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- PEREIRA, Ana Cristina (2012) - Quatro pessoas num quarto. *Público*. Nº de série 8219. Outubro. 4. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- PÚBLICO (2012) - Detido no Bairro do Cerco com 4143 doses de cocaína. *Público*. Nº de série 8054. Abril. 34. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- PÚBLICO (2012) - Detenção de dois homens por suspeita de crime de homicídio. *Público*. Nº de série 8061. Porto. Maio. 32. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- VIEIRA, Álvaro. (2012) - Casal e seis filhos menores vivem há meses em tenda num bairro do Porto. *Público*. Nº de série 8221. Outubro. 30. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>



- CARVALHO, Patrícia (2013) - Demolir Bairro do Nicolau é afinal uma urgência “subjectiva”. *Público*. Nº de série 8477. Junho. 12. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- A.V (2013) - Menezes e Moreira prometem realojar moradores do Bairro do Nicolau nas proximidades. *Público*. Nº de série 8514. agosto. 14. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- CARVALHO, Patrícia (2013) - Câmara do Porto vai avançar com demolição do Bairro do Nicolau nas Fontainhas. *Público*. Nº de série 8473. Junho. 16. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- COENTRÃO, Abel. (2013) - Moradores divididos entre o risco e o desejo de ficar na escarpa das Fontainhas. *Público*. Nº de série 8486. julho. 16. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- DIAS, Pedro Sales. (2013) - Lagarteiro acendeu à noite a luz que a EDP cortou de dia. *Público*. Nº de série 8605. Novembro. 17. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- DIAS, Pedro Sales. (2013) - Moreira critica cortes de luz sem aviso prévio. *Público*. Nº de série 8607. Novembro. 23. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- DIAS, Pedro Sales. (2013) - Moreira critica cortes de luz sem aviso prévio, Semedo lamenta “apartheid social”. *Público*. Nº de série 8607. Novembro. 23. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- MARTINS, Alexandre João. (2013) - PSP apreende mais de 8kg de cocaína no Porto. *Público*. Nº de série 8366. março. 20. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- VIEIRA, Álvaro. (2013) - Despejados do Bairro do Nicolau cederam ao Cerco da Câmara do Porto. *Público*. Nº de série 8513. agosto. 12. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- VIEIRA, Álvaro. (2013) - Despejados do Bairro do Nicolau cederam ao Cerco da Câmara do Porto. *Público*. Nº de série 8513. agosto. 12. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- CARVALHO, Patrícia. (2014) - Despejados do Bairro Nicolau regressam ao Bonfim. *Público*. Nº de série 8673. janeiro. 14. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>

- CARVALHO, Patrícia. (2014) - Despejados do Bairro Nicolau regressam ao Bonfim. *Público*. Nº de série 8673. janeiro. 15. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- DIAS, Pedro Sales. (2014) - Professora agredida numa escola onde dezenas de pais acorreram devido a falso caso de ébola. *Público*. Nº de série 8958. outubro. 12. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- DIAS, Pedro Sales. (2014) - Professora agredida numa escola onde dezenas de pais acorreram devido a falso caso de ébola. *Público*. Nº de série 8958. outubro. 12. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- CARVALHO, Patrícia. (2015) - Cultura em Expansão vai alastrar-se pela cidade até Dezembro. *Público*. Nº de série 9140. abril. 16. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- CARVALHO, Patrícia. (2015) - Câmara ainda não tem solução para a feira da Vandoma. *Público*. Nº de série 9264. agosto. 15. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- COENTRÃO, Abel. (2015) - Câmara começa hoje a demolir casas na escarpa das Fontainhas. *Público*. Nº de série 9061. dezembro. 14. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- COSTA, Rita Neves (2015) - Das Fontainhas para o Cerco, a Vandoma vive dias de incerteza. *Público*. Nº de série 9192. junho. 13. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- DUARTE, Mariana. (2015) - Bairro do Cerco, uma infinita canção. *Público*. Nº de série 9210. junho. Suplemento. 10. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- DUARTE, Mariana. (2015) - O charme de John Legend num Marés Vivas superlotado. *Público*. Nº de série 9225. julho. 27. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- GOMES, Margarida. (2015) - Costa e o debate com Passos: “Disse-lhe na cara aquilo que vocês sentem”. *Público*. Nº de série 9283. setembro. 4. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- GOMES, Margarida. (2015) - Costa e o debate com Passos: “Disse-lhe na cara aquilo que vocês sentem”. *Público*. Nº de série 9283. setembro. 4. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>

- CARVALHO, Manuel. (2016) - Simplesmente Marcelo. *Público*. Nº de série 9462. março .13. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- CARVALHO, Manuel. (2016) - Simplesmente Marcelo. *Público*. Nº de série 9421. março .13. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- CARVALHO, Patrícia. (2016) - Projecto OUPA! Pede ajuda para conseguir dar música a todos no Cerco. *Público*. Nº de série 9395. janeiro. 16. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- CARVALHO, Patrícia. (2016) - Da Cantareira à Baixa, da Baixa a Campanhã, eis a Cultura em Expansão. *Público*. Nº de série 9492. abril .14. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- CARVALHO, Patrícia. (2016) - O Cerco é uma família (a precisar de ajuda). *Público*. Nº de série 9460. março .6. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- CERQUEIRA, Fernanda. (2016) - Programa Integrado de Reabilitação de Bairros Sociais do Porto investe na zona oriental. *Público*. Suplemento. abril. 4. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- COENTRÃO, Abel. (2016) - A cidade, berço da crise, berço das soluções. *Público*. Nº de série 9642. setembro .9. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- COENTRÃO, Abel. (2016) - A cidade, berço da crise, berço das soluções. *Público*. Nº de série 9642. setembro .4. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- DIAS, Pedro Sales. (2016) - Polícia movido por “ódio racial” condenado por balear cigano. *Público*. Nº de série 9496. abril .14. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- DIAS, Pedro Sales. (2016) - Polícia movido por “ódio racial” condenado por balear cigano. *Público*. Nº de série 9496. Abril .14. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- GOMES, Margarida. (2016) - Marcelo canta o rap dos afectos. *Público*. Nº de série 9461. março .8. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- GOMES, Margarida. (2016) - Marcelo canta o rap dos afectos. *Público*. Nº de série 9461. março.8. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- NADAIS, Inês. (2016) - De Moçambique a Ramalde: o Teatro Municipal do Porto até ao fim do ano. *Público*. Nº de série 9640. setembro .28. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>

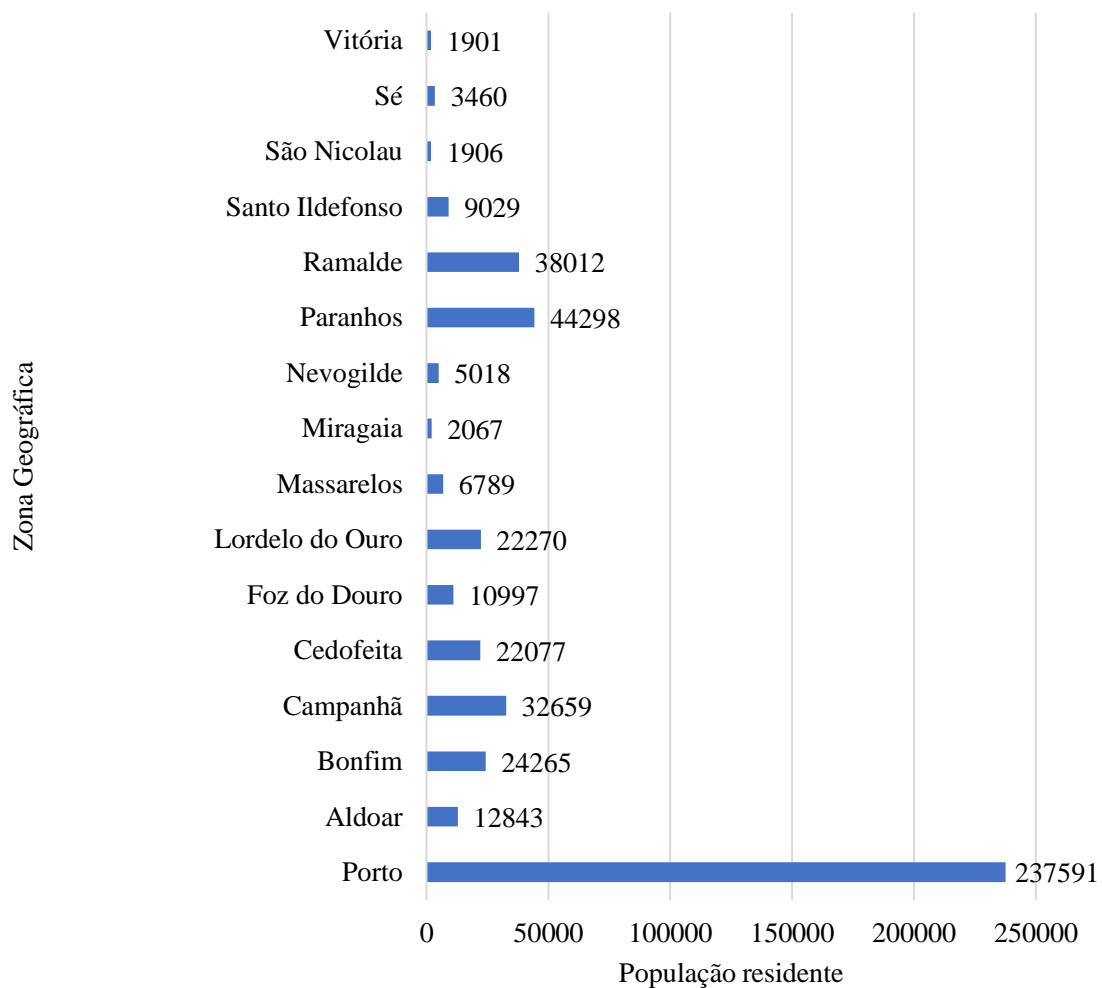
- NADAIS, Inês. (2016) - De Moçambique a Ramalde: o Teatro Municipal do Porto até ao fim do ano. *Público*. Nº de série 9640. setembro. 28. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- RIBEIRO, Nuno. (2016) - Institucionalismo com Cavaco, com Marcelo transversalidade. *Público*. Nº de série 9458. março .2. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- RIBEIRO, Nuno. (2016) - Institucionalismo com Cavaco, com Marcelo transversalidade. *Público*. Nº de série 9458. março. 2. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- CARVALHO, Patrícia. (2017) - Rendas dos bairros municipais do Porto actualizadas em Abril. *Público*. Nº de série 9814. março. 14. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- FARIA, Natália. (2017) - Toxicodependentes: “Aqui tratam-nos com graus abaixo de cão”. *Público*. Nº de série 9894. maio. 2. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- FARIA, Natália. (2017) - Toxicodependentes: “Aqui tratam-nos com graus abaixo de cão”. *Público*. Nº de série 9894. março .2. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- LUSA (2017) - Cristas defende obras públicas de proximidade. *Público*. Nº de série 10003. setembro .8. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- LUSA (2017) - Cristas defende obras públicas de proximidade. *Público*. Nº de série 10003. setembro. 8. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>
- MONTEIRO. Renata. (2017) - Não é cultura fora do sítio, é antes em expansão e está de regresso. *Público*. Nº de série 9820. março .14. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>

## Referências de sites, médias e blogues

- ANON. (2012). [Blogue]. *SLUTWALK. Porto*. [Em linha]. [Consultado pela última vez a 4 de setembro de 2018]. Disponível em: <https://slutwalkporto.wordpress.com/sobre/>
- CM MATOSINHOS (2018) – *Matosinhos Habit*. [Em linha]. [Consult. 4 de set. de 2018]. Disponível em: <http://www.matosinhoshabit.eu/conj-habitacionais>
- CM PORTO (2018) – *Domus Social*. [Em linha]. [Consult. 4 de set. de 2018]. Disponível em: <http://www.domussocial.pt/>
- CM PORTO (2018) – *OUPA!*. [Em linha]. [Consult. 4 de set. 2018]. Disponível em: [http://www.cm-porto.pt/cultura/agenda/oupa\\_2](http://www.cm-porto.pt/cultura/agenda/oupa_2)
- CM GONDOMAR (2018) – *Os serviços de Habitação*. [Em linha]. [Consult. 4 de set. 2018]. Disponível em: <http://www.cm-gondomar.pt/pages/104>
- GAIURB (2018) – *Habitação*. [Em linha]. [Consult. 4 de set. 2018]. Disponível em: <https://www.gaiurb-habitacao.pt/parquehabit>
- PÚBLICO, Jornal (2018). [Podcast]. *Esmeralda, a “presidenta” que ajuda as mulheres do bairro a irem para a cama “de cabeça aliviada”*. [Em linha]. [Consult. 5 de set. 2018]. Disponível em: <https://www.publico.pt/2018/01/11/local/noticia/esmeralda-a-presidenta-que-ajuda-as-mulheres-do-bairro-a-irem-para-a-cama-de-cabeca-aliviada-1798924>
- VIVA!O GRANDE PORTO ONLINE (2016) – *MAI com plano de intervenção em bairros do Porto para combater vulnerabilidades*. [Em linha]. [Consult. 5 de set. 2018]. Disponível em: <http://www.viva-porto.pt/Em-Destaque/mai-com-plano-de-intervencao-em-bairros-do-porto-para-combater-vulnerabilidades.html>

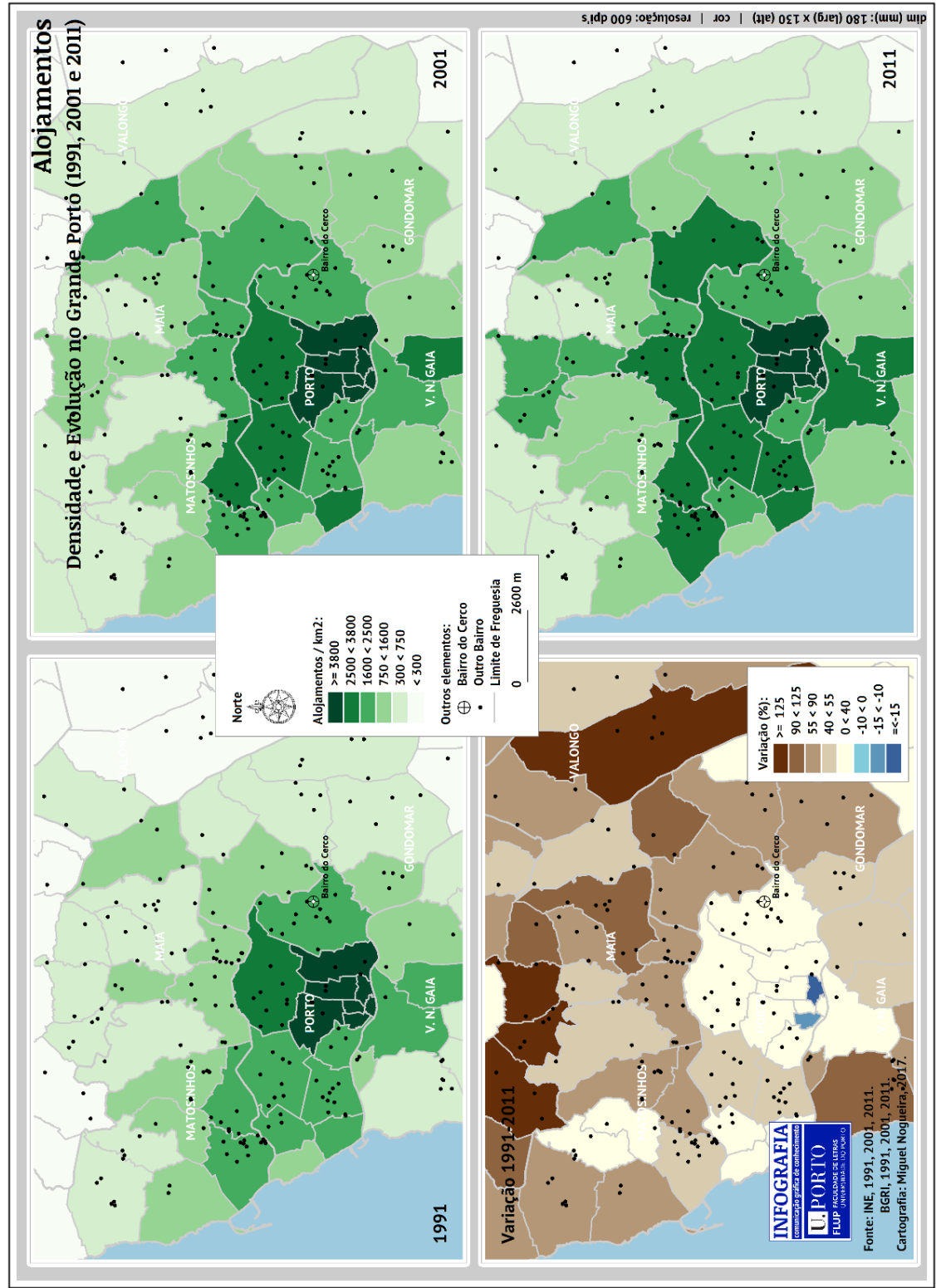
## **Anexos**

**Anexo 1: Gráfico com valores para a população residente (total), de acordo com as freguesias com base nos Censos de 2011.**



Fonte: Censos 2011, INE

**Anexo 2: Mapa com informação da BGRI relativa aos alojamentos e a sua evolução no Grande Porto em 1991, 2001 e 2011**



Fonte: INE, 1991, 2001, 2011; BGRI, 1991, 2001 e 2011



### Anexo 3: Categorias e subcategorias de análise para os discursos mediáticos

Temática	Categoria	Subcategoria
<b>A problemática da habitação</b>	Habitação Social	Condições de vida; Outros aspetos;
	Questões Habitacionais	Domus Social; Realojamentos;
<b>Discursos e opiniões políticas</b>	Intervenção do Estado	Demolições; Reabilitação; Intervenção na Cidade;
	Importância da Política	Despejo; Intervenção na freguesia de Campanhã; Discursos Políticos;
<b>Temáticas lúdicas, Culturais e Sociais</b>	Relevância Cultural	Relação entre cultura e bairro; Festivais; OUPA! Teatro
	Relevância Social	Estigma; Exclusão social;
<b>Atos ou notícias com carácter de violência</b>	Violência	Droga; Tiroteio; Homicídio; Agressões;
<b>Problemas referidos</b>	Outros assuntos	Cortes de luz; Feira da Vandoma;

## Anexo 4 Legenda para a Figura 6 e 7

1	Corga	55	Agra do Amial	109	Carcavelos
2	Moutidos - Maria Casal	56	Carriçal	110	Cruz de Pau 25 de Abril
3	Paço	57	Carvalhido	111	Cruz de Pau Austrálias
4	Rodrigo Gonçalves Lage	58	Outeiro	112	Refinaria Angola
5	Arregadas	59	Regado	113	Seara
6	Senhor Dos Aflitos	60	Bom Pastor	114	Tarrafal
7	Arroteia	61	Monte São João	115	Fundação Salazar
8	António Simões	62	Vale Formoso	116	Custóias Antigo ( ex Igaphe)
9	Teibas I	63	Sta. Luzia	117	Teixeira Lopes
10	Arroteia pré fabricados	64	Campinas	118	São Tiago de Custóias
11	Teibas II	65	Francos	119	Guarda Antigo
12	Alves Redol	66	Central de Francos	120	Guarda I
13	Palmilheira	67	Ramalde	121	Guarda II
14	Sampaio	68	Choupos	122	Farrapas
15	Montes da Costa	69	Viso	123	Ribeiras I
16	Mirante dos Sonhos	70	Fontinha	124	Ribeiras II
17	Saibreiras	71	Cabanas	125	Sendim
18	Triana	72	Biquinha - N	126	Gatões
19	Areias	73	Biquinha Antigo	127	Estação
20	Mineiro	74	Biquinha I	128	Telheiro
21	Carreiros	75	Biquinha II	129	Laranjeiras
22	Boavista	76	Biquinha III	130	Moalde
23	Serra Amarela	77	Ponte	131	Caixa Têxtil
24	Aldoar	78	Sobreiro	132	Lagoa
25	Fonte da Moura	79	S. Gens	133	Padrão da Légua
26	Duque Saldanha	80	S. Gens Pré-fabricado	134	Estádio do Mar
27	Fernão Magalhães	81	S. Gens II (1º Fase)	135	Estádio do Mar II
28	Fontainhas	82	S. Gens II (2º fase)	136	Estádio do Mar III
29	S. João de Deus	83	Vila D'Este	137	Real de Cima
30	São Vicente de Paulo	84	Bela Vista	138	Custió
31	Cerco do Porto	85	Outrela	139	Recarei
32	Cerco do Porto - Novo	86	Baldeirão II	140	Bataria
33	Engenheiro Machado Vaz	87	Porto Carro	141	Monte Espinho
34	Pio XII	88	Urbanização Mãos à Obra	142	Chouso
35	São Roque da Lameira	89	Barranha	143	Cidres
36	Contumil	90	Urbanização da Azenha de Cima	144	Alberto Martins Andrade
37	Falcão	91	Cooperativa da Prelada	145	Balteiro II
38	Lagarteiro	92	Balsehas	146	Balteiro III
39	Monte da Bela	93	Sta. Bárbara	147	Bela Vista
40	Falcão	94	Pereiras	148	Boa Nova
41	Antas	95	Seixo I	149	Cancela
42	Ilhéu	96	Seixo II	150	Caváco I
43	Salgueiros	97	Vilar	151	Caváco II
44	Rainha D. Leonor (I)	98	Giesta	152	Coronel Pinto Simões
45	Pasteleira	99	Vinhal	153	Cova da Loba II
46	Lordelo	100	Arcos Sardão	154	Crasto
47	Dr. Nuno Pinheiro Torres	101	Quebrantões	155	D. António Ferreira Gomes
48	Bessa Leite	102	Quinta Mesquita	156	D. Armindo Lopes Coelho
49	Mouteira	103	Calvário	157	D. Manuel Clemente
50	Condominhas	104	Meilão	158	D. Manuel Martins
51	Pasteleira	105	Habival	159	Dr. Adelino Amaro da Costa
52	Rainha D. Leonor (II)	106	Monte Penedo	160	Dr. Barbosa de Melo
53	Bom Sucesso	107	Cruz do Pau Antigo	161	Dr. Francisco Pinto Balsemão
54	Parceria e Antunes	108	Bairro dos Pescadores	162	Dr. Mário Cal Brandão

163	Dr. Mota Amaral	209	Ponte das Cabras-Pátio de Almorode	255	Água Longa
164	Eusébio da Silva Ferreira	210	Folgosa	256	Areias
165	General Ramalho Eanes	211	Souto de Cima	257	Monte Córdova
166	Manuel Pacheco Miranda	212	Brisa- Pré-Fabricados II	258	Palmeira
167	Monte Grande (1º Fase)	213	Aldeia	259	Reguenga
168	Monte Grande (2º Fase)	214	Lagielas	260	Rebordões
169	Monte Grande (3º Fase)	215	Travessa dos Coriscos	261	Roriz
170	Monte Grande (4º Fase)	216	Outeiro	262	Argemil
171	Padre Américo	217	Bouça	263	Santo Tirso - Gonçalves Zarco
172	Padre Vitor Melícias	218	Dr. Durão Barroso- Mó	264	S. Martinho do Campo
173	Perosinho	219	Padre Joaquim Alves das Neves	265	S. Miguel do Couto
174	Presa Nova	220	Padre Vaz	266	S. Tomé de Negrelos
175	Prof. Carlos Alberto Mota Pinto	221	Barreiro	267	Sequeirô
176	Rosa Mota	222	Robert Auzelle	268	Vila das Aves
177	Ruy de Carvalho	223	Norbiceta 1º Fase- Ponte da Pedra	269	Vilarinho
178	Tabosa	224	Norbiceta 2º Fase	270	São Bartolomeu
179	Aleixo	225	Rua das Cavadas	271	Santa Cristina do Couto
180	Travessa de Salgueiros	226	Cutamas I	272	Pinheirinho
181	Empreendimento das Musas	227	Cutamas II	273	Ringe
182	Pereiró	228	Fontela	274	Ponte do Carro/Santa Cruz do Bispo
183	Maia I	229	Medas	275	Praia de Angeiras
184	Maia II	230	Branzelo		
185	Moreira	231	Labercos		
186	Maninhos	232	Trás da Serra		
187	Catassol	233	Monte		
188	Brisa- Pré-Fabricados I	234	Covelo		
189	Porto Bom	235	Monte Crasto		
190	Anta-Pré-Fabricados	236	Ribeiro		
191	Gaveto de Gonçalo Mendes da Maia-Arroteia	237	Tardariz Pré- Fabricados		
192	Gondim II	238	Tardariz		
193	Gondim I	239	Casas Amarelas		
194	Gondim III	240	Belo Horizonte e Silveirinhos		
195	Gil Eanes	241	Padre Vidinha		
196	Monte Vilar - Vilar de Baixo	242	Santo António		
197	Figueiras	243	Várzea		
198	Xisto	244	Gandra		
199	Lidador	245	Baldeirão I		
200	Cardosas	246	Galinheiro		
201	Fábrica	247	Padre António Vieira		
202	Couso-Sendal	248	1º de Maio		
203	Frejufe	249	O Sonho		
204	Bajouca	250	Empreendimento "O Sonho"		
205	5 de Outubro- Vessada	251	Empreendimento de Cristelo		
206	Pinhal	252	Empreendimento de Gondalães		
207	Paiol	253	Empreendimento de Lordelo		
208	Oliveira de Braga	254	Agrela		

## Anexo 5: Cronograma de pesquisa

	2017				2018								
	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.
Definição do objeto de investigação													
Pesquisa bibliográfica													
Observações e conversas exploratórias													
Problemática teórica de referência													
Criação do modelo de análise e elaboração das técnicas													
Aplicação de entrevistas													
Aplicação de outras técnicas (observação)													
Cartografias Temáticas													
Análise e verificação dos dados recolhidos													
Entrega do projeto final (conclusões)													

### Legenda:

Conceptualização



Processo Metodológico



Lógica empírica



## Anexo 6: Categorias e dimensões para os registos de Observação direta

Observadora:
Data:
Hora:
Local:

Conceito	Dimensões
Caracterização sociodemográfica	Género; Idade;
Modos de apresentação de si (Goffman)	Vestuário; Temas de conversa; Modo e forma como os indivíduos dialogam;
Familiaridade com o meio	Modo como circulam no bairro; usufruto das associações, escola primária e espaços de lazer como o café;
Comportamentos/atitude	Modo como interagem com outros indivíduos; Atitudes adotadas face ao investigador; Modos como utilizam os espaços do bairro como os bancos e espaços amplos e o ringue por exemplo; Diferenças nos comportamentos e atitudes de acordo com a faixa etária e o género dos indivíduos
Espaço físico	Descrição do bairro: ruas, prédios, associações, café, escola e meio envolvente (ruas de acesso ao bairro do cerco)

## **Anexo 7: Guiões de entrevistas semiestruturadas ao nível das biografias/histórias de vida**

### **Guião de Entrevista para Histórias de Vida**

*Sofia Sousa, Faculdade de Letras da Universidade do Porto*

*Orientação da Professora Doutora Paula Maria Guerra Tavares*

Fontes: Guerra, 2010; Rodrigues, 2017

<b>Entrevistadora:</b> Sofia Sousa
<b>Dados Sociodemográficos</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Nome</li><li>• Idade</li><li>• Profissão [última e atual] o mais detalhada possível</li><li>• Local de residência [opcional identificar o Bloco]</li><li>• Nível de escolaridade; Estado civil;</li><li>• Qualificações profissionais especializadas [técnicas; conhecimentos específicos etc];</li><li>• Grupo doméstico [composição e idades]</li></ul>
<b>Dados de entrevista:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Data</li><li>• Hora</li><li>• Local</li><li>• Duração</li></ul>

#### **1. A trajetória do Eu**

##### **1.1 O Eu**

- 1.1.1 Onde nasceu?
- 1.1.2 Qual o local de origem dos seus familiares [pai, mãe e irmãos]?
- 1.1.3 Qual ou quais as profissões dos seus pais e irmãos [se se aplicar]?
- 1.1.4 Com quem vive?
- 1.1.5 Qual a importância da sua família na sua vida? Influenciaram a sua trajetória de vida?
- 1.1.6 O que gostaria de ter sido quando era pequena?
- 1.1.7 Onde gostaria de ter morado? Porquê?
- 1.1.8 O que gosta de fazer nos seus tempos livres?

##### **1.2 O Eu na Educação**

- 1.2.1 Qual é o seu nível de escolaridade?
- 1.2.2 Com que idade terminou a sua escolaridade?
- 1.2.3 Como avalia o seu percurso escolar e a sua passagem pela escola? Foi uma experiência positiva?
  - 1.2.3.1 Se fosse hoje, o que mudava na sua passagem pela escola? Fazia algo diferente? Porquê?

1.2.4 Tem filhos a estudar? Acha importante os estudos na vida futura de uma pessoa? Quais os motivos?

1.2.5 Na sua família existem casos de insucesso escolar, abandono escolar, baixa escolaridade ou analfabetismo? Porquê?

### 1.3 O Eu geográfico

1.3.1 Já viveu noutros locais sem ser no Bairro do Cerco? Quais?

1.3.2 Sempre viveu em habitações sociais? Se sim, qual a diferença entre as mesmas e o Bairro do Cerco?

1.3.3 Porquê e desde quando reside no Bairro do Cerco?

1.3.4 O que pensa do local onde vive? [bloco, bairro e arredores]

1.3.4.1 A sua família partilha da mesma opinião? Quais pensa serem os principais motivos?

1.3.5 Gostava que os seus filhos continuassem a viver neste bairro? Porquê?

1.3.6 Se tivesse que mudar de casa para onde gostaria de ir? Porquê?

1.3.7 Qual é a casa dos seus sonhos e porquê?

## 2. **O Eu Face à exclusão social**

2.1 Considera que viver num Bairro Social é diferente de viver em outro espaço? Porquê? Quais são as repercussões que isso teve na sua vida e na vida da sua família?

2.2 Acha que viver num Bairro dificulta a mudança de certos aspetos da sua vida? [mudança de emprego, por exemplo] Porquê?

2.3 Viver num Bairro influencia, na sua opinião, a forma como outros interagem consigo e a forma como a vêem? Quais os motivos?

2.4 Considera que os discursos dos meios de comunicação social correspondem à realidade do Bairro? Porquê?

2.4.1 Ao ler as notícias e ouvir pessoas a falar negativamente dos Bairros Sociais e dos seus habitantes, como a faz sentir? Porquê?

2.4.1.1 O que faria para mudar essas opiniões e discursos?

2.5 Como descreveria a sua relação com as mulheres [e outros indivíduos] do Bairro? Porquê?

2.6 Como descreveria a sua relação com as mulheres [e outros indivíduos] fora do Bairro ? Porquê?

2.7 Sente que faz parte [integrada] da Cidade do Porto? Porquê?

2.8. O que acha do papel das associações [da pesca, lar de idosos, OUPA!, CERPORTO] dentro do Bairro? Porquê?

2.9 Considera que o trabalho realizado na CERPORTO a irá beneficiar? Porquê?

2.10 Qual o impacto da intervenção/ contacto com a instituição CERPORTO na sua vida? Porquê?

### **3. O Eu em contexto Habitacional**

- 3.1. Existem conflitos dentro do Bairro ou no espaço envolvente? [Se sim] Com que frequência? Em que locais?
- 3.2. Existem / comportamentos/ atitudes agressivas dentro do Bairro? Em que locais? Com que frequência?
- 3.3. Sente-se segura a viver no Bairro? Porquê?
- 3.4. Identifica-se com os modos de vida do Bairro? Porquê?
- 3.5. Existem atividades dentro do Bairro que envolvam todo o espaço? Quais? Com que frequência?
- 3.6. O que pensa dos serviços dentro do Bairro [lojas, cafés, associações, sistema de saúde etc]? Porque?
- 3.8. Como caracteriza os aspetos das habitações? [fachadas, ruas, limpeza, pavimentos, espaços públicos etc.]. Porquê?
- 3.9. O que mais gosta do local onde vive? Porquê?
- 3.10. O que menos gosta do local onde vive? Porquê?
- 3.11. Acha que o Bairro oferece condições favoráveis de vida? Porquê?

### **4. O Eu na Comunidade**

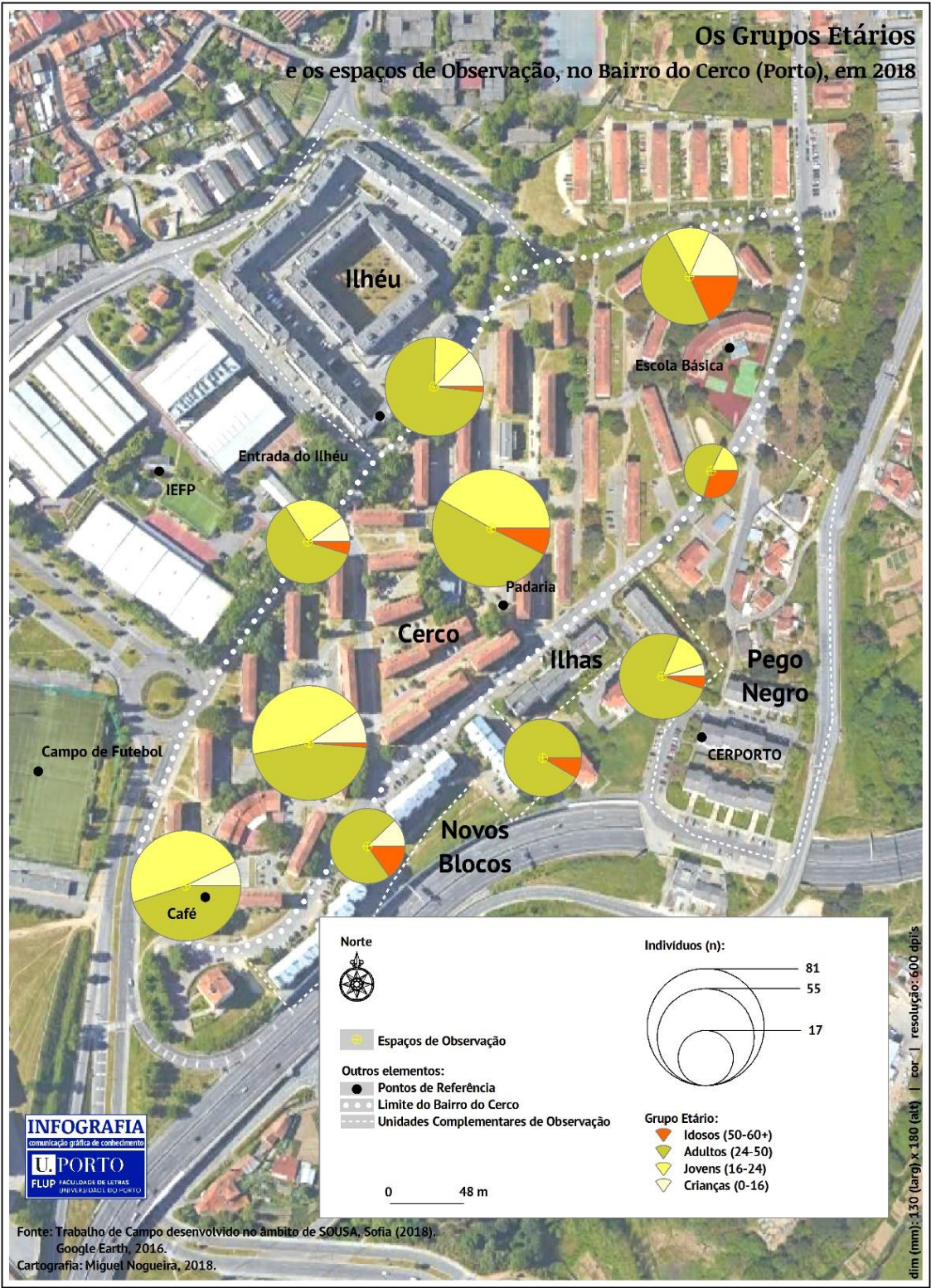
- 4.1. Como ocupa o seu dia-a-dia?
- 4.2. Quais são os principais locais, dentro do Bairro, utilizados pelos moradores para ocupar os seus tempos livres?
- 4.3. Considera que deveriam ser feitas mais iniciativas de carácter cultural para os moradores? Quais e porquê?
  - 4.3.1 Se as mesmas fossem feitas [caso dos concertos do OUPA! Por exemplo] acha que teriam adesão por parte dos moradores?
- 4.4. Considera que o facto de viver no extremo na cidade influencia o consumo cultural [no centro da cidade]? Porquê?
- 4.5. Como se relaciona com os seus vizinhos? Porquê?
- 4.6. Como caracteriza as relações/reações dos moradores do bairro face a não moradores? Porquê?
- 4.7. Considera que a vida num Bairro Social é mais ou menos solitária do que a vida no centro da cidade? Porquê?
- 4.8. Faz parte de alguma associação? Porquê?
- 4.9. Qual a importância de uma comunidade para si? Porquê?
- 4.10. O que mudou na sua vida [aspeto negativo e positivo] desde que vive aqui?

### **5. O Eu no Futuro**

- 5.1. Tem intenções ou gostaria de mudar de casa? Porquê? Para Onde?
- 5.2. Está satisfeita com a sua situação de vida? Porquê?
- 5.3. O que gostava de mudar no Bairro? Porquê?
- 5.4. O que não gostaria de ver alterado no Bairro? Porquê?
- 5.5. Qual é o seu principal sonho ou objetivo de vida?



Anexo 8: Mapa com os grupos etários observados



Fonte: Elaboração própria.

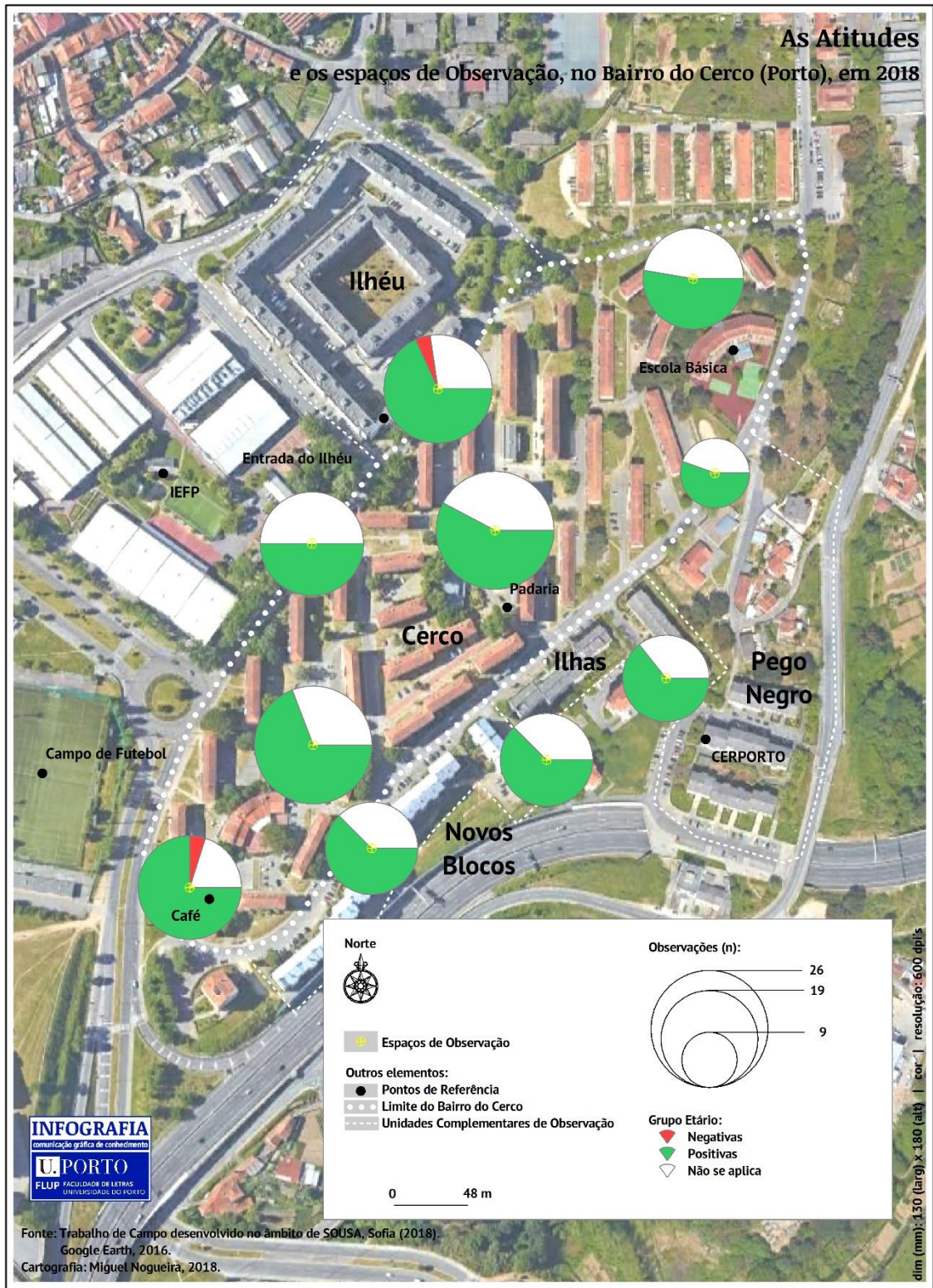
**Anexo 9: Tabela relativa aos comportamentos observados para o sexo masculino**

Comportamento	Local						
	Associações	Blocos	Café	Praça/Descampado	Ringue	Ruas	Supermercado
Beber			18	6			
Conversar	4	8	27	16	9	46	
Estender roupa		9					
Fumar		2	17	16	21	3	
Limpar							
Parados						3	
Sentados		3				4	

Fonte: Elaboração própria.

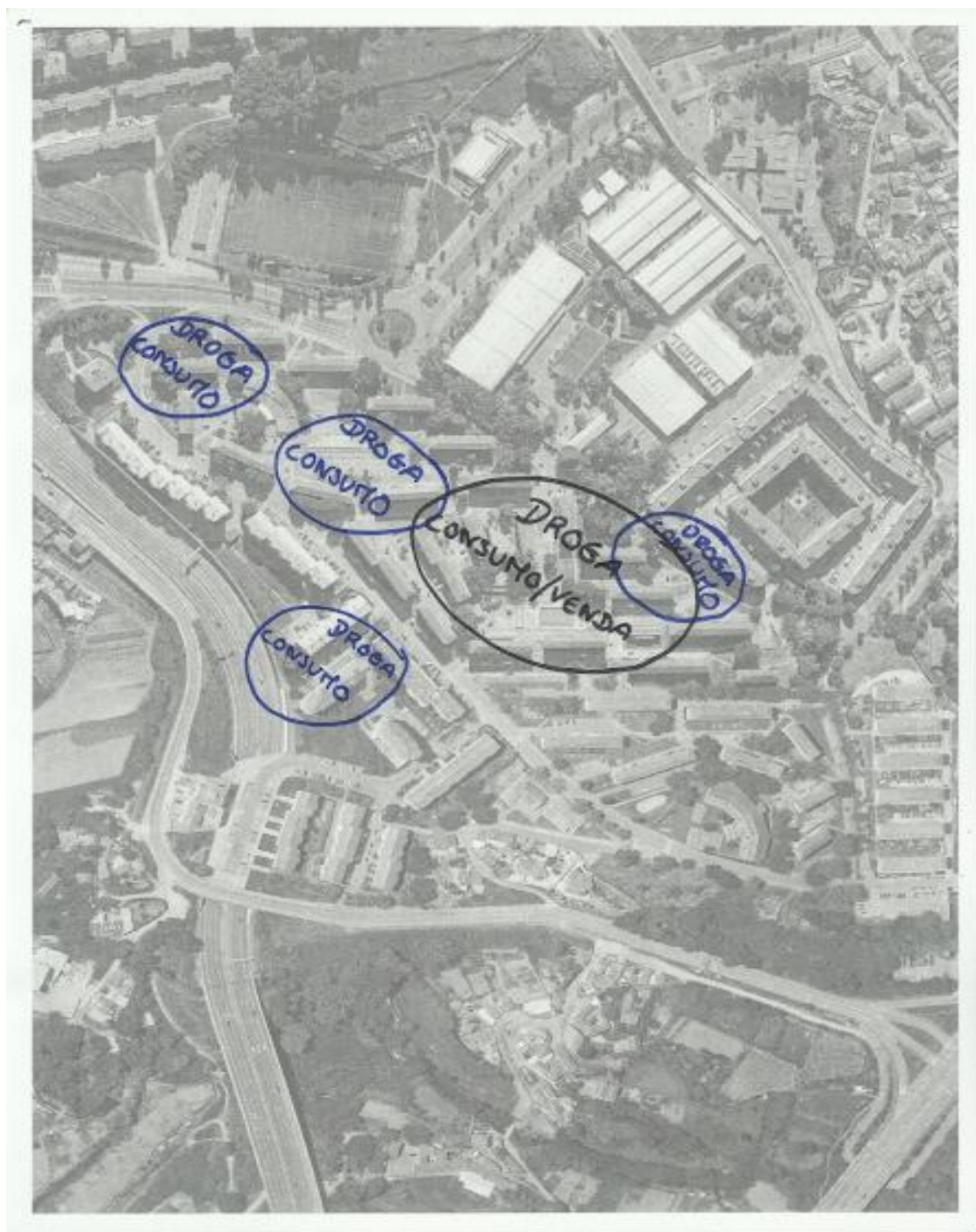


Anexo 10: Mapa com as atitudes observadas



Fonte: Elaboração própria.

**Anexo 11: Mapa síntese referente aos polos de venda e/ou consumo de SPA**



Fonte: Elaboração própria.

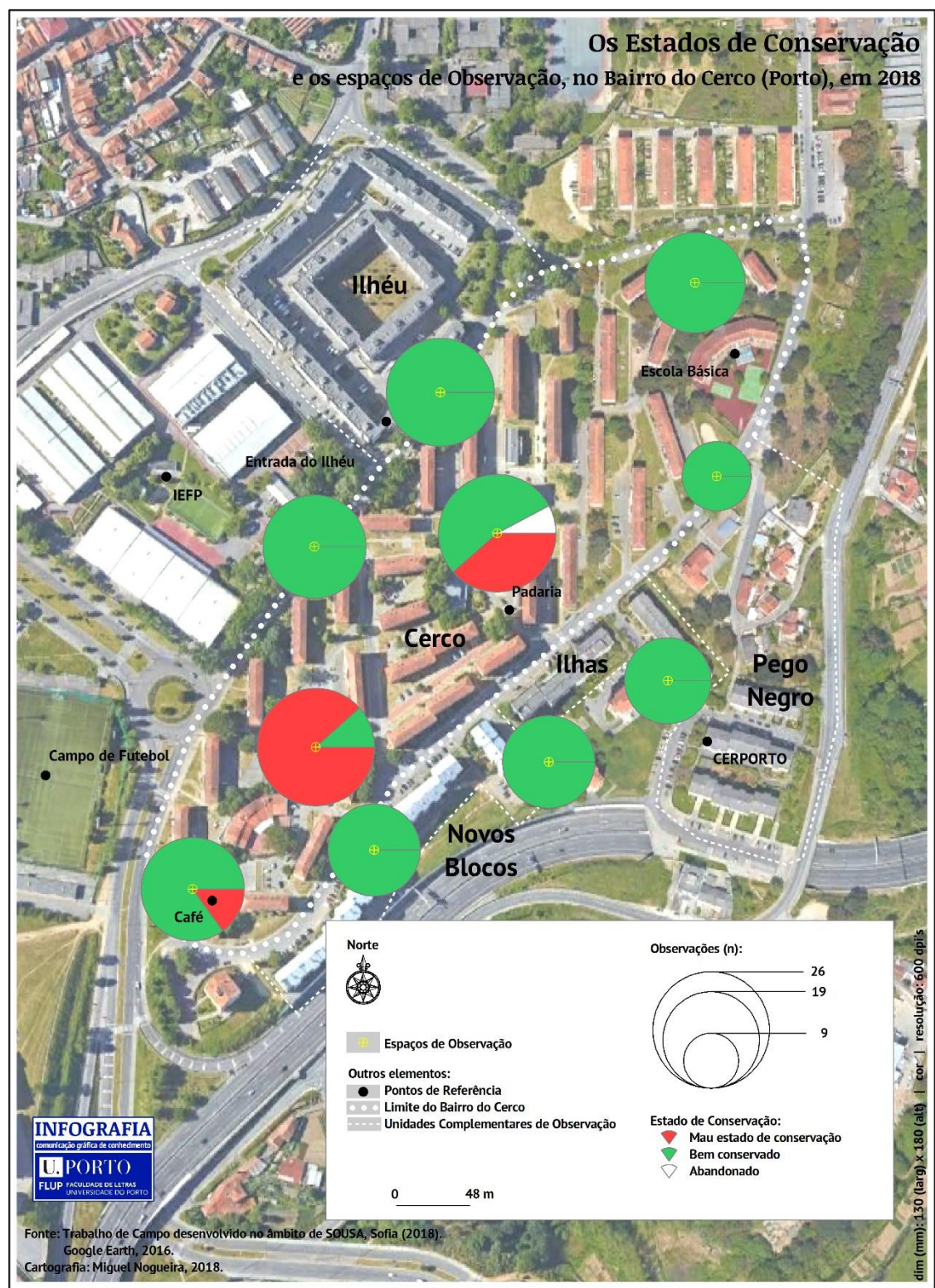
## Anexo 12: Categorias e subcategorias de análise para as entrevistas

Tema	Categoria	Subcategorias
As Trajetórias do Eu	Perfil sociodemográfico;	Escolaridade do Ego (aspetos positivos e negativos da passagem pela escola);  Escolaridade do grupo doméstico ascendente e descendente (irmãos, pais e filhos);  Estado civil;  Percurso profissional do Ego;  Percurso profissional do grupo doméstico;
	Estruturação do Self;	Relevância da família na estruturação do Self;  Lazeres e sociabilidades quotidianas;  Pertenças e afetos face ao Bairro (sentimentos, distanciamentos e aproximações;)
O Eu perante a exclusão social	Exclusão Social	Vivência da exclusão social no e do bairro (impactos);  As marcas de exclusão no percurso profissional (estigmas e estereótipos);
	Auto e Hétero exclusão	As representações do bairro pelos média;  As representações do bairro pelo <i>outro</i> ;  Hétero exclusão (estigma perante quem mora no bairro);  Auto exclusão (constrangimentos inerentes à vivência no bairro);
	Exclusão e vivência na cidade	Diferenças entre o Bairro e outros locais (centro da cidade ou outros bairros);

O Eu no Contexto Habitacional	Habitação e espaço envolvente	<p>Conflitos (opiniões ou relatos);</p> <p>Atividades (opiniões ou relatos);</p> <p>Serviços (opiniões);</p> <p>Habitações (caracterização);</p> <p>Espaços públicos (caracterização);</p> <p>O que mais gosta;</p> <p>O que menos gosta;</p>
O Eu na Comunidade	Relações de sociabilidade e interpessoais	<p>Relações de vizinhança;</p> <p>Interações;</p> <p>Sentimento de pertença a uma comunidade;</p> <p>Etnia cigana (sentimentos e interações);</p> <p>Redes de apoio;</p>
O Eu no Futuro, Presente e Passado	Objetivos, Projetos e Histórias;	<p>Sonhos;</p> <p>Objetivos e Projetos;</p> <p>Mudanças (onde gostaria ou não de viver);</p> <p>O que mudava no Bairro;</p> <p>O que não mudava no Bairro;</p> <p>Memórias descritivas do Bairro;</p> <p>Memórias/ Histórias de Vida partilhadas;</p>
Eu, identidades e alteridades	Sentimentos e Representações	<p>O que penso de mim como cidadã do Bairro, do Porto e de Portugal;</p> <p>O que os outros pensam de mim como cidadã do Bairro, do Porto e de Portugal;</p>



Anexo 13: Mapa com os estados de conservação no bairro do Cerco do Porto



Fonte: Elaboração própria.